OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

V

VOLUMES PUBLICADOS

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

V

ROMANCES E NOVELLAS — III

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

4.ª EDIÇÃO

VOLUME II

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA

R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*

1907

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

CAPITULO XII

Philippe em terra d'amigos

Apenas entrava o commendador na casa de jantar, mal o abbade gemêra tres suspiros melancholicos, outra pancada na porta da rua deixou todos suspensos, e com a mão nas costas das cadeiras, porque d'esta vez a irregularidade da visita não tinha explicação.

—*Qui mihi cum Agamnenone?*—exclamou Lourenço Telles, virando-se com enfado para o inventor do livro dos Pavões. Este encolheu os hombros, e calou-se entrincheirado na sua dignidade.

Entretanto reluzia a prata das terrinas e talheres; a louça da China com seus relevos caprichosos brilhava pelas variadas côres, e pela diversidade das figuras e flores.

O caldo de arroz, e o gallo do estylo, o prato obrigado de hervas, coroado de torradas recortadas, as tortas e outros acepipes perfumavam a sala. Os vinhos eram excellentes e faziam sêde, espelhando-se no crystal das garrafas.

Fructas sêccas em cestos arrendados, uns de louça, outros de prata; e delicados doces em vasos de vidro campeavam nos magnificos aparadores de pau santo, levantados nos topos da casa.

O abbade, em virtude de posse immemorial, exercia o officio de trinchante mór; exacto no desempenho das augustas funcções, floreteava a face e o garfo sobre o cadaver do acerejado gallo.

Todos esperavam de pé a volta de Jasmin, despachado por seu amo para saber o nome do interruptor. O escudeiro pouco se demorou, voltando com uma boquinha, que na sua opinião tinha a malicia de um sorriso ironico.

Da visagem do fiel correio tirou o commendador favoravel agouro, e sentou-se completamente socegado. O resto da familia imitou-o, com uma longa interjeição na vista.

O abbade, impassivel, recolhido, e solemne como summo sacerdote que era d'aquelle sacrificio, ameaçou as juntas do gallo, usando com o garbo de uma practica feliz.

Entretanto Jasmin apoderava-se do ouvido do commendador, e dizia-lhe um segredo. O velho sabio deu um pulo, esfregou as mãos, olhou para as meninas, e sobre tudo para Thereza, e em voz baixa passou algumas ordens, que o escudeiro logo cumpriu, sahindo nos bicos dos pés, e em ar mysterioso.

Esta scena quasi theatral redobrou a curiosidade, e tornou mais repetidos os pontos de interrogação de Magdalena para suas filhas, e de Philippe para Magdalena.

A ceia começou pelo caldo, e Lourenço Tel-

les, bebendo com pausa, corria os olhos pelos circumstantes, impenetravel como um cardeal no conclave, malicioso que nem um critico roido de inveja. Quando os seus olhos encontravam os de Thereza, a bocca um pouco sorvida do antiquario deixava fugir certo sorriso equivoco.

O nosso capitão era curioso como uma velha, e meneava-se impaciente, e ardendo em desejos de chapar uma pergunta na bochecha do tio sabio; porém sentindo os signaes de sua mulher continha-se.

Lourenço Telles gosava interiormente da perplexidade do sobrinho, e cada vez estava menos disposto a pôr-lhe termo. Para desviar qualquer insinuação, dirigiu-se de repente ao padre mestre frei João dos Remedios, assentado ao pé do abbade, perguntando-lhe:

—Então que nos diz dos negocios da sua devota communidade o padre procurador?

Era tocar na corda sensivel. O procurador sobresaltou-se; puxou o barretinho para a testa; dobou os pollegares um em roda do outro; e respondeu com melancholia:

—Digo que vão o peior possivel, senhor Lourenço Telles. Está correndo o prazo fatal, e a todos os respeitos bem fatal!

—E depois?

—Ficaremos espoliados, e ainda por cima escarnecidos. Seja feita a vontade de Deus! altos mysterios seus!

—Não gosto de o vêr assim, Fr. João!—Horacio disse: *Altior Italiae ruinis.* Seja superior á desgraça. Um homem lido e práctico em negocios forenses não desanima tão depressa!

—Ah, commendador, isso era n'outro tem-

po, mas hoje!... Em fim são culpas, que se estão pagando!

—*Delicta majorum immeritus lues.* Estão penando o peccado antigo? Vamos. Animo grande! Talvez el-rei mais bem informado...

—El-rei? Devia dizer os jesuitas. Não espero nada. Saiba que não descançam em quanto não nos humilharem. Assim se diz em S. Roque pelo menos. *Sed cor contrictum et humiliatum Deus non despiciet!* Levantaremos o coração a Deus. Senhor Lourenço Telles, a ordem de S. Domingos appellará do rei da terra para o rei dos céus!

—Louvo; porém antes de ceder, porque não tentam ainda a fortuna? Diga: supondo os ministros do desembargo illudidos, ainda temos os secretarios de estado...

—Engana-se!—clamou o Dominico, dando largas á ira— tribunaes e secretarios de estado juram fidelidade á Companhia de Jesus antes de a jurarem a el-rei. Os ministros sabem que o verdadeiro despacho não é no Terreiro do Paço, mas na casa professa de S. Roque. O sceptro está nas mãos omnipotentes de um ministro mais poderoso que todo o clero, nobreza e povo d'esto reino. D. Pedro II, commendador, já não é o mesmo homem; está ascetico e doente; vive triste e desconfiado da salvação... Quem reina em seu logar é o padre confessor Sebastião de Magalhães!

—Não acredite! São historias.

—São verdades, meu amigo. Nada se faz senão pelo voto do confessor; até o metteram no conselho de estado entre a primeira fidalguia!... Elle é que animou os vendilhões a desobedecer-nos, com elle se aconselharam, e

por elle foi dictada, em pleno claustro, essa vergonhosa provisão que poz aos pés de meia duzia de regatões a Ordem dos Prégadores! Sabe-se tudo!

—Ahi está porque vão mal as coisas... Mas empenhem-se vossas reverendissimas, trabalhem... Preso por um, preso por mil. Queixem-se, digam a verdade a el-rei, saiba todo o reino que estamos sendo governados pela roupeta de Santo Ignacio.

—Esse é, e sempre foi o meu parecer! Mas vão lá falar em tal ao definitorio? Metteramse na demanda, chegaram ás ultimas extremidades, e agora encolhem-se. Esperem e verão o resto... Os jesuitas lhe dirão o mais. Vencido, mas não convencido, tentei resistir, e expôr-me, sem expôr ninguem. Compuz o sermão da capella real, e, tomando para texto o fermento dos phariseus, carreguei a mão no retrato da soberba e da cubiça da Companhia, avisando el-rei e a côrte. Dictei-o, decorei-o, e não disse nada a ninguem. O que imagina que succedeu? Rebenta-me um aviso, em que me dizem, que estava dispensado de prégar na minha semana, e que de futuro entendesse que era vontade de sua magestade que os prégadores da sua real capella se abstivessem de discussões politicas! Fiquei parvo! O sermão estava na minha gaveta, a chave no meu bolso, e apezar d'isso tinham-o visto, tinham-o lido!

—Alguem o descobriu...

—Ninguem, commendador! Se eu dictei o sermão ao escrevente, homem desmemoriado e fiel; estivemos sempre sós; e nunca o mostrei a pessoa alguma! Agora expliquem-me como

o viu o padre confessor, porque é indubitavel que o viu; e se não, como citou elle de proposito a ordem do discurso, e até as proprias palavras no seu aviso!? Não póde attribuir-se senão a bruxaria!

—E' bicho de sete cabeças! Agua benta—gritou Philippe.

—Parece incrivel!—observou Lourenço Telles.—E o que tenciona fazer?

—Resta ainda um meio. Quero tentar o ultimo recurso; não o declarei, nem declaro. Veremos se adivinham tambem.

—Ha de custar!

—Digo só: veremos! Nunca fui visionario, não sou supersticioso, mas vou-me fazendo. Se traço um plano, acho-o cortado. Escrevo um papel? E' contar com outro, como se o meu estivesse á vista. Os segredos do definitorio, cujas actas tenho debaixo de chave, apregoam-se em S. Roque no dia seguinte. De proposito escolhi um leigo e um servente, quasi idiotas, que não sabem ler, nem escrever. Quem rouba o segredo das minhas chaves, e copia os papeis do meu bufete?

—Deus sobre tudo, padre mestre. Quer do peito ou da aza d'este gallo? Um copo de barra a barra?

—Obrigado! Trago um fastio mortal; um dedal de vinho basta. Persisto, senhor Lourenço Telles: a Companhia de Jesus achou modo de viver no meio de nós. Senta-se ao nosso conselho, participa dos nossos segredos, e lê por cima do hombro quanto se escreve. Sondei, puz escutas, não vi nada, não ha nada. São os mesmos prelados; é a mesma gente. E apezar d'isso protesto e juro, que o auxilio de

um homem poderoso allumia os actos da Companhia. Diogo de Mendonça, que é todo nosso, como sabe, acha-se em egual apuro, e não chega mais adeante do que eu. Se vai a expor em conselho algum negocio, dos que elle costuma estudar comsigo, o padre confessor sorri-se, e el-rei entra a repetir-lhe o que se passou de mais particular! Ah, commendador, sou castigado pelo meu orgulho. Attribui á sciencia humana o que era devido ao auxilio divino.

As lagrimas cahiam pela cara abaixo a frei João: a voz sonora suffocava-se, e o desalento prostrava-lhe a physionomia, tão risonha d'antes. Sentia-se ferido mortalmente, e nem tinha a triste consolação de descobrir o inimigo occulto, que o desassocegava.

—Ora pois, frei João,—accudiu Lourenço Telles—é preciso valor e conformidade. O mau tempo ha de passar.

—Não creio.

—Deixe estar. Então, Philippe, não diz nada?

—Digo que as tortas são excellentes, e que o vinho é soffrivel.

—Não diz pouco. Então isto sempre é melhor do que os lagartos que o regalavam na America?

—Lé com lé, e cré com cré. Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso!

—Famoso rifão! Muito bem; e Therezinha, não lhe diz nada o coração? Aposto que dava um beijo no avôsinho se elle lhe dissesse uma coisa...

—Não sou curiosa, meu avô!

—Como Eva? Pois sim, mas está córada; porque abaixa os olhos? Ah, Thereza, mais

custa a apanhar um côxo do que uma rapariga namorada...

—Meu avô, então!

—Thereza!—gritou Philippe—prohibo-lhe que se faça vermelha.

—E esta!—exclamou o commendador.—Philippe, vossa mercê não está em si. Prohibe a sua filha mudar de côr?

—Prohibo, sim senhor; os paes são senhores absolutos dos filhos. Não quero que Thereza córe: sei o que digo.

—Diz uma loucura. Vamos, abbade, encha o copo e deite vinho a frei João. Cecilia, peça licença a sua mãe, e seu pae que lhe dê um dedal de moscatel, mais a sua irmã. Estão promptos? A' saude de um amigo d'esta casa, que nos fez a honra de a procurar, e ficará n'ella como filho, espero eu.

Quando levavam os copos á bôcca, abriu-se a porta e Jasmin disse alto: «E' o senhor Jeronymo Guerreiro!»

—Que vem corresponder á amizade das pessoas que respeita como segundos paes!—accudiu um mancebo esbelto e proporcionado, que entrou na casa atraz do escudeiro, e se dirigiu ao commendador e a Magdalena, a quem abraçou por muito tempo, depois de lhes beijar a mão.

Todos se levantaram e o rodearam, Cecilia olhando extremosa para sua irmã com um sorriso angelico; Thereza, com algum sobresalto, e as mais vivas côres. Só o pobre Philippe não conhecia o recemchegado, e fazia um papel desgraçado, dando á cabeça e chamando Jasmin com momices telegraphicas, que o escudeiro teve a malicia de não perceber.

— Quem é este senhor? — perguntou por fim ao abbade.

— Seu tio lh'o dirá — replicou o ecclesiastico seccamente.

O capitão ficou portanto, como estava.

Jeronymo Guerreiro tinha vinte e oito annos.

A testa espaçosa abria-se ampla aos vôos da imaginação, que brilhava nos seus olhos; as bossas frontaes desenvolvidas accusavam-se acima das arcadas superciliares, tornando mais funda a ruga vertical, que a reflexão costuma cavar.

O nariz levemente aquilino, nem grande, nem pequeno, cahia com graça, dando viveza ás feições despidas da regularidade, que torna feminino de mais o semblante de alguns homens; porém animadas da belleza geral que é a verdadeira formosura em rosto viril.

As pupillas pardas, luminosas e vivas sem excesso, tinham aquella força de penetração, que parece incutir a alma de quem olha no mais secreto pensamento da pessoa que é vista.

As sobrancelhas pretas e carregadas uniam-se quando a testa se contrahia, formando uma linha escura e contínua, debaixo da qual as pupillas chammejantes, sem a bocca se abrir, exprimiam toda a vehemencia de um caracter forte, de um animo robusto, e de um espirito accessivel ás paixões, e á generosidade de sentimentos. Nos olhos rasgados, firmes e penetrantes, falava o coração, e reflectia-se a alma, como se observa nas physionomias meridionaes, que não degeneram do verdadeiro typo.

Bigodes pretos bem fendidos cubriam o beiço, encaraçolando as guias á oriental, apezar da moda que mandava rapar escrupulosamente. O resto da cara, barbeado em todo o rigor da epocha, dava realce á risonha e animada bocca.

Não usava de peruca; os proprios cabellos penteados á militar, e só com um ar de pós, desciam em anneis, acompanhando as faces, e cahindo sobre o hombro.

A estatura, duas linhas acima da ordinaria, era elevada com elegancia; o corpo esbelto; os membros seccos e não magros inculcavam robustez e agilidade em todos os movimentos. Os pulsos eram fortes, e a mão regular e bem feita. A pelle muito fina tinha a côr bastante queimada, como acontece aos trigueiros, quando se expõem á inclemencia do tempo.

A configuração da parte anterior da cabeça, a expressão do rosto, e a sagacidade da vista diziam que o valor do soldado se unia ao engenho subtil do inventor; e que, mesmo a braços com o maior infortunio, a firmeza do coração e a lucidez do espirito haviam de luctar e vencer até onde pudesse luctar e vencer o homem.

A esta organiazção moral, bem rara, juntava as qualidades physicas. Tinha uma força extraordinaria; um lance d'olhos infallivel; uma destreza incomparavel.

Na sua mão a espada era um raio; as balas não erravam; e os calculos do inimigo succumbiam adivinhados por uma penetração maior.

O chapéu de uniforme, agaloado, apezar de pouco airoso, assentava com desgarre militar.

A farda, especie de sobrecasaca moderna, cahia um pouco acima do joelho, com bandas de forro verde, guarnecida por ambos os lados de passamanes de retroz, e duas ordens de botões da gola ao fim do saio. Sobre os quadrìs, cintura alta, viam-se as duas portinholas de escotilha, as casas monstros abertas em fio de seda, e os botões de rodinha prateados, classicos nos filhos de Marte. Os canhões da manga, largos como bocca de morteiro, revirados e pregados quasi pelo sangradouro por dois botões, deixavam ver a camisa finissima desde o punho até ao ante-braço.

O periquito, ou tira arrocada, apparecia com tres dedos de largura, entre a farda e a véstia, em toda a elegancia. A' roda da cinta estava passada a banda com largas borlas de seda, descendo até ao meio da perna. A espada comprida, de copos doirados, vinha suspensa em um talim bordado. Os calções justos e afivelados abaixo do joelho, e a meia puxada com esmero, completavam o trajo do capitão Jeronymo Guerreiro, o official mais estimado do exercito, e mais bem acceito das damas.

O commendador estremecia este mancebo, que tinha sido seu pupillo depois de perder o pae aos quinze annos, e a mãe poucas horas depois de nascer.

De uma casa rica, e do sangue fidalgo dos cavalheiros de provincia, Jeronymo Guerreiro fôra desde os doze annos educado por Lourenço Telles, devendo-lhe a variada instrucção que possuia, e as delicadas maneiras que o tornavam distincto. O velho erudito amava o seu pupillo como filho, applaudindo muito

o seu amor por Thereza, á qual destinou logo uma parte na herança da sua avultada fortuna.

A vocação de Jeronymo chamava-o para a carreira militar; e graças á intimidade do tutor com os homens politicos conseguiu merecido accesso.

Tendo servido cinco annos na marinha real, desgostoso de viver ausente das pessoas que presava, passou para o exercito na arma de cavallaria, e foi então que viu e conheceu a familia de Philippe da Gama.

Na guerra da Successão obteve o posto de capitão, com que el-rei o premiou de serviços relevantes.

Forte como Achilles, e astuto como Ulysses, tinha um corpo insensivel ás fadigas, e um espirito que se deleitava com os perigos, arrostando-os pelo gosto de os encontrar.

No conflicto de uma carga de cavallaria viam-n'o amigos e inimigos, risonho, sereno e invulneravel, abrir caminho até chegar ao ponto arriscado.

Debaixo de um chuveiro de balas ouviam-n'o citar friamente um verso, ou dizer um gracejo, com a placidez do academico na sua cadeira curul.

O Marquez das Minas, o primeiro capitão d'esta guerra, só d'elle confiava as emprezas temerarias. Os outros generaes respeitavam o seu valor, o seu talento, e o seu raro sangue frio.

E' verdade que da sua parte tambem elle sabia fazer-se respeitar.

Um mestre de campo tractou grosseiramente a officialidade do regimento; devoraram

todos a affronta em silencio; Jeronymo não disse nada, fêz-se branco sómente, e frisou as guias do bigode entre o indice e o pollegar.

Quem o conhecia previu um desforço.

Depois de tudo concluido, o mestre de campo recolhia-se a Elvas, quando viu o nosso capitão correndo sobre elle com a velocidade do relampago. Chegando ao pé do official, já transido de medo, Jeronymo perfilou o cavallo com o d'elle; pegou-lhe na mão, e disse-lhe seccamente, mas sem alteração: «Lembra-se do que disse?» O mestre de campo ia desculpar-se, porém não teve tempo, porque foi logo atalhado: «Não responda, que posso ter vergonha de o ouvir. Receio que a sua espada seja mais curta do que a lingua. Estamos sós; trazemos armas; é o que basta.» O pobre homem suava, tremia, e calava-se.

—«Percebo!—continuou o capitão.—Ora bem! Podia matal-o, ou cortar-lhe a cara com este chicote; mas não quero. Vossa mercê não vale uma carga de pistola; e respeito a farda despresando o covarde que a veste. Fique entendendo, porém, que se tornar a descommedir-se, torço-lhe o pescoço, e viro-lh'o para as costas; ao menos uma vez na sua vida olhará de frente para o inimigo. Tome sentido!»

Dito isto, fitou-o e saccudiu-lhe o braço com tal doçura, que uma semana esteve em tractamento.

Em quanto se deram estas explicações indispensaveis, o commendador mandava preparar o quarto do capitão, sentava-o ao lado de Thereza, e fazia-lhe o prato, sentindo-se re-

moçado com a sua presença. Philippe já tinha obtido algumas informações, e olhava para o recem-chegado com tal curiosidade, que Lourenço Telles julgou conveniente apresental-o ao seu pupillo para acautelar um relance, que a delicadeza do sobrinho tornava mais que provavel.

—Jeronymo, aqui está um defuncto resuscitado! E' meu sobrinho Philippe da Gama, que julgámos morto, em quanto elle comia lagartos e serpentes nos sertões da America. Vem achar-nos mais felizes do que nos deixou.

E' inutil accrescentar que Philippe recebeu do mancebo as devidas felicitações, dadas da abundancia do coração, como era natural da parte do amante para o pae da mulher que adorava.

Acabado este incidente tornou-se geral a conversação, e Lourenço Telles encetou o capitulo escabroso dos casamentos de inclinação, ponto que discutia todos os dias com seu sobrinho, para o trazer á observancia dos respeitos consagrados ao bello sexo.

Apenas o antiquario expoz o assumpto, Thereza fez-se muito vermelha; Jeronymo sorriu para disfarçar o sobresalto; Magdalena suspirou; e Philippe tomou a palavra e principiou a refutação das ideias ultra-liberaes do velho sabio.

— Com licença do tio—disse em alta voz— esses amoricos são asneiras. Um casamento é um casamento, e não me contem historias. Faz-se negocio, ou não se faz. Eu tenho dez, a mulher traz vinte, serve-me, e caso. Magdalena que o diga. Nunca lhe puz os olhos em

cima senão oito dias antes de irmos á egreja. O mais é frioleira. Sei o que digo.

O commendador estava em braza. Tossia, escarrava, contorcia-se, e mostrava por todos os modos imaginaveis o seu enleio.

— Então compara as mulheres a um fardo e troca-as a dinheiro? Casa-se por uma conta de sommar?! Que seja prendada ou tola, que ame ou aborreça o marido, que traga a discordia, ou a paz ao seio da familia, isso não vale nada. O essencial é que derreie os gallegos com os dobrões do dote?

— Tal e qual! Eu cá penso assim. Não me falem de rolinhas e de rouxinoes; pão pão, queijo queijo; o mais é farelorio!

— Bem se vê que sahiu do sertão!—exclamou o erudito escandalizado.

— E' a minha birra, e acabou-se! Não engulo gato por lebre. Então que quer? Chega um bonecrito de alcorce e entra a suspirar deante de uma espevitada; fazem-se piegas; piscam os olhos; pizam-se, choramingam, e dizem aos paes que estão namorados e querem casar. Bello! Se fosse eu, pegava de um pau e curava-os logo; mas ha estomagos para tudo. A mãe, tão tola como elles, deixa-os ir, ou encobre-os. O pae faz beicinho e cede. Casam; e d'ahi? No fim de dois mezes foi-se o amor e fica a pobreza. Esgatanham-se e desquitam-se. Ora muito obrigado! Para cá vinham de berlinda. Metta-se alguem n'isso!

— Philippe, bem diz o abbade, vossa mercê é um selvagem!—gritou Lourenço Telles, vermelho de raiva.

—O abbade?!—clamou o sobrinho, dardejando ao defensor dos reis calligraphos um olhar

ferino—Pois o abbade tem a confiança de me chamar selvagem? Meu amigo, feche a bocca e não engula gato por lebre. Ensaboe e penteie os caensinhos da marqueza das Minas, e deixe-se de metter o nariz na vida alheia, senão agouro-lhe que morre sem costellas.

—Senhor Philippe! — bradou o apologista das barbas historicas — não se exceda! Estou cansado de aturar a sua brutalidade.

—Sim? Porque não nos deixa em paz? Quem lhe pega? Favoreça-nos com a sua ausencia.

—Philippe—disse o commendador, pondo-se em pé, côr de purpura—dê immediatate uma satisfação ao senhor abbade Silva. E se elle lhe fizer a honra de a receber, sente-se e porte-se com decencia. Se não pegue no chapéu e sáia.

O capitão, olhando de revez, resmungou uma satisfação ao abbade, que a ouviu com dignidade imaginavel. Esta noite cotou-se a noventa por cento acima do par o seu odio ao prescrutador das bexigas doidas. Lourenço Telles, mais sereno depois d'esta penitencia, suppoz a occasião opportuna para tirar uma conclusão positiva, e por isso proseguiu:

—Sustento que o casamento de interesse é uma tyrannia; e Thereza que o diga; se ella não amasse o noivo quasi desde criança; se elle não a adorasse tambem desde que a conhece, dariamos consentimento para a sua união, minha sobrinha e eu? De certo não! Prezamos mais a felicidade de Thereza, do que as maiores riquezas; e, graças a Deus, o que temos ainda chega para a dotar... Mas que

tem vossa mercê, Philippe? Que olhos tão espantados! Estamos em familia; isto são coisas sabidas.

—O que tenho?—exclamou Philippe esfregando a testa e muito córado.—Tenho tudo. Pelo que vejo tracta-se de casar minha filha, e por muito favor dizem-me duas ou tres palavras. Vai bonita!... Aposto que a ideia sahiu dos cascos d'aquelle seresma? Aqui por força anda o abbade, e a sua mania casamenteira! Isto um dia acaba mal; eu deito-me a perder com este parasita.

A allocução de Philippe e a sua apostrophe ao abbade Silva foram tão abruptas, que desataram todos a rir, menos a victima, que repetia a meia voz;

—Não ha que ver. O selvagem cada vez está peior!

Acalmado o riso, citado Philippe de novo para se conter em termos habeis, sob pena de exclusão, continuou o dialogo:

—Posso saber quem é a joia, que o tio me encaixa para genro?

—Um cavalheiro de provincia dos mais illustres; uma pessoa a todos os respeitos capaz de fazer a felicidade de Thereza. Quando vossa mercê andava pelos matos do Brazil a assar macacos, sua mulher e eu démos a nossa palavra, e ajustou-se o casamento. Cuidei que estava informado.

—Não estou, não senhor! Deixa estar, sonsinha, que tu as pagarás!—disse depois olhando para Magdalena, cheio de colera.—Sabes d'esta embrulhada, e não me dizes nada?! Fazes de teu marido um pau mandado! Eu te ensinarei.

—Philippe!—accudiu Lourenço Telles indignado.—Isso não são termos de falar a uma senhora, nem de falar a ninguem. Não me obrigue a dar algum passo que lhe seja sensivel. Se não sabia, sabe-o agora. Bem vê, Thereza não podia casar sem licença de seu pae.

—Agradeço muito. Até ahi chego eu sem ir a Coimbra. Tanto não sabia de nada, que vem cá ámanhã um antigo amigo para lhe mostrar Thereza, e no caso de lhe servir, elle a levará se o tio não mandar o contrario.

—O que é mais que provavel! Que edade tem o seu *antigo* amigo?

—Sessenta e oito annos. Homem maduro, pé de boi, cá dos meus, emfim.

—Famoso! Maduro que nem uma sorva! E a figura?

—Soffrivel! Para dizer a verdade, um pouco peior do que eu, mas é que eu...

—Entendo! E genio?

—O genio... o genio... é fuscosito; não o nego. Homem do mar costumado a cingir com um cabo o mais pintado. Mas olhe, fóra dos repentes é um cordeiro. Se a ultima mulher que teve...

—Ah, é viuvo?

—Tres vezes! e capaz de enviuvar quarta.

—E' consolador!

—Então o que fez elle á ultima mulher?

—Quasi nada. Deu-lhe ensino. Era atrevida, e Bernardo, em estando quente (é o seu defeito! todos temos por onde perder) não soffre graças. A verdade é que lhe quebrou os braços, e abriu a cabeça umas poucas de vezes. Assim mesmo morria por elle!

—Sim?—gritou o velho erudito que se

contivera.—Pois senhor Philippe, se esse gallego tiver a lembrança de entrar, só que seja entrar n'esta casa, conte que sáe pela janella a pontapés dos meus lacaios. Um bebado! Um bruto! Um marujo! Vossa mercê é idiota, é incapaz de estar deante de gente.

—Tudo isso assim será, mas pergunto: quem é o pae de Thereza?

—Vossa mercê não é nada! Quero dizer, está doido. Não se arrisque a desobedecer-me, trazendo aqui similhante compendio de vicios! Que os meus olhos o não vejam por seu bem, e d'elle; lembro-lhe que ha torres em Portugal, e que tenho amigos. Agora, se deseja conhecer o noivo de Thereza, levante a vista, e compare (se não tem vergonha de o fazer) o alarve de que falou ao meu pupillo Jeronymo Guerreiro. Dê graças a Deus! O amor que elle tem a sua filha ha de decidil-o, apezar do que ouve a ligar-se com um sogro como vossa mercê.

Os circumstantes estavam corridos da scena que presenciavam. Magdalena, chorosa, soluçava; Thereza olhava para Jeronymo com ar supplicante; Cecilia, vermelha como uma rosa, padecia por sua mãe e por sua irman ao mesmo tempo.

O pupillo do commendador encolhia os hombros, frisava o bigode com os dedos, e animava Thereza com os olhos.

O abbade, com as côres da ira accesas, encostava a barba á palma da mão, com silenciosa dignidade.

Frei João, convulso e envergonhado, amiudava por baixo da mesa os pontapés nas canellas de Philippe, para o advertir da incon-

gruencia, e recebia em paga uma blasphemia, ou uma interjeição fatal.

Finalmente Jeronymo Guerreiro levantou-se, e chegando-se a Philippe, disse-lhe com respeito e delicadeza:

—O senhor Philippe póde estar certo de que sou incapaz de receber a mão de Thereza contra vontade de seu pae.

—Estimo. Mas não tenha cuidado; até ao levantar dos cestos é vindima.

—Não gaste cêra com ruins defuntos, Jeronymo—accudiu Lourenço Telles.

—Posso saber que defeitos devo corrigir para merecer a sua bondade?

—Sim senhor. Mas antes, faz favor, responde-me a uma coisa?

—Com todo o gosto.

—Esteve fóra do reino.

—Cinco annos.

—Bom. Viu lá tractar algum pae como eu sou tractado? Agora quer que lhe diga a verdade? O que eu desejo para Thereza é um marido, que não caia do bote com o balanço da maré, e não enfie de medo vendo um jacareo empalhado. Quero um marido homem e não um marido piegas, enjoado, e todo sopinhas de mel. Percebe? Isto não tem réplica. O senhor é um militar de agua doce, e não me convem. Adeus meu amigo, tenho dito.

—Jeronymo, deixe esse urso!—gritou o commendador com a raiva a fuzilar nos olhos; porém o mancebo fez que não percebia, e sem se desarmar da paciencia com que ouvira tudo, continuou:

—Engana-se. Antes d'esta farda vesti a da marinha real. Não sei se as ondas da bahia

de Biscaia, e do golfo Persico são doces; ou se as aguas de Gôa, de Malaca, e da America são serenas; diga-o quem as navegou. O que sei é que vi fuzilar os raios no Cabo da Boa Esperança, e ouvi rugir o pampeiro nas costas do Brazil. Creio que chega para não enfiar no mar.

—Fala serio? E' dos meus?

—Muito serio.

—Bem! Porque não dizia isso, homem? Toque! O que fazia n'esses assados, aqui para nós, da pelle do demonio?

—Quaes assados?

—Os pampeiros!

—Ah! Pouco mais ou menos, o que fiz em Malaca, em um dia de tormenta. Lembra-se da nau *Conceição do Téjo?*

—Pois não lembro! Bonita quilha, por signal! Tanto me lembro, que se ella não viesse a Malaca estava na barriga de algum tubarão. Foi sabbado, dia de S. Bartholomeu, não me esquece. Sahi do Porto na minha lancha, com a manhan de rosas, e o mar de leite. Sobre o meio dia carregou o tempo, e levantou-se o vento:—aquelle excommungado ventinho que sabe, e que é um cavallo á desfilada. Estamos servidos! Amaina-se a vela, e a remos; qual! Pah, pah! Cada pancada no costado, que gemia a lancha. Safa! Em fim, por encurtarmos razões, uma onda como uma montanha desaba, apanha a casca de noz atravessada, e viram'a de tampos para o ar. Não sei como, achei-me a cavallo no mastro, e agarrei-me. Digo-lhe que nunca bebi tanta agua em minha vida, puph! O caso é que estava a vinte braças do porto, via os amigos falando muito,

mas sem bolirem pé nem mão, e eu a afogarme por um triz. Que amaldiçoada canalha é aquella gente baça! De repente um escalerzinho sáe pela popa da nau, e boléo d'aqui, boléo d'acolá, prôa abaixo, prôa acima, venceme a corrente, corta-me o tufão, e chega-se ao pé de mim. Nunca o perdi da ideia! Trazia só um rapaz de dezoito annos: e a chuva escorria-lhe da cabeça até aos pés. Vinha amarrado pela cintura; e remava como quatro bons malaios não remam ás vezes. Mesmo já ao pé de mim bate uma rajada, e uma onda, que metteu o escaler quasi debaixo d'agua... Estamos gualdidos, disse eu! Qual! O escaler virou com uma força, e uma rapidez, que a segunda onda não o apanhou já atravessado. Depois o rapaz deitou-me um cabo, eu segui-o, e d'ahi a nada, achei-me dentro. No meio do perigo, com a morte deante a cada momento, juro-lhe que a criança estava socegada, como se passeasse por sua casa. Hei de lembrar-me sempre do sorriso com que me disse: «Chegue-se um pouco; o melhor da festa ainda não passou!» Com effeito disseram-me depois que tinha sido o diabo!

—Disseram-lhe? Pois não ia dentro?—interrompeu o velho erudito, que se agasalhava com a sensação egoista, que dá o conchego quando sentimos assobiar o vento e cahir a chuva, achando-nos ao pé de um bom fogão.

—Disseram, sim senhor: porque um homem não é de ferro; e não sei como, ao entrar para o escaler, apanhei uma brecha na cabeça, que me esvaiu em sangue. O caso é que per-

di os sentidos, e quando tornei a mim estava na cama, e salvo de todo o perigo.

— E nunca soube quem era o rapaz?

— Nunca! Na madrugada do dia seguinte, sahiu a nau, e por mais que perguntei, nem rasto d'elle. Dava mil dobrões a quem me désse noticias. Ia á India outra vez, oh se ia.

— Não é preciso, senhor Philippe — atalhou Jeronymo sorrindo. Depois levando as mãos aos cabellos, espalhou-os pelo pescoço, deu ao rosto uma expressão risonha e audaz, e carregando os olhos, atirou a cabeça para traz, com um gesto de summa ousadia, dizendo em voz firme: «Capitão, n'estes mares, os homens trazem a vida a juros, e um descuido custa caro. Bebe um copo de agua ardente de caju?»

— E' elle, é elle — gritou Philippe abraçando e beijando o mancebo. — São as palavras que me disse. E' a sua figura, o seu modo, a sua voz. Magdalena, filhas, ajoelhem! Aqui está quem salvou vosso pae.

— Socegue, capitão. Não me envergonhe. Isso não vale nada.

— E' um heroe! Devo-lhe a vida! — clamava Philippe.

— Deve-a a Deus. Sabe o que lhe peço? Para a outra vez tenha mais caridade comnosco, com os soldados de agua doce. Conheço mil mais destemidos no mar.

— Essa não creio eu! Pois senhor Jeronymo coração nas mãos, veja o que manda, porque tudo o que tenho é seu. Sem ceremonia! Gosta de Thereza e ella do senhor Jeronymo? Casem quando quizerem. Demos que ella não queria, era o mesmo, casava com anjinhos nos

dedos. Quer Cecilia? Prompto! Quer ambas, faço-me turco, e dou-lh'as. E' claro como agua. Salvou-me a vida. Eu cá ando assim.

Jeronymo sorria-se, e respondia a Philippe com abraços. Lourenço Telles esfregava as mãos de prazer; e as meninas choravam de alegria.

— Ah, Jeronymo! — disse o velho erudito — os rapazes de agora sabem mais do que os velhos. Conheceu Philippe, e calou-se. Queria esperar a occasião, e confundir esta Ephigenia masculina, dando-lhe o Orestes que chorava?

— Cartas na mesa, e jogo liso! — respondeu o mancebo. — Ao principio não conheci o senhor Philippe. Depois de o vêr e ouvir um pedaço é que me afirmei. Estimo infinito que um acaso feliz me proporcionasse a occasião de prestar ao pae de Thereza um serviço insignificante.

— E sem saber ainda que o era!

— De certo — accudiu Philippe. — Eu casei no Porto, e de lá parti para a India. Tres annos depois deram-me por morto. Minha mulher veiu para casa do tio...

— Seis mezes depois da sua partida. E' evidente. N'esse tempo nem Jeronymo conhecia ainda Thereza. Embarcou, tambem, um mez antes d'ella vir para Lisboa. Mas diga, sobrinho que tal acha seu genro?

— Optimo, tio. Ouve! Se ámanhã viér...

— O seu amigo?

—Justo! Domingos que o saccuda. Quando casam elles, tio?

— Se Thereza me fizer as vontades, e se roubar dois beijos ao seu noivo para dar ao avô-

sinho, em fim, se não pedir muito... d'aqui a oito dias.

— Thereza, fale, dê os beijos, peça ao avô! gritou Philippe.

—Peço eu—disse Jeronymo sorrindo.

—De vagar com os dois beijos!—accudiu o velho cheio de jubilo.

—Posso agora dizer duas palavras a Thereza, e dar uma lembrança a Cecilia?

—Já lhe disse: o que é meu, é seu. O que quizer. Sei o que faço—respondeu Philippe sepultando as mãos nos bolsos da casaca.

Jeronymo disse duas palavras á noiva, que entrou logo com a irman para a saleta immediata, em quanto o mancebo ia de volta buscar o presente que trazia á menina bonita do commendador. Apenas desappareceram, Philippe saltando aos beijos em sua mulher, com grande escandalo do abbade, e muitas risadas de Lourenço Telles, exclama:

—Tens mais juizo nas solas dos pés do que eu em toda a cabeça, Magdalena. O rapaz é uma perola. Mas ha de levar um dote... de arrombar o costado aos invejosos. Tu verás! Hei de dar que falar em Lisboa.

—Pelo amor de Deus, sobrinho. E' capaz de me deixar sem uma cadeira, se lhe dá para fazer bulha!

Todos se riram; e Lourenço Telles, retirando-se de parte com Philippe e Magdalena, começou a tractar das condições do casamento.

CAPITULO XIII

Nem tudo que luz é ouro!

Davam nove horas na egreja do Loreto. O dia agreste e carregado estendia sobre a cidade um toldo de nuvens; a chuva cahia miuda e contínua; e a espaços os echos repercutiam o surdo e rolante estampido dos trovões, voz lugubre da tempestade, que circulava ao longe os horisontes. O clarão açafroado dos relampagos lambia de vez em quando a corôa dos montes, que além do Tejo, e defronte de Lisboa, erguem uma linha cinzenta e irregular, n'este momento quasi fechada por uma cortina de chuveiros.

Viam-se desertas as ruas; e sómente de vez em quando uma ou outra mulher, encolhida de frio e embuçada no mantéo até á altura dos olhos, pizava as sujas e mal unidas calçadas. Apenas se divisava o capote e o chapéu de quinas do homem activo, saltando pé aqui, pé acolá os riachos que se cruzavam dos bêcos e travessas. As janellas com as rotulas corridas, e as portas cuidadosamente cerradas, inculcavam que a população, recolhendo-se, fugia da tormenta, já imminente sobre a cidade.

Na casa professa de S. Roque, no dormitorio de cima, havia um aposento espaçoso, agasalhado e cheio de estantes, que o vestiam d'alto a baixo, chamado a secretaria reservada. A imagem do patriarcha Santo Ignacio, curiosamente lavrada, levantava-se no topo em vulto quasi natural, allumiada por duas alampadas.

Doze poltronas largas e massiças circumdavam um d'esses bufetes, grandes para o maior aposento, e pesados para o melhor sobrado. Tinteiros e pastas de papeis, livros de commercio monstruosos, massos de cartas, e cofres marchetados de differentes tamanhos, cobriam o bufete. Defronte da porta da entrada abria-se outra mais estreita, cuja chave trazia sempre o superior. Esta casa fechada era um segredo impenetravel para os padres que não formavam o definitorio secreto da Companhia de Jesus.

Seriam oito minutos depois das nove horas, e o sino da egreja chamava para a ultima missa os fieis á oração e ao sacrificio. Cheios de animo, os confessores embuçavam-se nas capas, e accudiam a espertar o zelo das devotas. Os philosophos e os litteratos aproveitavam o ocio forçado, revendo as mais escabrosas paginas dos seus livros, comparando textos e corrigindo notas. Os caixeiros de roupeta, sentados ao bufete, escripturavam a contabilidade da congregação, talvez mais rica e complicada ainda do que a da casa dos contos do estado. Em fim os politicos, os conselheiros occultos com mil cautellas esquivavam-se, para apparecerem logo depois na secretaria reservada. Em toda esta religiosa casa unia-se a actividade á bem calculada distribuição do trabalho. Tudo se multiplicava desde o zelo até á riqueza.

Havia duas horas que funccionava o conselho secreto na casa indicada. Estavam escrupulosamente fechadas as portas, e corridos os reposteiros. As grossas paredes eram discretas; os altos sobrados não deixavam passar a

voz. Em face da entrada via-se a porta d'uma cella, á qual de vez em quando assomava a cabeça branca e a vasta fronte do padre Ventura. Espreitava um momento, encolhia os hombros, e tornava a sumir-se sem denotar a mais leve alteração. Esta scena muda repetiu-se por umas poucas de vezes. De repente ouviu-se rodar uma sege que parou á portaria; e todos viram apear um jesuita. Minutos depois o passo firme e a alta estatura do padre notaram-se em direcção á casa das conferencias. Chegando á porta, o jesuita deu com a mão certo numero de toques; esperou um instante, e foi immediatamente introduzido.

Então é que o padre Ventura sahiu da cella, e de capa, com o chapéu na mão, como quem vinha de fóra, seguiu as pisadas do outro socio. Sómente variou de numero e de força nos signaes. Os seus eram mais rapidos e rijos. Respondeu-se de dentro com um toque de prevenção para verificar a identidade do adepto, e ouvidas nove pancadas successivas abriu-se a porta; a entrada foi-lhe patenteada, e todas as difficuldades desappareceram.

O Padre Ventura, entrando, achou-se deante do superior, e trocou com elle o toque symbolico dos definidores occultos da Companhia. Cinco socios compunham o definitorio secreto da provincia de Portugal; e d'estes estavam assentados quatro com grandes pastas abertas deante de si. O confessor de D. Pedro II, o padre Sebastião de Magalhães, homem gordo, corpulento e compassado em gestos e palavras, passeava pela casa olhando de revez para o recem-chegado, que provavelmente o viera interromper.

O padre Ventura não parecia o mesmo homem. Tinha despido a physionomia da eterna affabilidade, que lhe servia de mascara; o sorriso permanente já não florescia nos labios, recolhendo-se nos cantos da bocca em uma prega severa. Os olhos tinham luz, mas reflexiva e penetrante; as feições tinham expressão, porém fria e concentrada. Apezar dos annos; o corpo carregava direito e sem fadiga com o peso da edade; a cabeça não descahia, nem se inclinava para a terra; pelo contrario, firme e resoluta, olhava talvez de mais para cima, para as alturas do céu. As maneiras encolhidas e humildes antes, desatavam-se agora com o desembaraço, que dá a força e o poder. Do homem velho, do antigo jesuita obscuro, obediente e passivo, que todos conheciam, não restava nada. A chrysalida rompêra o carcere, voando solta e forte pelos espaços infinitos da liberdade.

Costumado aos segredos tortuosos da politica jesuitica, o superior não agourou bem de tão subita transformação, e quiz soletrar n'aquelle rosto impenetravel a primeira phrase do enigma. Debalde! A finura da vista desarmou o seu olhar; a serenidade do semblante derrotou as interrogações. D'esta vez a sphinge confundia Edipo! Desesperando da analyse tacita, o reverendo padre appellou para a palavra, tentado do orgulho de levantar uma ponta ao veu, que encobria o mysterio. Compondo, pois, o rosto e a voz exclamou com a mais assucarada benevolencia:

— O que é isto! Tinhamos entre nós um irmão distincto? Vossa paternidade encobrindo a sua qualidade ignora o prejuizo que nos

fez, perdendo-se um voto respeitavel? Restanos só a satisfação de que não foi por nossa culpa! Julgamol-o entregue á direcção espiritual das almas; dizia-se que passava á India, ou á China... Eis o que nos disseram de Roma unicamente!

Um sorriso mais do que amarello, fugindo pelos beiços finos do italiano, provocou no illustre areopago maior curiosidade ainda Depois a bella fronte do padre Ventura derribou-se pesada sobre os sobrolhos; a vista cortante e aguda cravou-se no coração do interlocutor e dos ouvintes; e cahiu depois indifferente em um masso de papeis, que trazia na mão o confessor de el-rei. Antes de responder, o padre Ventura tossiu de leve, e inclinou-se: depois, segundo o seu costume, replicando á allusão mais proxima, redarguiu:

— E' verdade; a direcção espiritual foi e será sempre a occupação preferida da minha vida. Auxiliar a prégação do evangelho no Oriente ou na America; córar o lucto da tunica das vivas purpuras do martyrio, eis o voto ardente do meu coração, já frio e cansado para coisas mais activas. Não quiz, nem quero mudar de caminho... Entretanto, como sabe, não temos de nosso mais que as boas obras, que se contam no céu. O corpo deve ir para onde o mandarem; a vontade ha-de ser uma escrava!.. Pedi que me deixassem morrer nos sertões, cravado na arvore, atenazado no brazeiro como por mãos de selvagens acabaram tantos santos da Companhia... Esperava esta graça depois de uma velhice trabalhosa... não foi possivel! A soberana sabedoria do geral quiz outra coisa; seja feita a sua vontade na

terra, e a de Deus no céu. Não me queixo; alegro-me. E' mais uma dor para offerecer A'quelle que tantas padeceu por nos salvar...

— De certo! Mas estivemos todos até hoje em completa ignorancia... Apenas, por occasião da sua vinda, se nos fez saber que um socio nosso, vossa paternidade, devia ir em março para a India! Era impossivel adivinhar! — insistiu o provincial, derrotado e cada vez mais sequioso de devassar um segredo importante. Depois vossa paternidade pela sua parte nunca tocou em ficar, ou em sahir, e de tudo isto resulta...

— Que não soube nada? E' exacto. Pois a mim succedeu-me outro tanto. Posso-lh'o assegurar. Cheguei aqui devendo partir, e achei ordem de esperar. Vossa reverendissima, se bem me lembro, foi quem a intimou... Mandaram-me viver só e silencioso; calei-me. Hoje quem póde, diz: o mudo ha de falar, o paralytico deve caminhar; e aqui estou com tanta satisfação da obediencia, como outros andam soberbos com a idolatria do paço, aonde a nossa remendada roupeta podia apparecer menos, para não faltar onde tão precisa é.

Dizendo isto, os olhos do padre, como duas balas, mettiam o veneno da allusão na alma do confesor de el-rei, a quem visivelmente a dirigia. Sentiu este a ferida pela dor, e levantou a cabeça com espanto. Sebastião de Magalhães mediu o aggressor de alto a baixo; disparou-lhe por baixo do vidro dos oculos um olhar de dó; e acabou a réplica silenciosa por uma visagem pouco amavel. Feito isto, o reverendo sabio continuou a escrever pausadamente sem fazer mais caso da infima creatu-

ra, que se atrevia com grosseiros chascos contra pessoa tão conspicua. O superior entendeu, porém, que seria conveniente pronunciar duas palavras para incensar o idolo.

— Vossa paternidade não deseja de certo censurar as ordens de Roma. Se vamos ao paço, e alguem móra lá, é tudo por obediencia. A nossa humildade dá-se mal n'aquelles ares... Lembro-lhe que no seu zelo demaziado offendeu pessoas virtuosas, que em serviço de Deus e da Companhia se resignam ás tribulações e amarguras...

—Que o poder dá aos ambiciosos?—atalhou o padre Ventura sorrindo. Depois em voz severa proseguiu:—O peior é que se não vê gemer a alma d'esses martyres clandestinos; e se a vista se volta para a carne, acha-se que floresce por milagre da penitencia!... Ora bem. Sabe o padre provincial aonde Santo Ignacio escreveu a nossa regra? Na cruz de Christo. Sabe aonde a meditou? No ermo, e não no povoado. Ora a cruz diz pobreza, humildade e sacrificio. A regra quer que o homem novo dispa o homem velho; que a alma deixe o corpo, e o sangue corra das veias, se preciso fôr! Sublime doutrina, em que o individuo é immolado á humanidade, a ponto de sermos na mão dos superiores o bastão do cego, um instrumento passivo; de nos compararmos a um cadaver, coisa morta, que vai para onde a levam, e fica aonde a põem... Foi o que me ensinaram. Agora se n'esta provincia chamam mortificação á gula, pobreza ao fausto, e humildade ao orgulho, digo só que ainda é mais falso e gangrenado o coração dos maus, do que a sua lingua.

As ordens de que fala, padre provincial, não vieram de Roma, são de Hespanha; e executando-as pecca duas vezes. Cuidei que já aqui sabiam que falleceu Tirso Gonçalves, e que Miguel Angelo Tamburini, seu successor, é hoje o geral da Companhia!

O effeito da apostrophe foi immediato e fulminante. O fogo da vista do padre Ventura, a dignidade do gesto e a firmeza da voz augmentavam-lhe a força, petrificando os accessores. O confessor de D. Pedro II, sobre o qual de direito recahia a melhor parte da censura, parecia possesso. Prêsa pelas suffocações da ira, a sua respiração gemia no peito; as faces, em listas, ou antes vergões carmezins e lividos, cada vez se entumeciam mais; as alvas dos olhos amarellas, e as pupillas dilatadas pareciam querer saltar na cara do aggressor, dardejando raios de colera. Sua reverencia estava perdido da cabeça. O queixo inferior, as duas roscas que pegavam á barba, e o vinculo tremulo que entalhava a feição das faces, tudo isto saccudido pelo abalo da furia se encrespava, descompunha e desfigurava de um modo incrivel. Escarnecido em presença dos seus aduladores, elle, o potentado que tinha nas mãos a chave da consciencia real, a chave do poder! A indignação tolhia-lhe a fala. Se a sua eloquencia chegasse a desatar-se, podemos affirmar que as Verrinas de Cicero achariam um rival temivel.

O provincial tinha diverso caracter e opposta organização physica. Magro e cadaverico, quando o pungiam, os olhos encovados naturalmente sumiam-se, e os beiços delgados tornavam-se imperceptiveis, ao passo que

a pallidez usual degenerava em uma côr terrea e biliosa. Foi o que lhe succedeu n'este lance. Houve somente demais um symptoma novo. O sorriso livido que lhe visitou os labios, volteava convulso em redor da bocca, mais similhante á contracção nervosa da fera, do que a um sorriso humano. Tão irritado como o confessor, e mais ancioso de vingança, mesmo no auge da raiva as palavras e maneiras do superior eram carinhosas. Frio, inexoravel e dissimulado, antes de ferir calculava as dores que podia causar.

Revestido da suprema auctoridade em Portugal, e affeito á servidão quasi abjecta dos inferiores, o prelado com o rei da sua parte podia tudo no presente, e pouco se temia do futuro. Sentia menos a offensa pessoal, do que a injuria feita ao seu governo. Escandalizou-o a audacia do jesuita, e para a cortar a tempo, a sua longa experiencia advertia-lhe que não devia perder a occasião. De certo o padre italiano contava com o apoio de Roma, e não se expunha cegamente: mas de Roma a Portugal era longe; e elle em sua casa e na sua terra pouco receiava. Depois de salva a sua influencia, responderia ao geral, e se necessario fosse com uma ordem regia na mão. O todo consistia em se defender a tempo, supplantando um emulo, que na impenetravel politica da Companhia não estava alli sem missão secreta.

Feitas estas reflexões preparou-se para mostrar que tinha os hombros fortes para o peso que podia cahir sobre elles.

—Vossa paternidade excedeu-se!—disse ao italiano com a brandura hypocrita — Sinto

que, esquecido do seu logar, não respeitasse o meu. Esperemos em Deus, que seja pela ultima vez! Como irmão advirto-o do peccado; como prelado sou obrigado a corrigil-o. Fica suspenso do voto e do exercicio. Diga a culpa; e de joelhos antes de se recolher ao carcere para recordar os exercicios espirituaes, peça perdão na pessoa dos reverendos padres a toda a Companhia, que offendeu.

O padre Ventura sorria-se e cruzava os braços, medindo-o com a vista, e fulminando-o com a serenidade.

Na resposta que deu, o que devia admirar-se era a extrema doçura da voz:

—Sabe ha quantos annos choro n'este valle de lagrimas, e quantos conto hoje de noviciado e de profissão?

—Diga a culpa, obedeça! atalhou o padre Sebastião, arremettendo com impeto.

—Não se agaste, padre mestre: hei de dizer as suas, as minhas, e as culpas de todos nós; temos tempo! Observe, porém. Tenho setenta annos de edade, e visto esta roupeta de escravo de Jesus Christo, ha quarenta e cinco pelo menos. Préguei na China e no Japão; estive na India; e do ardor dos tropicos, e tambem dos gelos do norte, sei por experiencia o que os outros aprenderam por noticia...Padeci fome e sêde; vi a morte mais cruel umas poucas de vezes deante dos olhos; os idolatras ataram-me ao brazeiro; e a misericordia de Deus valeu-me sempre...

—Padre Ventura, era melhor — accudiu o prelado — que obedecesse! Tudo isso o que prova é que a edade e as peregrinações lhe não deram o que devia ter, experiencia e hu-

mildade. Sinto ver-me obrigado a notar-lh'o; confesse a culpa, e faça penitencia, porque peccou.

—Soberbos são os juizes que sentenceiam contra a lei—replicou o padre Ventura com um gesto cheio de magestosa indignação.— Soberbos e iniquos, porque teem na bôcca a paz, e no coração o odio; perversos, porque renegam do exempla e da palavra do mestre para saciarem os impetos da vingança. Cuida que o remorso e a verdade se calam, se a minha lingua ficar silenciosa? Julga que os olhos dos outros não vêem a capa do jesuita, a pobre capa do peregrino, posta por cima do manto real? Padre provincial, com a minha edade viu nunca a ovelha acompanhar com o lobo, ou a avesinha adormecer ao pé do milhafre? Padre Sebastião de Magalhães, suppõe que os quarenta annos de habito não ensinam a separar o trigo do joio? Não se enganem. Sei o que digo; e posso o que devo!

—Nem uma palavra, padre Ventura!—exclamou o superior, cedendo finalmente á raiva.— Não teme que se abra o chão e o sepulte?

—Creio em Deus, padre superior! A justiça divina castiga a realidade, e não o nome dos peccados; se não puniu os hypocritas, espero que não punirá o moralista, porque os chama pela odiosa palavra que os designa!

—De joelhos, diga a culpa, obedeça, ou...

—Manda-me pôr a mordaça na bocca, como fez o geral Tirso Gonçalves a um definidor que não quiz ouvir? Digo-lhe que o deseja, mas que não póde. Esse padre, ha de conhecel-o de nome, era Miguel Angelo Tamburini, hoje summo prelado da Companhia. Sabe o que

succedeu d'ahi? Tirso Gonçalves morreu pouco depois, e Miguel Angelo, exaltado pela affronta e pela resignação, subiu á cadeira do defuncto por voto unanime. Lembre-se de que só póde reger os outros, quem for capaz de se vencer a si!...

—E' de mais! E' um desprezo da minha auctoridade...

—Porque a tenho superior! Porque posso precipital-o do alto da soberba!—exclamou o padre Ventura em voz imperiosa e com gesto soberano.—Para ler no coração do homem é preciso despil-o da mentira. Li no seu, padre provincial, como leio no de todos os que o ajudam a arruinar a disciplina da Companhia. Ora bem! Ha meia hora que lhe estou ensinando o caminho, e arredando os passos do abysmo; mas está escripto que o cego será despenhado! Devia concluir das minhas palavras (e isso prova que o logar excede a sua perspicacia), que n'esta edade, e com os quatro votos, sabendo o governo e a regra do instituto, nenhum inferior fala ao prelado como eu falei sem auctoridade sufficiente! Chegou o dia de accudir ao navio que perde o rumo, e de tirar do leme o mau piloto. Quero que a antiga divisa da Companhia, o verbo de fogo do seu poder, o espirito da sua força, resplandeça aos olhos do mundo como nos antigos tempos. Para maior gloria de Deus! *Ad majorem Dei gloriam!* Eis as lettras sagradas do tenente de Deus na terra! De hoje em deante, n'esta casa, o prelado sou eu, e ninguem mais. E' a minha vontade.

Dizendo isto, tirava do seio um pergaminho revestido do sello do geral, e lacrado com as

iniciaes do seu annel. Este diploma era a nomeação do padre Julio Ventura para o cargo de visitador assistente nas provincias de Hespanha e Portugal, com direito de suprema decisão sobre os negocios, e absoluta auctoridade sobre os prelados, devendo as suas ordens serem respeitadas e cabalmente como se emanassem de Roma.

E' impossivel descrever o estado em que ficaram o confessor, o provincial e os accessores deante da repentina revelação. O medo, o ciume e a raiva, combatendo-se, subiram-lhes ao rosto e pintaram-se n'elles com todo o calor que os abrazava. Cada physionomia era uma imprecação muda; cada gesto uma blasphemia tacita contra o poder invisivel que os desterrava do governo para a humildade da obediencia. Entretanto o laço que os unia era de diamante; ninguem imaginou resistir.

Depois de ler a provisão do geral, com a bocca cheia de fel, dando conhecimento d'ella a todos, o superior tirou um livro do seu armario secreto, e registou o fatal diploma; os accessores, pallidos e tremulos, assignaram com elle, e a revolução ficou consummada. De cabeça inclinada, olhos no chão e braços cahidos, esperavam em silencio que a voz do novo prelado lhes restituisse a força e o movimento.

Este observava-os calado; sómente a sua vista falava por elle, quando, ferindo de repente a um ou a outro, colhia na passagem o mau pensamento que lhe devorava o coração. O sorriso, o sereno e doce sorriso do antigo padre Ventura, brincava outra vez nos seus labios; e a luz reflexiva e penetrante dos seus olhos realçava a finura da physionomia. Ter-

minada a leitura e o registo, o italiano pediu e recebeu todas as chaves, quebrou a penna dourada do prelado para indicar a suspensão do seu governo, e com passos lentos, mas firmes, foi assentar-se na cadeira de espaldar, throno d'onde os reis da Companhia intimavam ás Indias e ás Americas, á metade do mundo conhecido, as suas leis e a sua vontade omnipotente!

CAPITULO XIV

Ecce sacerdos magnus!

Os definidores olhavam uns para os outros sem terem animo para proferir uma só palavra. Não se ouvia senão a respiração mais ou menos alta das seis pessoas alli reunidas. Por fim o visitador assistente deixou cahir de subito a vista cheia de severidade sobre o confessor d'el-rei, dirigindo-lhe as primeiras palavras que dizia depois da sua elevação ao supremo poder na provincia de Portugal. A pronuncia pausada, e a accentuação estrangeira, davam ainda mais força a cada syllaba, e maior expressão a cada phrase. O tom em que falou era firme sem ser altivo, frio sem ser glacial.

—Padre Sebastião de Magalhães, não lhe parece muito pesado o cargo de confessor d'el-rei de Portugal? Sente-se com forças para arrostar os perigos da grande batalha, que está a romper por estes dias? Olhe bem!

O infeliz theologo estava tão pequeno,

agora, apezar da corpulencia, quanto costumava inchar-se nos dias radiosos do seu poder. Ouvindo a pergunta de mau agouro abaixou ainda mais os olhos, e encolheu-se na sua roupeta sem abrir a bocca. O visitador esperou um instante, e vendo que não respondia, proseguiu:

—Deus é que dispõe do coração dos principes. Quem sabe que a salvação, ou a ruina de milhões de homens depende d'elles, treme da responsabilidade de os dirigir, porque a chave da consciencia é a chave do coração dos reis. Padre Magalhães, pondere isto; e antes de responder veja se póde com a cruz. O rei quando erra só tem um juiz no céu, que é Deus. O confessor tem dois, o do céu, que é a infinita clemencia, e o da terra, rigoroso na justiça, que é a Companhia. Agora que o adverti, responda: está no caso de nos auxiliar *em tudo e por tudo* na côrte? Affiança-nos que o coração do monarcha não ha de variar em nenhuma circumstancia? Em fim, assegura-nos o bom despacho do que se pedir a sua magestade?

O Padre Ventura calou-se de repente cravando os olhos na physionomia do confessor perturbado, deixando-lhe suspensa sobre a cabeça esta espada de dois gumes. O padre Sebastião tinha só um gesto para revelar a prostração do animo; quando o temporal era forte, as faces descahiam sobre a segunda barba, e metade da cara escondia-se no peito, em quanto os olhos de côr incerta enviezavam a vista por cima do empinado ventre, para chegar ao interlocutor.

Entalado entre as cunhas das tres fataes

interrogações, o desgraçado aulico tinha mais vontade de refrescar as fauces com um copo de excellente vinho, do que de se comprometter com uma resposta precipitada. Preso por ter cão, e preso por não o ter, era atroz em realidade!

Depois de muito scismar julgou melhor sahir do que pôrem-no fóra; preferiu as honras do sacrificio á apupada de uma queda desastrosa. Suppoz que o queriam desviar da côrte, e que demorar-se n'ella seria o cumulo da temeridade. Por isso levantando a cabeça, mas fazendo-se branco, deu á luz com visivel dôr a renuncia formal do seu elevado cargo. O visitador ouviu-o sorrindo, e beliscando a orelha esquerda, gesto com que expressava o maior grau de satisfação.

—Em tempos ordinarios acceitei o logar por obediencia—disse o padre Sebastião expellindo cada palavra por entre os dentes, como se as lettras lhe cortassem o coração—as coisas mudaram, e não devo fazer melhor conceito de mim do que os meus superiores. O coração dos reis está na mão de Deus, vossa reverendissima o disse; e accrescentarei, *in cauda venenum,* debaixo dos pés do homem os trabalhos. Perguntado, se em tudo o que pedir haverá bom despacho, digo que não sei; e como alguem talvez mais habil ouse responder que sim, resigno o cargo nas mãos do prelado, e peço licença para viver feliz no meu antigo collegio de Evora.

Um suspiro involuntario, mais sincero, revelou a pena do jesuita por ir ser feliz. O visitador acariciou-o com a vista, amimou-o com o sorriso, e deixou-o concluir na intima

persuasão de que a sege voltava sem elle ao palacio de Alcantara, aonde residia então D. Pedro II. Depois, o italiano recolheu-se mentalmente, declinou a luz da vista e franziu os cantos da bocca.

—Padre confessor—disse por fim olhando firme para a victima—quiz experimental-o. Se me dissesse que sim, não podia servir a Companhia, e era preciso tiral-o da côrte. Note o que vou dizer. Vossa paternidade (aqui ha só irmãos) tem errado, e errado muito na direcção espiritual. Não somos jansenistas! A' força de escrupulos e de terrores moraes sei que fez de D. Pedro II um rei fraco e incapaz de grandes pensamentos. Se Roma lhe disser uma coisa, e nós outra, cederá ao papa com medo das censuras: e bem vê o perigo d'isso. Reis que não servem para si, não servem para os outros, e melhor é levar a pancada de um sceptro, do que estar atado ao leito de um paralytico. Queremos principes que tenham vontade sua, custa a fazel-os nossos, bem sei, mas ficam mais seguros. Não edifique em areia, se deseja duração. Erraram assim com o principe D. Theodosio, e elle morreu-nos succumbido! Padre Sebastião, accuda ao mal em quanto é tempo; conforte o animo e esclareça a razão d'el-rei... não de repente, pouco a pouco. Deixe-o ver pelos seus olhos algumas coisas; leve-o pela mão ao menos metade do caminho. A respeito da curia, lembre-se de que só em Roma somos ultramontanos. Com esta regra, que lhe dou, continuará a servir a Deus, a el-rei, e á Companhia no logar de confessor... Tem alguma coisa a dizer?... Não acceita? Fale sem temor.

—Acceito, padre visitador!—gritou o jesuita mais com o gesto, do que vocalmente, tão suffocado de jubilo se achava — Acceito mil vezes... a honra de ser util á Companhia. Mas vossa reverendissima dá-me venia para uma desculpa?

—Fale!

—A opinião de vossa reverendissima foi sempre a minha: até representei para Roma o mal que podia seguir-se! Não me quizeram ouvir... Executor passivo, cumpri as ordens; fui escravo d'ellas.

Como se vê, o respeitavel theologo ia resuscitando, e recuperando aquella eloquencia, que assentou em cheio no sermão revolucionario, meditado pelo iracundo procurador dos dominicos.

—Executou as ordens, sei...—accudiu serenamente o italiano—e por isso não é deposto. Agora entende melhor como ha de haver-se? Bem! Estimo que o seu voto se conforme; prefiro a obediencia voluntaria. Mas sabe que não chegaram a Roma as sua representações? Ora pois! Todos perdemos muito com isso, e vossa paternidade mais do que ninguem... Ha avisos dados a tempo que valem milhões. Ah, padre Sebastião, a fortuna é falsa! Valha-nos Deus. Affirmo-lhe que não sei de premio bastante para quem na occasião propria fizesse o que devia ter-se feito. Paciencia!

Falando assim, o padre Ventura mostrava tanta sinceridade, que o confessor de el-rei começou a acreditar que não estava tão mal com elle como suppunha.

Censuravam-n'o de grave omissão; mas tinha provas de que estava innocente. Em todas as

occasiões delicadas escrevêra com boa informação para Roma, e pedira novas ordens; debalde! Nunca tinha recebido resposta. Agora percebia a razão. A resposta faltava, porque as suas correspondencias eram interceptadas, ou pelo menos mutiladas na cella do prelado, o unico a quem pelo seu cargo competia expedil-as.

Com uma perfidia calculada, o superior, figurando-se amigo intimo, roubava-lhe systematicamente o conceito e a influencia em Roma, supprimindo ou fazendo suas as informações do confessor. Conhecida a traição, ateou-se de repente no peito do padre Sebastião aquelle odio intenso, decidido e eterno, que se chama odio de frade e que não tem egual no mundo. Os olhos primeiro, o gesto depois, declararam ao falso amigo a ruptura da antiga alliança, e a guerra implacavel que ia substituil-a. Para a lingua funccionar foi preciso mais tempo; decorreram minutos antes do queixo inferior cahir na posição natural, deslocado pela raiva, e das ideias confundidas pela revelação do visitador assentarem permittindo qualquer manifestação vocal.

Por fim, em quanto o provincial parecia sumir-se pelo chão, fulminado pelos olhos do amigo trahido e pelo sorriso do padre Ventura que o ia morder no coração, o rubicundo e corpulento confessor respirava com mais gosto, e tomava melhor o pulso ás difficuldades. Resolvido a castigar immediatamente a má fé do superior, descarregando sobre elle a culpa que lhe imputavam, o jesuita, ainda convulso de commoção, exclamou:

—Se o meu crime é a falta que vossa reverendissima, nota devo justificar-me. Aqui está quem viu e ouviu ler as informações. Alli está egualmente quem as recebeu da minha mão, e as approvou em conselho ... Agora accuso-me de simplicidade e negligencia por não escrever por duas vias; accuso o padre superior de ter subtrahido, occultado ou mutilado, não sei qual, as informações que dei a tempo. E' o que tenho a dizer.

—Quando fôr occasião eu explicarei ... — disse o provincial perturbado.

—De certo! — atalhou o visitador. — Deve explicar. Padre confessor, fico-lhe fazendo mais justiça. Socegue; darei conta ao geral. Agora passemos aos negocios de fóra; ás coisas ultramarinas. Padre Telles, em que estado está o Japão? Perdemos, ou ganhamos muitas almas para Deus?

—O Japão não se converte, martyriza!—respondeu o accessor interrogado—Todos os dias o nosso missionario, o unico que ainda temos n'aquellas partes, nos escreve pedindo que o desobriguem...

—Do perigo de padecer pela fé? Não póde ser. Que não desanime, que tenha deante dos olhos o exemplo de S. Francisco Xavier... O soldado de sentinella a um posto ha de ficar ainda que saiba, ainda que veja que vai morrer. Este é o nosso caso. Padre Telles, sei o que está nos seus papeis, não precisa dizer mais. Sei tambem que é amigo do missonario; que procura tiral-o do Japão, e dar-lhe uma aldeia na America. Ora pois! Os negocios vão mal, porque o zelo esfria... Para outra vez demore menos a resposta; quem está longe, já que não

vê, precisa de ouvir os superiores... A proposito, diga ao padre Silva (creio que é o seu nome), que, se cumprir bem as ordens, será mudado para a outra viagem. Se cumprir percebe? Ah, padre Simões como vai a China? Trabalha-se muito, mas a seára não amadurece. O que nos diz de particular?

—Que não se tem posto os meios, e que por isso nada se adeanta—replicou o jesuita, cruzando a vista com o prelado.—Que se poupa em Cantão, em Pekin, e nas provincias, e que se gasta de mais em outras partes. Se não comprarmos a tolerancia dos mandarins, os dentes do lobo não deixarão escapar o cordeiro. Tudo se remedeia, menos o medo da morte em gente fraca.

—Tem razão. Quando não se cultiva não se colhe. Ora bem! Os nossos missionarios esquecem-se muito de que o são; e nós queremos apostolos na China, e não satrapas na India. A cruz já tem raizes fundas n'aquellas partes; o caso era plantal-a. Agora se a não abrigarem cahirá. Os ares alli são finos e sujeitos a temporaes. Deixe estar, padre Simões, havemos de cuidar da China; as suas missões hão de florescer... Vejamos a America, padre Nunes! O que diz o seu correio?

—Ha dois annos que peço providencias e que não sou ouvido—respondeu o velho definador com desgosto.—Faz-se pouco ou nenhum caso das ordens de Lisboa; e, apezar dos capitulos, todos entram pelas aldeias para vexar os indios... Não os ensinam, maltratam-n'os, e todo o empenho é tirar grandes cabedaes...

—D'onde não os ha. E' verdade! Esta gen-

te cuida que o oiro vale o sangue, e por uma rupia é capaz de arriscar alma e corpo. Continue.

—Depois os ultimos decretos de Roma desagradaram. Gasta-se muito em ostentações, em banquetes, e não se melhora nada. Tinhamos um engenheiro a canalisar os rios, e despediram-n'o. As plantações não se cuidam; tudo é pouco para festas e regalos...

—Não diga mais; vejo que é sincero. Na côrte e em toda a parte fala-se da riqueza do nosso commercio; de que serve que os outros saibam se nós somos pobres ou abastados? A casa de Areco rendeu oito mil pezos fóra o valor das mercadorias? Bem. Mas arremataram-n'a a um negociante de Cordova. Valha-nos Deus! Escreva ao procurador geral que desfaça o contracto por todos os modos. Eu não quero que a mão dos estranhos tome o pezo ao nosso cofre, ou que os de fòra vejam tanto como nòs no interior do governo. Entende? Sei as ordens que expediu para o Brazil. Reforme-as. O geral Tirso Gonçalves era hespanhol, levava tudo a ferro e fogo. Tosquiam-me as ovelhas muito rentes, Padre Nunes, e por mais um arratel de lã não quero perder a rez. As aldeias dos indios são nossas,mas nossa é tambem a terra, e nem por isso a esgotamos...

—E' exactamente o meu voto, padre visitador. Representei o perigo de uma sublevação dos indios, e mandaram que obedecesse...

— Mandaram mal, está claro. Se não formos melhores do que os soldados, os indios fugirão de nós e irão para quem os chamar. Os selvagens são como as crianças, querem mimo.

Ganhamos aquelles territorios palmo a palmo com a cruz na mão, e o amor de Deus na bocca; chegamos com a paz a ser mais fortes que os castellos e os terços de el-rei... Agora vexam e roubam os indios?! E se elles se levantarem? Se os hespanhoes, ou os francezes vierem? Apoderam-se da colonia, e mettem-se dentro! Esta gente não vê nada! Padre Nunes, é preciso que a ignorancia se desbaste com pausa e tento; nem sabios que entendam de mais, nem rusticos que saibam de menos. Os rebanhos vão atraz do pastor; os homens nem sempre. Levem-n'os pela doçura e o bom far-se-ha melhor e o inimigo tornar-se-ha amigo. Lembrem-se de que o leão, até o leão, lambe as mãos que o curam. Se o coração dos indios não for nosso, ou estiver com outrem, que é o mesmo, o governo da Companhia durará poucos annos na America. Repare n'isto e acautele-se. Ah, padre Sines, tem susto da India? Estamos em bloqueio? Não importa, Deus proverá. Fale. Sabe, e pode dar boa conta. O que nos diz?

—Que é má questão, padre visitador! A curia insiste; os vigarios apostolicos, francezes e italianos, segundo informam de Roma, brevemente vão sahir para as egrejas do Oriente por nomeação da propaganda...

—Para as tomarem de subito? Falaram muito alto, padre Sines, e por isso verá que perdem a partida. A batalha é perigosa, confesso, mas querendo Deus ha de ganhar-se. Mandam á India, á China, ao Japão os vigarios apostolicos? Bem! Pergunto agora: ha pastor sem rebanho? Quem lhes dará posse, ou os seguirá, se não quizermos? Para governar não basta vontade, é preciso saber; e elles das mis-

sões não sabem nada. Vão com os olhos tapados. . e hão de cahir.

—Entretanto não desanimam;—accudiu o accessor—contam obrigar os nossos missionarios a reconhecer a sua auctoridade. Falam das censuras de Roma...

—Obrigarão, ou não, padre Sines. De longe tudo parece facil. Mas enganam-se. Quem lhes diz a elles que é lá, e não mais perto, que nos hão de encontrar? Roma, em bullas authenticas, não reconheceu o padroado portuguez? Póde expedir outras, contradizendo-se em presença de tantos reis offendidos pela usurpação? Não creia! os vigarios apostolicos não levam senão breves clandestinos... Ora a verdade não tem dois rostos. Se o papa disse em publico que as egrejas do Oriente eram de quem as fundou, não póde dizer em particular o contrario. Não defendemos senão a gloria e a boa fé do pontifice, se accusarmos de falsidade os breves, e de calumniadores os vigarios... Percebeu? Com o sceptro de el-rei D. Pedro fechar-lhes-hemos a entrada. Aquellas egrejas da India teem muito sangue portuguez nos cimentos para se largarem assim de graça. Demais, a propaganda quer a cruz no Oriente, mas gosta d'ella encastoada em ouro e pedraria... Um prégo na roda, e a roda ha de parar.

—E não deixamos nenhum padre de fóra nas missões? Parece-me o mais conveniente desde já—Insistiu o padre Nunes, olhando para o visitador com a vista cheia de sagacidade.

—Nem um só, observa muito bem. Se lá entrassem, gostavam e ateimavam. Prudencia e serenidade; não se precisa de mais. Nada de

nos exaltarmos; nada de nos excedermos. O nosso escudo é el-rei de Portugal. Cubra-se a Companhia com elle, e o resto deixe...

—As noticias de Roma falam ainda muito...

—Em que?

—N'uma reconciliação. Parece que o cardeal secretario insinuou que a propaganda não estaria longe de nomear os nossos missionarios seus vigarios apostolicos.

—Tambem tenho vagas ideias d'isso. E então? se a propaganda o quizer! O instituto da Companhia não é absoluto; n'este caso obedeceremos. Seremos vigarios apostolicos. Resistindo á nomeação dos padres de fóra das missões defendemos el-rei de Portugal, senhor natural; e acceitando a nomeação de Roma servimos o papa, senhor espiritual. O mais não é comnosco. Não é o seu voto, padre Sines?

—Se vossa reverendissima permitte, observo só que ficaremos mal olhados, e talvez expostos...

—E' possivel. Mas ficaremos bem em Roma. Depois, tudo se accommoda; n'este mundo é assim. Cá diz-se que é melhor sermos nós vassallos da coroa, e vassallos fieis, do que estrangeiros tirados das corporações religiosas sem raiz em Portugal. Lá faz-se valer o perigo, o sacrificio a que nos expomos por mera obediencia... Ainda tem alguma duvida?

—Ha o negocio dos quindennios, que em dinheiro vale muito, que em consideração vale tudo; os dois juntos parece impossivel que se vençam.

—Separados é que não se ganhavam. Optar entre dois males pelo menor é a verdadeira regra. Os quindennios não se pagam sem razão

sufficiente. El-rei D. Pedro comprometteu a sua dignidade a nosso favor; d'este lado estamos seguros. Agora veja! Se o interesse maior disser que se paguem? Perderemos o menos para salvar o mais. Por exemplo, se pagando os quindennios a propaganda nos fizer vigarios apostolicos no Oriente, não valerá a pena?

—Vossa reverendissima de certo prevê todas as consequencias!—exclamou o provincial, convulso e suffocado deante da audacia d'esta politica.

—Prevejo!? Ha de rebentar um temporal, em que um mau piloto naufragaria o baixel de Santo Ignacio n'esta costa de Portugal, que é um pouco brava ás vezes—replicou o visitador sereno e risonho.—Hão de estranhar, censurar, exterminar até algum de nós, o padre provincial por exemplo. Mas *quid inde?* A companhia ganha, e o individuo perde. O que isto prova é a necessidade de termos amigos, poderosos, e muitos. Padre confessor, padre provincial, o que ha a este respeito? Contemos as forças antes da batalha... Quem não é por nós é contra nós. Estou ouvindo.

E encostando-se ao largo espaldar do seu throno sacerdotal, inclinou a face na mão, e ficou immovel. O superior e o padre Sebastião suspenderam um instante a vista aggressiva, que trocavam desde o principio da conferencia para se consultarem sobre a resposta mais opportuna. Ambos tremiam deante dos perigos, que iam correr, obrigados a servir de instrumentos a uma politica, que nos seus calculos sinuosos jogava sem escrupulo com a corôa do rei e com a theara do papa, desarmando um pela mão do outro. Não ignoravam que a

colera de D. Pedro II, escarnecido e ludibriado, cahiria fulminante sobre os motores ostensivos da Companhia. Percebiam optimamente que os deixavam nos seus cargos para representarem o papel do bode emissario dos hebreus. A sociedade impunha-lhes os seus peccados, e deixava-os lap dar por quem quizesse. Entretanto o que valiam, ou significavam elles em presença do engrandecimento e da gloria da Companhia?

Os outros accessores estavam confundidos. De repente viam cahir das nuvens no meio do conselho este homem, duas horas antes obscuro, e achavam-n'o senhor absoluto do poder na opulenta sociedade a que presidiam. Depois, mal restabelecidos ainda do abalo da transfiguração repentina, ouviam-n'o expôr os negocios e propôr as decisões com a certeza dos factos, e a sciencia do mundo que constitue o genio transcendente dos talentos governativos! Elles os sabios, os experientes approvados na politica da Companhia comparando-se ao visitador, eram obrigados a confessar, que via melhor, e que lia mais longe do que os seus olhos cansados de tantos annos de estudo; eram forçados a reconhecer que em uma hora de exame e de analyse o novo prelado adeantára mais a resolução das difficuldades, do que todos elles juntos, e o geral de Roma nos ultimos vinte annos.

Todos se viravam para os dois definidores interpellados e viram no seu rosto uma derrota completa. O provincial primeiro, e o padre Sebastião depois, balbuciaram em phrases timidas, em explicações acanhadas, algumas desculpas sobre o desleixo que houvera em

fortificar a Companhia por meio de allianças firmes com os poderosos e com o povo. O quadro nada tinha de risonho. Sem actividade, nem discernimento gosaram as delicias do poder, adormecendo sem fazer caso do passado, vivendo do presente, e desattendendo o futuro. A' medida que os ouvia, o italiano carregava as duas rugas frontaes, e apagava o sorriso dos labios. Para o fim, os que o observavam pasmaram da magestade que exprimia o seu gesto e physionomia. Crescendo na cadeira, deitando faiscas pelos olhos, não parecia um homem, mas um Deus, quando, alargando o braço, impôz silencio, e desatou a final em torrentes a indignação, que transbordava:

— Basta! — exclamou — O pensamento que nos fez grandes e nos deu um imperio em cada estado perdeu-se! O espirito que vivia em nòs fugiu! Tirso Gonçalves, consummou-se a tua obra! O orgulho e a riqueza mataram a Companhia. Padre provincial, a braços com a maior lucta, diz-nos que dispôz tudo para ella se perder, e que não previu nada para a ganhar. Depois de similhante confissão não ficam sem luz os seus olhos, e sem fala a sua lingua? Enterrou os talentos, como o servo mau do evange lho, e apparece deante da face do senhor sem ao menos se humilhar? Padre confessor, está a con cluir este reinado, porque D.Pedro II (já não é segredo) não vai á proxima campanha, vai para S. Vicente de Fóra: o que preparou para a influencia da Companhia na côrte não ficar sepultada com o monarcha? O principe real é moço, e generoso, é grande de animo, e maior de coração; o que fez vossa paternidade para que o filho continue a obra do pae? Os mance-

bos levam-se pelo coração, que é o amor; e pela cabeça, que na sua edade é a imaginação. O que deu ao coração do principe? A rivalidade louca, ridicula, de seu irmão o infante D. Francisco! O que offereceu á sua imaginação? A vaidade das armas, os duellos nocturnos que podem entreter um mestre de esgrima, mas que não occupam meia hora a cabeça de um rei! O principe sonha com a magnificencia, adora a formosura, e ambiciona thesouros, porque deseja ser generoso, quer que o amem como homem, e como senhor, e ninguem, ninguem soube entrar na sua alma (que era tão facil), e apoderar-se d'ella! Pois este principe que não fizeram nosso amigo, digo-lhe eu, é timido e acanhado, porque não se conhece; ponham-lhe a corôa na cabeça, e verão se mente ao sangue real. Preparem-se que vão sentir o pezo ao sceptro de Luiz XIV! Não o distraiam; não o enlacem nos braços apaixonados de uma La Valliére, que o estremeça, e verão se olha fito para nós, e nos deixa socegados reinar mais do que elle nas Indias; ser tudo, e o rei quasi nada, na America! O principe quando se chamar D. João V mostrará o que é, e o que pode! Esperem, que hão de saber o orgulho, a força de vontade, e a grandeza d'alma que dormem ainda, mas depressa accordarão no herdeiro do throno...

—Vossa reverendissima não ignora que de Roma se nos disse, que entretivessemos sempre a rivalidade do principe com o infante. Como na casa real muitas vezes os irmãos segundos teem reinado, julgo que foi a razão...

—Vossa paternidade crê que o infante D.

Francisco póde ser o Affonso III, ou o Pedro II d'esta epocha? Imagina que a historia viva é como a folha de um livro que se dobra aonde se quer, e se decora? Os filhos segundos reinaram quando valiam mais do que os primogenitos. Esta má politica é a que nos levou á decadencia em que nos vemos. Permitta Deus que seja tempo de lhe accudir! Veremos se eu, estrangeiro, penso melhor e posso mais do que padres portuguezes e encanecidos na côrte! Tentarei a fortuna; e sendo feliz, aprenderão commigo a vencer os homens pelo coração. Passemos a outro ponto. Depois do principe ha dois homens que podem muito, porque merecem muito: o marquez das Minas, e Diogo de Mendonça Côrte-Real. O primeiro é hoje o nosso conde de Villa Flôr, a melhor espada de Portugal; o segundo esconde-se, mas não tem medo de se medir com os grandes ministros da Europa. O que fez a Companhia para os ter da sua parte? nem obsequios, nem louvores, nem serviços! Ao pé d'el-rei o padre confessor não se lembrou d'elles! E' preciso que D. Pedro II escreva ao marquez uma carta do seu punho, e que o honre com as suas graças. Ainda é necessario mais que a marqueza saiba a quem deve estes favores, e a influencia que os alcançou. Convem em todos os logares fazer boas ausencias a Diogo de Mendonça, e sem affectação mettel-o no coração do principe. O conselho do ultramar é tudo para a Companhia; e apezar d'isso chegamos á miseria de não ter lá um voto nosso. O conde Almirante, o conde da Vidigueira tem-nos odio; vossas paternidades não se lembram de que elle é

descendente de Vasco da Gama, e que nós, montando o cabo da Boa Esperança todos os annos, não podemos estar mal com os netos de quem o dobrou primeiro?! Padre Sebastião, no conselho ultramarino estamos de menos, e no conselho de estado apparecemos de mais Vossa paternidade não devia entrar lá. Os fidalgos calam-se, mas murmuram; não lhe perdoam, nem á Companhia, o arrojo de hombrear com elles. João Paulo Oliva queria na curia e nas congregações os jesuitas, mas sem roupeta. Tinha razão. E' melhor que nos sintam e que não nos vejam.

—Vossa reverendissima dá licença?

—Diga, padre Sebastião.

—Se entrei para o conselho de estado, pedi venia e recebi ordem expressa. Entenderam em Roma que bom seria estar um de nós no centro da politica e do governo.

—Entenderam mal; diga-me: dirigindo a consciencia do rei, não descobre os segredos do seu coração? Que necessidade ha de que os mais conheçam a sua influencia, se em particular e com humildade se conseguir o mesmo? Repare, padre Sebastião; a Companhia deve ser como a arvore; as ramas, que se vêem, olham para o céu; as raizes (e é onde está a força) vão por baixo da terra, e podem chegar mais longe. Renovaram-se as antigas discordias com a Inquisição? O que esperam? Perder tempo sem proveito. O Padre Vieira, auctor do plano, morreu; os apuros da guerra da successão passaram; a de hoje é uma briga de crianças; e os judeus não podem fazer-nos bem, e pelo contrario podem fazer-nos mal. Não nos cheguemos de mais ao

lume. Precisamos dos inquisidores, e elles de nós; e quando se precisa, ha união e não hostilidade.

— Vossa reverendissima sabe, julgo eu, que nos provocaram... Estavamos em paz, e de caso deliberado fizeram-nos a injuria...

— De prender um socio nosso? Sei. Olhe, o padre Vieira, e era o homem que sabe, prenderam-n'o elles da mesma fórma, e até o condemnaram, e nem por isso foi peor. Bastava obrigal-os a soltar o nosso socio. Uma licção pequena, uma correcção fraterna, como levaram agora os dominicos no desembargo do Paço... Padre superior, isto vae mal, vae pessimamente! Temos uma cruz pesada, e não vejo Cyreneu que ajude a leval-a...

— Assim mesmo ha muita gente... insinuou timidamente o superior.

— Gente ha, mas devotos da Companhia, homens nossos? D'antes para tudo havia servos de Christo: hoje falam, e não fazem nada: e as palavras o vento as leva; as obras é que ficam. N'outro tempo soube-se mais do coração humano, hoje desaprendemos! Quando nos perseguiram appareceram os Jacques Clementes e os Ravaillac... eram assassinos, peccaram, mas sabiam morrer. Se a desgraça nos visitasse, acha que alguem nos conhecia? Ora pois! Não ande ás escuras. Padre superior, quer saber a causa do mal? Não ha zelo; falta a fé. A parabola do grão de mostarda é uma divina promessa do Salvador, e vamo-nos esquecendo d'ella... Os montes cada vez são mais altos deante de nós! Afrouxa-se muito, ha descuido no ensino da mocidade, padre confessor...

—E' verdade, não vamos tão bem como iamos—redarguiu o superior, confuso da lucidez com que a vista do seu prelado chegava ao fundo das coisas mais reconditas—mas trabalha-se. As outras ordens religiosas por emulação não nos deixam, e ás vezes...

—Sabem mais do que nós, e offuscam-nos, padre superior—atalhou o jesuita com o seu sorriso frio.—D'isso é que eu me queixo. Se andam é porque estamos parados. Se ensinarmos melhor e mais depressa, não os vão chamar a elles. Depois, já lhe disse, sei tudo, vi tudo pelos meus olhos; por isso vivi tres mezes n'esta casa... Ouça, e medite. Sabe como a Companhia fundou um imperio tão grande, que abre os braços por todo o mundo? Quer que lhe diga como conquistou sem exercitos e sem generaes? Por virtude da palavra de Deus! Os principes teem a espada; mas a espada fere. Nós fomos de joelhos como Christo, e levámos o amor e a caridade áquelles que opprimiam a ferro e fogo. Elles venceram pela guerra; nós conquistamos pela paz. Lembre-se de que em Roma os Cesares passaram, e o Messias ficou! E' porque a espada quebra-se, a coroa cáe, o rei morre; mas o coração e a alma do homem são sempre os mesmos. Se uma geração acaba, vem outra nova; e o caso é reinar sobre a que está pelo amor e pela fé, e ter a que vem nas mãos pelo ensino e pela esperança... O filho respeita o pae, o disciplo crê no mestre... o mais são excepções...

—E' o meu voto; é o que tenho dito e feito sempre!—accudiu o padre Sebastião de Magalhães com ar triumphante.

—Pois disse muito bem! Desgraçadamente não o attenderam. Por esta regra prosperamos, e pela despresar havemos de cahir; porque não ha coisa grande e forte que possa ser eterna. Ao menos que não seja nos nossos dias, que não vejam os nossos olhos a ruina! Consolemos os afflictos, accuda-se aos pobres, e resgatemos os captivos. Cuida que Jesus Christo foi chamar os ricos e os felizes para edificar a sua egreja? Não vê que os pobres e os humildes é que a fundaram tão segura, que dezoito seculos a não abalaram; tão grande, que não ha parte do mundo aonde não tenha muitas portas? O nosso erro, e olhe que nos ha de matar! o nosso erro tem sido esquecermos que somos ricos, não para desfructar, mas para grangear. Se fizermos bem ao proximo, elle não fugirá de nós, mas fugirá para nós. E se todos nos procurarem, estaremos sós? Se nos quizerem, seremos fracos?

—Como observei—respondeu o confessor de el-rei—pela minha parte não me descuidei. Os principes e os fidalgos não chamam outros mestres...

—A côrte é pouco; a côrte só não é nada, padre Magalhães!—atalhou o visitador—O estado compõe-se de clero, nobreza e povo; e repare que as duas classes são muito pelo que representam, mas ao pé da ultima são quasi nada em numero... Diga-me: não vê que o povo todos os dias sóbe? E se elle subir tanto que chegue ao lado da fidalguia e do clero? Acredite-me: é preciso que todos nos ouçam e nos vejam; se não tivermos o povo por exercito e o rei por ministro, não temos senão

apparencias; e das coisas o que importa é a realidade. Accusam-nos de querermos apagar a sciencia, e escurecer a razão. Chamam-nos ambiciosos, soberbos, e exclusivos ... não nos conhecem! falam sem saber o que dizem. Um dia verão! Vive cada um em sua casa, quando muito no seu reino, e nós vivemos em todo o mundo, e estamos em toda a parte ... Julgam que este seculo é o seculo passado; crêem que tudo são bucolicas, jubilos, e acções de graças; esperem pelo tempo, e o tempo lhes dirá o que é. Estes reis e estes ministros, padre Sebastião, andam cegos, e são muito pequenos, mais pequenos do que a terra, e não podem com o peso. Teimam que tudo está parado, e tudo corre! Pensam, nem pensam, dizem que o silencio é a consciencia, e que a razão humana póde encarcerar-se ... coitados! Ambas vão tão depressa, e estão já tão longe d'elles (e até de nós), que se não dobrarmos o passo para as acompanhar, hão de perder-se no caminho, doidejar porque são crianças, e deitarem por terra o bom e o mau, o sagrado e o profano. A philosophia com que se entretem tanto essa gente, as fabulas, as novellas, todas essas comedias e tragedias que applaudem são maus symptomas; deixem andar os annos e achar-lhe-hão o gosto ... Mas a Companhia é que atravessa tudo, lettras e governo! Oxalá! Nós sabemos, e elles não. Conhecendo o mal, prevendo o perigo, podiamos dar a mão ao progresso, que vem cego, para se não precipitar de repente. Assim talvez a cruz, que é a civilização, não vacillasse, e o throno, que é a ordem, não cahisse ... Quando nos perderem, saberão

se verão melhor do que nós! A razão humana ha de levantar-se contra elles, e não a favor d'elles; e o progresso, perdido e cego, passar-lhes-ha por cima do corpo, deixando-os no chão, pisados, e mortos... Padre provincial, ainda hão de chorar por nós até os inimigos; digo os inimigos, porque cedo ou tarde os nossos inimigos hão de ser os reis e os ministros. Elles aprenderão á sua custa.

Uma lagrima apontou nos olhos d'este homem, que lia com tanta sagacidade no futuro as folhas ainda enroladas da historia. A voz vibrava com as intimas commoções da alma. Expondo a theoria audaz, mas logica, da politica jesuitica; fundando no amor e na caridade o poder temporal, a monarchia universal, a que aspirou sempre a famosa Companhia, cujo socio era, olhava com saudade para o passado, com tristeza para o presente, e com terror para o futuro. O enigma social já então preoccupava as intelligencias extraordinarias. No principio do seculo XVIII já alguem tremia de encontrar deante de si, repentinamente, essa força latente, invencivel, que, revelada pela explosão, tomou corpo e fórma nos dias de lucta da revolução franceza. O jesuita ainda cria no poder da auctoridade para suster ou desviar a torrente; ainda imaginava que depois da imprensa, e deante de Voltaire, negação arrojada, elegante e europeia de todas as crenças, era possivel dizer ao sol que parasse, e á luz que brilhasse menos!...

Entretanto as suas palavras sahiam tanto do coração, e pintavam com tanta verdade, que os accessores, confusos, aterrados, ou mais

exacto, *deslumbrados* do clarão d'esta immensa intelligencia, que via, sabia e previa tudo, não ousavam nem descer ao fundo da alma para se interrogarem ácerca d'ella. O visitador desde esta conferencia occupou de direito o summo poder. Estavam tão longe d'elle todos, que mesmo a inveja não era possivel, porque elle lhe ficava muito alto. Exaltados pelo exemplo e pela energia de um genio distincto, o seu unico sentimento foi o desejo de se mostrarem dignos de o auxiliar na escabrosa reconstrucção da influencia da Companhia. O padre Ventura, satisfeito d'este pensamento que leu no rosto e no coração dos seus executores, despediu-os, dizendo-lhes com agrado algumas phrases lisonjeiras.

Quando o padre Simões, que era o ultimo, ia a sahir, o visitador deteve-o, e esfregando depois as mãos, disse-lhe com o seu placido sorriso:

—Então, padre Simões, não lh'o dizia eu? Depozemos os soberbos: agora exaltaremos os humildes! Estas licções não cahem no chão. Veja, examine e avise-me como até aqui... Tem feito á Companhia e ao geral maior serviço do que imagina.

E apertando-lhe a mão deixou-o sahir. E' inutil accrescentar que ás informações d'este confidente perspicaz, e ignorado dos mais accessores, eram devidas as ideias exactas e o conhecimento profundo e minucioso dos factos, que habilitaram a capacidade extraordinaria do visitadora ser mais sabio e practico em cada negocio do que o definitorio, encanecido no estudo e na meditação das difficuldades do governo.

Apenas se viu de todo só, o padre Ventura deu duas voltas á chave, e fechou-se na secretaria. Depois foi direito a um armario secreto, sumido n'um reconcavo da parede; tocou a mola, fez saltar a gaveta, e tirou d'ella um cofre pequeno, folheado de tartaruga com frizos de ouro embutidos. Dentro do cofre estavam só dois massos de cartas, cuja leitura o preoccupou tanto, que a sineta repicou duas vezes, chamando ao refeitorio, sem elle levantar a cabeça, apertada entre as palmas da mão, em quanto os cotovellos se firmavam sobre a mesa. Um sorriso mais agradavel do que ironico, uma expressão mais curiosa do que sagaz, acompanhava os incidentes da leitura. Finda ella, o italiano tirou duas cartas do primeiro maço e metteu-as no bolso do peito; e repondo tudo no seu logar, dirigiu-se á porta, que abriu, em quanto dizia a meia voz, falando comsigo mesmo:

—Veremos se o papel faz o milagre!... Este homem dizem elles que é nosso inimigo? Pois sim, e se dentro de quinze dias o fizermos primeiro ministro?... Esta gente não sabe que só o Salvador era capaz de resistir levado á montanha da ambição. O tempo a ensinará.

A quem se referia o jesuita?

Brevemente elle o dirá. Excusado é, portanto, sermos indiscretos.

CAPITULO XV

Uma serva de Deus!

Pediremos venia agora ao leitor para entrarmos com elle, como se dizia em estylo pastoril na epocha d'esta mui veridica historia, na choupana do honrado Thomé das Chagas, que tendo desapparecido ha tempo, é preciso saber-se aonde o poderemos descobrir. Fomos ingratos esquecendo-nos de o procurar; mas elle, fino como um coral, não se ha de ter deixado adormecer na ociosidade. Deve de estar occupado. Vejamos.

A escolha das posições exalta o general; e Thomé, o devoto, não ignorava esta regra, assim como não ignorava a casuistica do padre Bauny, e muitas coisas mais. O Eneas de Evora, salvando os penates, e tempos depois chamando como sua fiel Creusa a virtuosa Perpetua das Dôres de Maria Santissima, tinha farejado o sitio mais commodo de Lisboa para assentar o seu acampamento. Depois de boas informações e attendidas as leis da hygiene, da tactica e da liberdade de industria, optou pelo becco do *Manquinho*, posição por muitos respeitos digna das suas preferencias.

O becco do Manquinho no anno de 1706, era, e continuou a ser até ao terremoto de 1755, uma especie de corredor enviezado, escuro, ladeirento e lodoso, cheio de cotovellos como os pés do devoto, esbeiçado de paredões e de barracas arruinadas, como o vestido milagroso do Bertholdo Seraphico. Este logra-

douro dos amigos da obscuridade, que de longe mais parecia um cano de despejo do que uma rua habitavel, tinha nove palmos de largo e sessenta de comprido na segunda volta que fazia para entestar com o largo dos Escudeiros. A estas animadoras proporções juntava ainda uma aberta em fórma de bocca de garrafão, rasgada sobre a Alfurja, outra viella torcida na largura de sete palmos até ao becco dos Namorados, nome vaidoso, que o lamacento e esguio passadiço devia trocar pelo appellido mais veridico de *becco dos Ladrões.*

Á vista da exactissima descripção que acaba de se ler, tirada dos monumentos da epocha, pouco resta a accrescentar.

Em dia de diligencias da justiça os tectos das barracas, coroadas de trapeirinhas afuniladas, podiam abrir facil escapatoria aos morcegos e abutres do bairro; e os mais delicados de consciencia, e por isso mesmo os menos promptos em evitar o contacto dos beleguins, quando chovia, para não sahirem de casa com agua até ao joelho, preferiam atravessár uma taboa como ponte de janella para janella em toda a largura do becco, o que lhes proporcionava a commodidade de visitarem os seus amigos, viajando aereamente sem passarolla.

Deus nos livre de maus pensamentos! Mas estas encruzilhadas, feitas de proposito como tocas de sapos, não se pareciam mal com uma caverna de tratantes, admittida mesmo a virtude e o amor do proximo do principal locatario, o senhor Thomé das Chagas.

O cortiço estava sempre cheio de vespas, e como as vespas usam do ferrão só nos casos extremos, de ordinario qualquer dos morado-

res, vendo-se em perigo, fugia pelos telhados, e saltando aos tenebrosos desaguadoiros, facilmente deixava a justiça como parva no meio das mais bem concebidas evoluções.

O senhor Thomé das Chagas vivia com certo conchego; herdeiro ou não do velhaco Onofre Crespo, a verdade é que se tractava ás mil maravilhas. Todas as pequenas consolações com que um devoto costuma corrigir nos dias gordos a magreza do famelico jejum, estavam enfileiradas na dispensa em gulosos cachos de paios e chouriços, e em deleitosas linhas de garrafas de genuino e maduro vinho. Fiel á modesta fortuna do seu pupillo, a tia Perpetua descontava das lidas da salvação oito horas por dia, para tractar da cosinha e da roupa do senhor Thomé; e, resmungando o seu padre nosso, punha toda a casa bonita e cheirosa como um palmito.

No dia, em que estamos, um acto de rebellião inaudita acabava de se consummar contra os moradores do becco do Manquinho, feridos nos sacratissimos direitos de caminho e de passagem.

A barraca do senhor Thomé das Chagas formava um dos innumeraveis cotovellos do corredor, aonde o braço de pouco opulento mestre de obras a levantára. O chão descalço abria uma cova grande entre ella e os tres casebres ainda mais caducos, que lhe ficavam defronte; sendo o do meio a tenda, ou a espelunca do Sileno do bairro, coroada dos immarcesciveis loiros do estylo, fortificada com as gloriosas barricas que o consummo tirava do porão e empurrava para a porta.

A' esquerda habitava um veterano côxo,

amulatado, e propenso a vingar a preguiça da muleta com os saltos mortaes dos dados.

A' direita vivia o sineiro da parochia entre os flatos hystericos, e as murmurações eternas de tres beatas velhas, cauda da serpente, cuja cabeça venenosa apparecia no becco dos Namorados, quartel general dos gatunos da cidade de Lisboa.

Eram sete horas da manhan, e talvez ainda não o fossem. Começava a aclarar o dia; e um chuveiro teimoso, puxado pelo vento, açoitava as janellas envidraçadas com papel de cantochão, quando o illustre veterano abriu a porta, e aventurou a perna válida fóra do seu tegurio.

Segundo a sua bella expressão ia fazer a consoada á tenda do tio Braz com dois figos passados e uma dóse respeitavel de aguardente, a fim de enxugar as humidades do estomago, e de rehabilitar o systema nervoso.

De repente o glorioso monumento da guerra da successão deu um grito, e expectorou uma blasphemia, a que respondeu, não o echo, mas a immensa bocca do honrado tendeiro, que do alto degrau da sua porta, e sepultado até ás orelhas em um agudo carapuço de lan, amaldiçoava em phrase clara e voz clamorosa a causa dos seus males.

Ao duetto dos dois baixos associou-se pouco depois o tenor do sineiro, e o soprano e o tiple das beatas, cujas coifas e capellos mal assentes tremiam agitados pelas convulsões de raiva do areopago feminino, alinhado deante dos degraus.

Qual era o motivo que provocava a eloquencia do becco do Manquinho?

Quem desafiava a ira das matronas, a furia pausada do mercieiro, a colera militar do soldado, e a rouquidão teimosa do sineiro?

O mais exiguo e despresivel ente!

Um galopim de oito a nove annos!

Olhemos para a rua e acharemos o corpo de delicto.

A cova entre a casa do senhor Thomé e as tres barracas tinha-se convertido em lago, graças á sciencia hydraulica do gaiato.

Tapando as sahidas á agua da chuva, que fôra copiosa de noite, alagára o becco quasi até á entrada da Alfurja, e resistia impavido ás ameaças das beatas, capitaneadas pela tia Perpetua, e de todos os moradores, condemnados a um banho inferior se ousassem sahir da porta.

Em virtude d'este grave acontecimento viam-se em acção bellica as velhas desgrenhadas e alvoroçadas; e no meio o tendeiro, novo Jupiter *stator*, lamentando a infernal invenção, que tornára o seu estabelecimento uma segunda Veneza.

As linguas das matronas acoutavam a insolencia do rapaz; a muleta do soldado juravalhe pelos ossos, e a sanha do negociante de quartilhos atroava o céu e a terra.

No meio do alarido, tranquillo e impavido o diabrete patinhava e assobiava com desplante capaz de enfurecer a propria paciencia.

Entretanto vendo arriscar o unico pé ao veterano, o garoto percebeu que o assalto era imminente, e saltando teve a destreza de ir ao encontro do aggressor. O Marte do Manquinho em perigo flagrante esqueceu a fraqueza dos alicerces, perdeu o equilibrio e

a muleta, e cahiu de costas no pantano artificial no meio dos clamores do tendeiro, que apanhou de rosto a chuva que espirrou do baque do soldado. Entretanto o rapaz em dois pulos metteu-se na Alfurja, e d'ahi entrou no becco dos Namorados dando risadas, que ressoaram por muito tempo.

N'este momento critico a tia Perpetua foi constrangida a suspender a verrina, que pronunciava contra a depravada mocidade, accudindo á voz do senhor Thomé das Chagas. Pouco depois fechou a porta, deixando os seus alliados entregues á mofina sorte que os perseguia.

A figura do nobre andador das almas em habitos menores faria estalar de riso um bonzo, symbolo da gravidade. Em vez da cabelleira de estopa que lhe servia de peruca, o devoto trazia empoleirada na alterosa nuca uma coifa de mulher, cujos folhos sujos e amarrotados cahiam d'ambos os lados até ao pescoço como duas orelhas enormes.

A canella, com a traçada meia bicolor cheia de pontos, e o enorme pé acalcanhando as chinellas, davam-lhe exotica apparencia. Em mangas de camisa, o puido calção, e o babadouro esguio todo franzido em roda, tornavam-n'o a publica-fórma de um barbeiro de entremez. Thomé das Chagas acabava de fechar o sobrescripto de um masso de papeis; e quando a tia Perpetua entrou na casa de jantar suspendia ao peito o relicario com o enorme collar de camandulas.

Os olhos enviezados do milagreiro fitaram-se na beata, e os dedos coçaram a nuca, gesto usual, em quanto exclamava:

—Torno a dizer-lh'o: isto é obra dos meus inimigos religiosos!

—Anjo bento do meu divino Jesus!—accudiu a senhora Perpetua, persignando-se e lagrimejando.—Quem nos ha de querer mal, filho da minha alma? Deixa-te d'essas *visarmas* (queria dizer *visões*), meu santinho. Aquillo é ideia da vibora maldita do rapaz: Deus o tolha de mãos e pés, nosso Senhor me perdoe!

—Caridade, tia Perpetua, mais caridade!—exclamou o santão com soberana dignidade. —Está escripto na sagrada pagina: «não desejarás o mal do teu proximo.»

—Má paralysia séque o aborto e tambem a boa rez da mãe, que vive como um brutinho fóra da lei de Christo. Arreda-te, tentação do demonio! Não que elle se não é, parece mesmo o Antichristo, sabbado de Nossa Senhora é hoje! E lascarino? Ai e Jesus! Hontem se me descuido não lambia aquelle bazilisco o especione ao nosso *mimi ?!* Safa! com o demonio, concebido e creado em peccado morta! Ave Maria, cheia de graça...

Coroando a maledicencia com a oração, a tia Perpetua acompanhou-a de tres mesuras de alto a baixo á imagem da Senhora das Dôres posta em cima de uma banqueta com sua toalha de folhos muito lavados.

A beata carregava com mais de sessenta annos. Era baixa, corcovada e magrissima. Uma bocca sorvida, e sem dentes; olhos pequenos, abotoados de marroquim, viuvos de pestanas, e apresilhados nos cantos, como olhos de china; pelle côr de cobre, quasi viscosa como pelle de serpente, nariz adunco e a barba revirada, davam-lhe inquestionavel di-

reito a reivindicar a belleza picara da famosa dama Leonarda, que Deus tem.

Vestia uma tunica sem cauda, talhada em fórma de habito, com o inevitavel capello escuro, franzido e afogado á roda do pescoço, o qual subia inteiriçado com um feixe de cordoveias, sustentando a cabeça, proporcionalmente pequena de mais, como um poste supporta uma lanterna.

Quando sorria, o riso amarello d'esta bocca sem dentes fugia, como um reptil, por cima dos beiços delgados, pallidos e sumidos. Quando se irava, a luz baça dos olhos encovados parecia accesa dentro das orbitas vasias de uma caveira.

O immenso rosario pendia do cinto de couro e varria quasi o chão. Um registo da Senhora das Dôres, com as sete espadas dispostas em fórma de rosa dos ventos, via-se cosido sobre o lado esquerdo do peito. Por baixo da tunica percebia-se o cilicio de proposito mal recatado, e de uma algibeira sahia como por descuido o cabo das disciplinas.

Para maior mortificação ás sextas feiras servia-lhe de travesseiro uma caveira, e a sua cama eram as taboas duras do sobrado.

A par d'isto uma lingua viperina, um caracter enredador, e uma consciencia insensivel ao remorso.

Tal era a virtuosa Perpetua, comadre de tres sacristães, e auctora de singulares remedios contra sciaticas e sesões.

A avareza egualava n'ella a hypocrisia. A unica boa qualidade que se lhe conhecia reduzia-se á affeição verdadeiramente maternal que votára a Thomé das Chagas, que na sua

opinião reunia todas as prendas imaginaveis desde a formosura de Adonis atá á sabedoria de Socrates.

O milagreiro passeiava pela casa com desassocego, em quanto a senhora Perpetua fazia mesuras á Virgem e tregeitava com a bocca em sorrisos asquerosos

Por fim o nosso amigo parou deante da matrona, e com a mansidão que lhe conhecemos, exclamou:

— Sabe, tia Perpetua, que estou anciado de fraqueza? Não se almoça esta manhã?

— O que diz o meu santinho? — replicou a velha, cingindo a orelha com a mão, como usam os que ouvem pouco.

— Digo que tenho fome — redarguiu Thomé levantando a voz e sentando-se com força na poltrona coxa.

— Ai, Jesus do céu! Hoje é dia de jejum, filho, e não deveis tocar em boccado que dê gosto ao paladar. Deus nos accuda! Vade retro tentação! Resai-me um Padre nosso e uma Ave Maria ás almas; é a receita de frei Timotheo para as debilidades do jejum com que o demonio nos tenta. Tambem eu, Nosso Senhor sabe o que me custa. Até a luz dos olhos me fóge ás vezes...

— Tia Perpetua — atalhou o senhor Thomé sem pestanejar, nem desengatilhar um só dos musculos da face armados á compuncção — cada um faz o bem que póde n'este mundo para ganhar o outro! Frei Timotheo é um santo e eu sou um peccador: de mais as almas não comem nem bebem... Sou debil, e sujeito a espasmos, por isso tirei dispensa. Dê-me de almoçar e acabemos com isto.

— Ah se o meu santinho tem dispensa é outra coisa. Olha, filho, em um pulo a tia Perpetua tempera uma assordinha, que os anjos haviam de gritar por mais. Mas primeiro a salvação! mundo, diabo e carne, figadaes inimigos do homem, eu vos excommungo; por vòs não me quero perder para todo o sempre amen Jesus!...

— Nem eu, tia Perpetua. Mas avie-se.

— Ahi vou, ahi vou!

E virando-se para a imagem da virgem com tres mesuras e muitas cortezias, a beata proseguiu:

— E vòs, bemdita Senhora, não comeis, nem bebeis, mas cada vez estaes mais bonita. Ave Maria cheia de graça! Fazei, estrella do ceu, que o conde se lembre da vossa serva com os seis cruzados, e prometto uma corôa de prata para essa divina cabeça, e um vestidinho novo, todo bordado. Pedi por mim, bemaventurada Senhora, e tocae no coracão á menina, que ouça o que lhe hei de pedir. Salve Rainha, estrella do mar! Bem sabeis, minha senhora, que estão muito caros os tempos, e eu preciso de mantéo e sapatos. A renda da casa come com os pobres á meza, e o quartel está batendo á porta. Se não me faltasse, não vos importunava, Virgem purissima, nada quereis á vossa escrava, nem um recado para o nosso Menino Jesus, o doce Jesus da minha alma, allivio dos afflictos, viva columna do throno de Deus Padre?! Logo em S. Domingos hei de contar-lhe como estaes triste com saudades suas. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por mim, peccadora!... Perdoai a minha confiança, divina Senhora; mas se ella casar com o conde, hei de

comprar-vos um Menino Jesus de barro, e nunca mais estareis sósinha e chorosa como agora. Pelas sete dores da Paixão, Virgem consoladora, fazei este milagre á vossa serva, e pizae aos pés com a serpente a quantos me quizerem mal, que tenha má hora na vida e na morte, e assim seja para todo o sempre amen!

Esta desaforada jaculatoria em que a beata peitava a mãe de Deus para a converter em sua cumplice, associando-a ás torpezas das suas imfames esperanças, era acompanhada de um sem numero de sorrisos e beijos na imagem. O senhor Thomé das Chagas, apezar de acostumado a espectaculos similhantes, enjoou-se com a scena escandalosa e poz-lhe termo, gritando pelo almoço em tom que não admittia réplica.

A' vista da peremptoria intimação cessaram as apostrophes da tia Perpetua, e não se demorou a assorda e uma garrafa de vinho. Em quanto elle comia, a beata arrumava a casa, falando só e benzendo-se a miudo com a cruz do seu rosario.

Depois do primeiro assalto, mais tranquillo de estomago, Thomé, de oculos assestados, virou-se para a matrona e perguntou-lhe em voz assucarada:

— O conde veiu hontem?

— Pois não veiu! O rico fidalgo da minha alma... Olha, santinho, deu um cruzado á velha para rapé, e promessa de outros seis se arranjarmos...

— Hum! — rosnou o devoto abanando a cabeça solemnemente — Não sei o que diga... Tia Perpetua, tenho medo de a vêr n'estas a-

lhadas. Honra e proveito não cabem n'um saco.

— Alhadas?... Alhos são tormentos, filho. Graças a Deus, sou conhecida. Aqui não entra calção de homem, que dê que falar ao mundo. Pobre sim, mas honradinha.

— Quem fala n'isso? Vossa mercê mette-se muito pela terra, e um dia vem uma pedra e apanha-a. E' o que digo.

— Ai não, filho estai quietinho. O meu Jesus da minha alma sempre me ha de valer. Mas o conde... bizarro, e galante moço. E depois o bonito modo... encanta. Sabes? deu-me uma carta para o convento.

— Para a freira de Santa Clara?

— Freira?! Então Perpetua das Dores de Maria Santissima é qualquer mulherinha para andar pelos conventos desinquietando as esposas de Deus Menino? A senhora D. Catharina de Athaide ainda não professou, e se metto a mão no fogo sei o que faço pelo amor do conde e d'ella... Ha de lhe dar estado, e tel-a com toda a honestidade. Não me ouça o meu anjo da guarda, se eu fôr capaz...

— Pois sim, tia Perpetua, ninguem julga o contrario. Então o conde de Aveiras sempre casa com ella? E o pae?

— O pae está renitente. E' um fidalgo muito soberbo, e como vive pobre e não tem para o enxoval, todo se torce. Ora! Por fim está morrendo... Anda um jesuita tractando d'isso, um tal padre Ventura...

—Ah, o padre Ventura! Muito bem. Pois se elle anda mettido n'isso, respondo pelo resto.

—O meu santinho conhece o padre?

—Alguma coisa. Porque?— balbuciou o devoto, mudando de côr.

—Olhe, filho, estou muito mal com o padre Timotheo. Não gosto de confessores de levante. D'antes eram duas, tres horas; agora não me ouve meia! Assim não presta! Vou deixal-o. Fala-me ao padre Ventura?...

—Tia Perpetua—disse o andador das almas, desenroscando gravemente a esguia pessoa—o padre Ventura é meu confessor, e não convem que saiba todos os peccados de casa. Tenho minhas razões. Deixe ver a carta do conde.

—Deus nos accuda! Ver a carta do conde? Santa Maria, rogai por nós! O santinho não repara que nem lacrada está ao menos?

—Por isso mesmo. Gosto de saber o que vai pelo mundo para meu governo.

—Se prometteis!... filho, oiro é o que oiro vale. Temos aqui o perú da festa, e gordinho, gordinho... não m'o deiteis a voar... Esta carta se eu soubesse ler!

—Sei eu; dê cá.

E o nosso Thomé desatou sem ceremonia o laço de amor com que ia dobrado o bilhete do conde para D. Catharina. Leu, releu, e decorou; depois restituiu-o com profunda serenidade, tornando-o a fechar como vinha.

—Então?—exclamou a beata, ardendo em curiosidade, virando e revirando a carta nos dedos.

—E' tudo santo e justo. Os meios são perigosos, porém os fins, louvado Deus, não podem ser melhores!

—Mas?

—Nada, quasi nada, tia Perpetua. O conde pede á menina que se prepare esta noite para sahir do convento. Diz-lhe que o padre Ventura em uma sege a irá depositar em casa de

penna virtuosa, aonde ficará até se recebe-
rem... O negocio vai bem, vai excellente. Não
que o padre Ventura sabe! Agora o pae que
se faça fino. Tia Perpetua, é preciso levar a
carta, e chegar a horas.

—Bemdita e louvada seja a Virgem Maria!
Estou aqui e estou na rua. Em ouvindo as tres
missas do costume...

—Approvo o seu zelo. E o outro fidalgo?

—Esse não diz o nome! Esteve cá mais o
conde. Bonito rapaz tambem, mas a gente com
elle tem menos confiança. Tomára saber quem
é. Dava um cordão novo a Santo Antonio.

—Tia Perpetua, cuidado! Olhe que pela bo-
cca morre o peixe. Diga-me, elle não lhe deu
recado?...

—Ai, deu. Por signal vou logo levar uma
carta á rua das Arcas a casa do commendador...
Não sei porque havia de resuscitar o tal capi-
tão. Se soubesse o que engraço com elle, não
me punha mais os olhos.

—O capitão Philippe da Gama é muito ami-
go do nosso padre mestre. Livre-se de que a
apanhe, olhe que elle não é para graças...

—Santa Barbara, advogada dos trovões! Tão
nova me fazeis, que deixe cova debaixo dos
pés, ou me escape coisa por onde perca... Per-
petua das Dores não é de hoje, nem de hon-
tem... elle tem dois olhos, e eu por ora vejo
bem sem oculos. A carta ha de ser entregue,
meu santinho. Ai, filho, a menina Cecilia é uma
flor, uma perola! Olha, o annel que me deu a
ultima vez está alli ao pescoço do Menino Je-
sus de Santo Antonio. E' verdade que de to-
das as vezes que viu e conversou com o fidal-
go levei-lhe o recado, e ensinei-lhe a maneira...

—Ah! então já se tinham falado?

—Ha que tempos! Foi até no convento. As primeiras duas vezes só um instantinho, elle de cima do muro, ella de traz do caramanchão. Na ultima o padre Ventura é que arranjou tudo... O que dirá a carta?

—Deixe vêr!

—Anjo bento, vem fechada.

—E' obreia. Sei abril-a.

Empregando um processo usado em Santo Antão o nosso amigo abriu a carta, leu-a e decorou-a, e tornando a pegar a obreia, entregou-a depois á beata como a do conde de Aveiras.

—O que dizeis d'esta, filho?—perguntou a senhora Perpetua.

—Que é peior. Convidam a sua perola, a sua Cecilia para d'aqui a tres dias apparecer no mirante do jardim pelas dez horas da noite, aonde lhe dirão coisas que se não podem escrever.

—Ponho as mãos no fogo em como vai.

—Irá. E depois?

—O que ha de ser nas mãos de Deus está. Se dois passarinhos fugirem da gaiola fazem acaso mal a alguem? Demais, Cecilia está em sua casa; a mãe e o pae que a guardem. Sou de fóra, e vejo caras, não vejo corações... *Agnus Dei qui tolis peccata mundis!* Se o meu santinho não quer mais nada, vou-me arrastando á missa, e de lá darei ordem á vida... Ai! estas pernas estão para pouco. Thomé, fechai bem a porta, e a chave na mão do visinho. Se jantaes em S. Domingos é escusado gastar lume... Jesus da minha alma! Bem diz o rifão: «já fui moça, já fui rosa, hoje não tenho senão espinhos.» Antes uma jornada era para mim um

pulo, agora são leguas de Deus... A benção de Nossa Senhora te cubra! Ave Maria, cheia de graça...

O resto da oração perdeu-se na distancia, porque a senhora Perpetua já sahia quando a principiou. Thomé vendo-a cerrar a porta encolheu os hombros, enfiou as mangas da casaca, poz por cima o famoso balandrau, e pegando depois no seu nicho e na bandeja partiu atraz da beata, fechando a porta a duas voltas, e deixando a chave na tenda, como lhe fôra recommendado.

Durante o dialogo com a senhora Perpetua tinha-se escoado a agua, e o becco do Manquinho já se podia passar a vau.

O andador ia a virar para a rua dos Escudeiros, engolphado em sérias cogitações, quando sentiu pesada, como chumbo, mão estranha sobre o hombro. O primeiro gesto foi encolher o lado offendido; o segundo virar a cabeça cautamente e reconhecer o aggressor.

Achou deante de si o estupendo chapéu, a montanhosa peruca, e o rosto illuminado de sorrisos do poeta Bernardo Pires, aquelle vate engasgado em um soneto, que vimos em S. Domingos jurando pelos ossos ao senhor Thomé das Chagas por causa da incontinencia da sua lingua.

O poeta matinal, fresco e gracioso trazia a capa embuçada ás canhas, capa ampla, e desbotada, que lhe amortalhava metade da barba.

Cruzando os pés com elegancia, e dando ás cortezias a mais preciosa afinação, o senhor Bernardo Pires passou a mão direita por baixo da capa, e levou-a lenta e grave ás abas do amaçado chapéu; saudou o seu interlocutor, e

entre dois sorrisos sonegados pelos cantos da bocca, e lambidos á flor dos beiços, disse:

— Queira desculpar se o importuno; mas antes que o divino Apollo suba mais alto com os frizões de fogo, quero duas palavras em particular, sendo do seu agrado.

— Mas eu não tenho a honra de o conhecer — accudiu o devoto pasmado em presença dos requebros mesureiros do poeta.

—Não importa, presadissimo senhor, não importa, conheço-o eu. Não se chama o senhor Thomé das Chagas? Não é andador das almas em S. Domingos?

— Um seu criado para o servir! N'esse caso o melhor seria voltarmos atraz. D'aqui a minha casa são duas passadas...

— Nada de incommodo, senhor Thomé! *Perambulemus!* verbo latino que significa *andar de passeio* Se faz favor, siga-me; e de caminho falaremos.

— Mas aonde? Para quê?

— Eu lhe digo: sou poeta, faço metaphoras, sonetos e apologos. Vivo de glosas e idylios, como vossa mercê das galhetas bentas... Tudo isto é noite escura, por ora, para o senhor Thomé; mas eu lhe abro já uma janella para encher de claridade a sua alma. Explico-me em estylo vulgar, e por um momento desço do Parnaso ao aprisco dos mortaes. Hontem morreu o mordomo de um fidalgo, o mais alto de quantos eu conheço e quero que se conheçam em Portugal. O mordomo partiu d'este mundo um pouco á ligeira, isto é, sem confissão, nem sacramentos, porque homem morto não fala, e a sua doença foi a morte... Não sei se foi bem, se mal, com Deus, e nós, seus

amigos, queremos mettel-o no céu; bello! Mas para o levantar pelos cabellos, porque, diga-se a verdade, o honrado mordomo pelo menos tem os pés dentro da caldeira do pêz...

— Ah! — accudiu Thomé, benzendo-se e abanando o pescoço com summa circumspecção: — Ah! então julga que elle não estava em estado de graça? E' grave, muito grave! De que falleceu?

— De uma indigestão! Esqueceu-se de tomar as larguras ao estomago, bebeu um garrafão de vinho, e arrebentou. Tornemos ao caso; como ia dizendo: havemos de pregar o logro ao demonio e metter o homem vestido e calçado no céu. Faça favor, venha ouvindo e andando, o passeio é perto. Quantas missas acha que serão precisas para fazer estalar a castanha na bocca ao fero Plutão do sombrio reino?...

— Não percebo...

— Tem razão. Maldito costume!... Pergunto: quantas missas devemos mandar dizer para pôr o mordomo branco e puro como um seraphim?

O andador viu um excellente negocio na apotheose do mordomo, e abrindo as largas orelhas, e jogando as eternas passadas, foi atraz do reclamo, seguindo o poeta, em quanto respondia:

— Depende! ha quem diga que o sacrificio é tudo e o sacerdote nada; tenho outro modo de pensar. Ainda que a esmola seja mais avultada, ganha-se muito em ter um padre de consciencia e que se interesse pelo defuncto...

— Deu no vinte, meu amigo! E' a minha scisma. Ora julguei sempre que só o senhor

Thomé era capaz de desenterrar o padre, já se sabe mediante um modesto honorario...

— Deixemo-nos d'isso — accudiu o devoto sentindo já os dedos em volta do numerario — Nada de simonia. No serviço do proximo posso acceitar uma esmola, porque sou pobre, mas não recebo salario. Se quer lembrar-se das almas...

Estendeu-lhe o nicho a beijar, com o ralo para fóra, inculcando que o seu thesoro tinha aquella entrada. O poeta deu pios osculos no santo, tirou o chapéu, e levou a mão ao bolso da véstia; mas tirou-a vasia, fingindo mudar de ideia:

— Não trago prata — exclamou — E demais estamos ao pé de casa. E' adeante da esquina, aquelle becco.

— Mas onde vamos no fim de tudo? — gritou o milagreiro um pouco inquieto, vendo fugir a esmola, e render o caminho, apezar da isca com que o vate o ia entretendo.

— O senhor Thomé conhece o sitio?

— Nem sei onde estou. Fóra do meu bairro sou mesmo um parvo.

— Pois eu lhe digo! Estamos em terra conhecida. D'esta porta para dentro é aonde a tesoura da Parca, a cruel Atropos...

— Trapos? Mora aqui algum algibebe?

— Sim senhor. Um algibebe de obra larga. O coveiro de S. Julião. Foi elle quem me encommendou as missas.

Thomé das Chagas deu um pulo e tentou virar para traz. O grito achou deante a mão do poeta; o pulo encontrou defronte o corpo de Bernardo Pires. O pobre devoto sentiu-se lo-

go depois agarrar, e metter quasi á força para dentro da porta.

CAPITULO XVI

Nem eu, nem tu

O pobre Thomé das Chagas apenas se viu nas garras do poeta, e na escura logea para onde elle o empurrára com bastante sem-ceremonia, teve logo serios receios.

O nosso amigo era sensivel e excessivamente nervoso, e allegava boas razões para não andar de dia sem cautela, e de noite sem lanterna.

Durante a conversação tinha atravessado, sem dar por isso, umas poucas de ruas, e escorregado por cima de outros tantos beccos lamacentos; e quando lhe perguntaram com ar de escarneo se conhecia os sitios, achou-se desorientado, e na realidade não sabia aonde estava.

As ultimas palavras do curioso dialogo tinham sido proferidas deante d'uma porta quasi cerrada, no meio de uma viella deserta e sombria, cheia de montões de caliça e de paredões cahidos; entre duas ou tres barracas esbeiçadas e pendidas.

A porta tinha um ar apopletico; a casa era a imagem da eternidade; as paredes esburacadas, e uma seara viçosa de arroz de telhado e mais hervas parasitas crescendo livremente por entre as desconjuntadas telhas, davamlhe uma apparencia menos que humilde.

O poeta encostou o hombro á porta e levou-a quasi ás costas para a forçar a conceder entrada. Subindo a escada, cujos degraus se empinavam tremulos de velhice, e rangiam de podres, os dois heroes acharam-se defronte d'outra porta irmã gemea da porta dolorosa, que deixavam ás cortezias atraz de si.

Servia de fecho um cordel, e de argola um cavaco atado a elle. O poeta puxou o cordel, metteu o joelho, e atirou logo para dentro o senhor Thomé das Chagas. Apenas os seus olhos rodearam a casa, o milagreiro deixou cahir o nicho e a bandeja; e girando sobre os calcanhares, como uma ventoinha, quiz investir pela escada abaixo.

Mas a evolução estava prevista: o senhor Bernardo Pires tinha fechado a porta.

A casa merecia os terrores do honrado Thomé. Era a ante-sala do cemiterio

Entre as bambinellas de têas de aranha e os listões verdenegros, que manchavam paredes e tecto, rasgava-se uma janella estreita com rotula de pau.

Cinco ou seis ossadas, ou mais exacto, cinco ou seis corpos mal consumidos, estavam encostados em redor do aposento. Mortalhas quasi podres penduradas, grinaldas sujas, caixões arrombados, pannos d'enterro pingados de cêra, esqueletos meio armados, postos em arames, e muitos ossos espalhados pelo sobrado, formavam as tapeçarias e a mobilia do antro funebre.

No meio do quarto uma mesa, uma bilha, e duas canecas pareciam a ironia viva do espectaculo da morte no que a dissolução tem de lugubre e de horroroso. Quanto mais a vista

parava no quadro, tanto mais frio se confrangia o coração.

O pobre Thomé das Chagas não tremia só, estava cahindo por instantes transido de medo!

— Até que chegamos—proclamou o poeta, tirando a capa e descobrindo a prodigiosa casaca de portinholas e botões de rodinha.

Libertou-se depois do veterano chapéu, e poz-lhe em cima da copa um par de floretes, que trazia escondidos debaixo do braço.

— Póde descansar um minuto—disse respirando e batendo os pés no chão com força, em risco de abrir duas claraboias no sobrado podre.—Está no portico da eternidade, e estes moradores do escuro reino não dizem nada!

Ao mesmo tempo indicava os defunctos hirtos e encostados em roda da casa.

Thomé das Chagas nem pestanejava. A lingua tinha grude. Bernardo Pires, com um sorriso boçal, escorria entretanto a bilha, dando-lhe palmadas no bojo com a familiaridade de um amador. Depois virou-a de bocca para baixo, e a rir exclamou:

— Nem lagrima. Bebemos tudo por alma do mordomo. Está nos Elysios, se Charonte lhe foi propicio. A proposito, senhor Thomé, as missas que lhe disse parece-me que veem tarde: o homem está salvo! Fiquemos no *introibo* d'esta noite, mais do gosto do meu defuncto amigo. A respeito de missas, se vossa mercê quer, deixe algumas pratas, que eu as mando dizer por sua intenção; aqui para nós, em boa amizade, aquillo era anzol para o trazer aqui; nunca esperei tanto da sua bondade. Ora como conto despachal-o depressa, peço-

lhe que dê no outro mundo muitas saudades d'este seu admirador ao velho Simão de Oliveira.

O milagreiro pegou machinalmente no chapéu do poeta, cravou-o na cabeça, e tractou de sair sem mais rodeios.

— O que é isso, senhor andador das almas, assim nos deixa?—gritou o vate—Vai atraz das missas, ou procura as galhetas por estar secca a dorna? (a dorna era a bilha). Então leva o meu chapéu? Deixa-me sem o seu corpo e a minha cabeça? Sacro Apollo! onde vai, onde vai? Que pressa?

— Vou dar o seu recado—replicou em voz rouca o devoto, fazendo um movimento para se apossar da porta.

— De vagar, mais de vagar. Escolha primeiro o habito e a carruagem. Repare que tem de ir pela posta até ao Averno.

— O habito, a carruagem?—accudiu o servo de Deus suffocado.

— De certo. Não cegue as duas estrellas da alma, que são as janellas do sentimento. Sirva-se dos seus olhos, já que as Eumenides compassivas lh'os não arrancaram. O que lhe disse era metaphora. Para que viemos aqui? Para o mais infeliz se apartar do bello seio de Cybelle, nome que os antigos deram á terra, nossa mãe, e comparecer no tribunal de Minos, entrando pela porta de Proserpina... percebe?

— Nem meia palavra! Digo-lhe que me deixe sahir, senão grito «Aqui d'el-rei!»

— Oh *cæcitas mentis!*—exclamou o vate erguendo ambos os braços ao céu com burlesca vehemencia.—Oh divina musa, o que te fazem

estes zotes do Parnaso! Pois senhor Thomé, uma vez que as graças de Apollo e das nove irmans o não illuminam, prepare-se que vai ouvir a busina de Marte. O habito que lhe disse, em lingua do povo, na lingua tosca e saloia que vossa mercê fala e entende, é uma d'essas mortalhas; a carruagem, um d'esses caixões. Sou clemente. Antes de o ferir, como Achilles feriu Heitor, quero deixal-o em vida determinar o seu enterro, como for mais do seu gosto. Agora já entende?

E fazendo uma visagem lugubre, o senhor Bernardo Pires cruzou os braços bem alto sobre o peito, queimando com a luz das pupillas côr de alface a esqualida fronte do milagreiro.

—Então matam-me aqui, sem confissão nem sacramentos?—exclamou o devoto, côr de café, fugindo com o corpo como se já visse os punhaes de uma quadrilha de malfeitores.

—E' verdade!—respondeu o fabricante de glosas, pondo-se no recto com desplante.—Estou aqui para servir de tesoura á Parca, e cortar-lhe os fios da vida. O que tem a dizer?

—Tenho muito, tenho tudo! Hei de resistir, vou gritar...

O poeta encolhendo os hombros, soltou uma risada solemne e harmoniosa, e pegou em um dos floretes.

—Ha de gritar! Porque?

—Essa é boa! O senhor diz que me ha de matar, e admira-se...

—Mas eu mato-o academicamente, com todo o preceito. Assim, digo-lh'o eu, é um gosto morrer.

—Morra o senhor. Estou muito contente vivo.

—Mato-o como Roldão matava os moiros, em combate singular.

—Nem singular, nem plural!... Não sou homem de brigas; está enganado.

—Olhe que perde, senhor Thomé. Sei o jogo, e prometto varar-lhe o coração á terceira estocada.

—Obrigadissimo! mas não quero; deixe-o como está, que está bem.

—Jesus que teima!—gritou o poeta, assumindo o ar affavel de um paladino de Ariosto, e forçando a mão rebelde do devoto a empunhar o florete desembainhado. —Deixe-se de contos; tudo é principiar. Achilles fiou n'uma roca e depois foi o terror de Troya. Suba commigo á altura dos heroes; exercite-se na grande sciencia de morrer com arte. Vamos, pegue no florete; mais alma, homem, mais alma! Faça-se ainda mais feio. Bello! quero dizer horrendo. Asseguro-lhe que de viseira cahida póde desmammar crianças. Agora o braço esquerdo mais acima; a mão bem alta; arredonde o cotovello... optimo!

—Mas o que está o senhor a fazer de mim! —atalhou o servo de Christo, obedecendo como um automato e cada vez mais espavorido.

—Estou-o educando para não deshonrar as sabias licções de Pallas. Vamos. Firme! Agora rompa. Esse pé, escorregue sobre esse pé; ligeireza, flexibilidade, senhor Thomé! Ah! Mais largo! mais .. Safa! São duas pernas de compasso como a legua da Povoa. Agora atire á muralha. Um, dois, um, dois! Tem cinco minutos para aprender a cahir com graça.

— Cahir, cahi eu nas mãos de um doido! — gemeu o milagreiro em voz baixa. Depois virando a cabeça por cima do hombro para rectificar a posição do inimigo, insistiu com desesperação. — Mas o que quer o senhor de mim?

— Quero matal-o! — bradou o assassino das rimas com accionados olympicos — A vingança é o nectar dos deuses, e eu sou uma Juno masculina. O senhor Thomé offendeu mortalmente um amigo de Bernardo Pires, e offender o meu amigo é ser meu inimigo. Prepare-se! O dedo da Parca está sobre o ponteiro da vida. Nas aguas tenebrosas, Charonte, o barqueiro do inferno, tem o bote á espera. Resigne-se, e para o consolar prometto-lhe um epicedio. Pegue na espada!

— Almas bentas! Senhor Bernardo Pires, eu não sei jogar o florete.

— Melhor! Morre mais depressa — replicou o vate magnanimo, crescendo-lhe os brios com desalento alheio.

— Mas preciso de viver!

— Asneira! o que é a vida? um sonho...

— Ao menos dê-me tempo, deixe-me tractar da alma...

— Vá descançado; já arranjei tudo. O seu enterro está justo. Achamo-nos em campo neutro... o cemiterio é alli adeante.

— Santo breve da marca!

— Em abrindo aquella porta... Até a cova ha de estar feita.

— Santo nome de Jesus! Mas, senhor Bernardo, o que fiz eu? Pelas Chagas de Christo! Diga-me o meu delicto.

— Quer saber porque morre? Tem razão.

Responda: quem é o duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, meu senhor?

—Um fidalgo temente a Deus, muito esmoler, grande amigo de el-rei e da santa religião...

—Ah, senhor Thomé! Em fim respeito a dignidade dos seus ultimos instantes. Retiro a esponja do fel. Porque não falou vossa mercê assim o outro dia? Para que me expoz a carregar toda a vida com o remorso da sua morte?... Diga-me: lembra-se do cruzeiro de S. Domingos; recorda-se do que lá prégou haverá uma semana? Quem blasphemou que o duque de Cadaval era hereje e amigo dos judeus; quem o quiz assado com sambenito e carochas no auto da fé? Estes horrores, e outros mais fui eu Bernardo Pires, ou foi o senhor Thomé das Chagas quem os deitou pela bocca fóra?

O devoto, sentindo-se nos dentes do lobo, abaixou a cabeça, e recolheu-se confuso na tristeza do seu coração.

Bernardo Pires, recuando o corpo sobre a perna esquerda perfilada; arremetendo ás nuvens com a cabeça: e pondo o braço em posição moiresca, proseguiu de peito inchado, e coando as phrases:

—Se não tivesse de cruzar a espada com a sua, fazendo-lhe a honra de o pôr por meu egual, chamava-lhe dragão da honra alheia. São metaphoras arrojadas, porém licitas. Dizia-lhe: uma toupeira de sacristia, um mochila de dormitorio, quando morde assim atassalhando pessoas taes, corta-se-lhe a mão direita e o pé esquerdo, e furam-se-lhe os beiços com um ferro em braza...

—Valha-me S.ta Anna e S. José!—balbu-

ciou Thomé fulminado e fugindo com o corpo —O que diz? O senhor Bernardo Pires não ha de ter a crueldade?!... Aqui ha gente escondida?...

—Socegue. Isto é hyperbole; falei em hypothese. Estou só. Ministro e verdugo das minhas vindictas, sentenceio e executo. Bem! As carnes tremeram do que lhe escutei; os ouvidos negaram-se a acreditar... a ira gritava: mata-o! mas a prudencia respondia: espera! Optei pela prudencia. Chegando a casa, chamei o escudeiro do duque e meu particular amigo; vieram a conselho mais tres criados velhos; e decidiu-se que o senhor Thomé fosse apanhado á noite, mettido em uma casa solitaria, esta por exepmlo, e ahi (trema!) engraxado vivo, puxando-lhe o lustre á escova dois robustos pretos de Guiné!...

Ouvindo a segunda hypothese, mais ignobil e não menos crua, o senhor Thomé atirou um formidavel pulo á porta, que dava para o cemiterio. Esta cedeu e um intervallo lucido no meio do delirio do terror mostrou ao devoto, que não podia escolher melhor posição para qualquer occorrencia.

Entretanto o sublime vate, correndo a vista orgulhosa pela exigua pessoa, e afofando o ar com a dextra cheia de magestade, depois de breve pausa continuou entre dois sorrisos, um ridiculo, porque era burlesco, outro parvo, porque tentava ser ironico:

—Achei indigno de mim o supplicio da graxa! Um poeta laureado em tres outeiros não baixa a rival de um remendão de escada; não mancha a alvura de cysne na vil untura de pós de sapatos, mesmo para fazer preto um ho-

mem branco. Rejeitei. Encarregaram-me então da vingança geral! Lembrou-me embainhar-lhe a espada no corpo uma noite ao canto de um becco: ha exemplos historicos; mas tive medo de subir com elles a escada da forca. Occorreu-me fazer-lhe sete satyras a fio, e apregoal-o em oitavas pelos cegos; mas podia acontecer que se não vendessem, e por cima pagar eu o papel e a impressão. Até na vingança a economia é santa! Por fim, hontem resolvi que o mais simples era trazel-o aqui, e fazer-lhe a honra de um desafio á espada sem terceiros... da apparencia de um duello, porque sou o melhor discipulo de Vicente Nemour, e com uma *imbrocata* envio o inimigo ás Gorgones e Megeras, sobre tudo não jogando outras armas senão o hyssope e a caldeirinha. Tenho tido trinta desafios, e sabe porque nunca fui preso, nem se soube? Porque homem morto não fala; homem que briga commigo é homem que não torna a pizar a terra!

Este epiphonema ameaçador era acompanhado de gestos lacrimosos. Para lhe dar mais effeito, o poeta limpou dos olhos duas lagrimas suppostas com um lencinho de alvura suspeita.

Esta boa alma, com o seu pranto imaginario, fazia as honras funebres da victima. Era a sombra do boleeiro, limpando a sombra de um cavallo com a sombra de uma escova, segundo a parodia da Eneida.

Em quanto o pierio vate sepultava os mortos ideaes, sacrificados não com espada, mas com a lingua, o andador das almas principiava a restabelecer-se do primeiro sobresalto.

Mais familiarizado com a casa, e certo de

que todos os inimigos se reduziam ao poeta loquaz, tomou o pulso ao valor, e atreveu-se a estudar de perto o coração do Rodamonte do Parnaso.

Os rompantes, que lhe sahiam pela bocca ás girandolas, fizeram suspeitar ao devoto que tudo aquillo podiam ser detonações sem bala, trovão sem raios.

O poeta laureado devia esconder boa dóse de bravura negativa, e a physionomia insignificante parecia o menos bellicosa possivel.

Thomé das Chagas, em quanto elle desatava a torrente da sua colera, poz-se a reflectir devagar, e achou que este Ajax esbravejando com o florete, e talhando os ares, mais promettia uma scena de entremez, do que um combate serio, a quem lhe apontasse ao peito tres a quatro palmos de ferro.

Alliviado da perturbação, o servo de Christo lembrou-se de que lêra uma fabula, em que o burro, orneando dentro da pelle do leão, enchêra as selvas de terror; mas denunciado pelas orelhas, ficou burro, e fugiu do mais despresivel contendor.

Resolveu-se por isso a tentar fortuna, e animado pela ferocidade theorica d'este leão de meias de seda, decidiu escapar ao *Miles gloriosus de Lisboa*, com o estratagema das comedias velhas, remedio efficaz contra os valentes improvisados.

Feito este calculo, o illustre sacristão menor sacudiu o esguio corpo, escorvou as guélas para tornar a voz clara, e compondo os oculos, preludiou a entrada em scena por um formidavel giro de florete, que fez recuar o poeta mais de quatro passos.

Ao mesmo tempo o milagreiro exclamava:

—Senhor Bernardo Pires, Deus é justo! Contava assassinar o sacristão de hyssope e caldeirinha, pois saiba que antes de entrar no serviço da egreja estive ao serviço de el-rei. Quiz experimental-o; soffri com paciencia... mas é preciso dar-lhe uma licção. Conselho por conselho! Tome as suas precauções. Olhe que os dois ultimos castelhanos que matei, foi abrindo-lhes a cabeça até aos dentes.—Depois ajoelhando, e pondo as mãos com os copos da espada entre ellas, proseguiu com devoção:—Senhor Jesus da minha alma, bem o sabeis, é em defeza propria! Tende misericordia com este homem, que vae apparecer na vossa divina presença, tão mal preparado para as terriveis contas que tem de dar deante da vossa justiça.

Acabada a deprecação, Thomé levantou-se, imitou a posição marcial que vira em Lisboa e Evora a alguns officiaes, e gritou: Vamos, senhor poeta! em guarda!

Dizendo isto, parecia de bronze por fóra, mas sentia-se desfallecer por dentro. O momento era terrivel.

Se o vate acceitava o cartel e cruzava a espada, Thomé tencionava metter os hombros á porta do cemiterio e escapar-se. Se hesitasse, ou se evadisse, ficava desmascarado, e pagava capital e juros.

O poeta é que não sabia aonde estava. Homem de pacificas inclinações, tinha ideado este lance como ideava as suas trovas, que os zoilos mordiam com escarneo. O sangue mettia-lhe horror, e sobre tudo o seu; uma espada nua fazia-lhe agastamentos de coração.

A arte de esgrima, que alardeára, era famosa impostura, como era outra desaforada mentira os dois golpes mortaes de Thomé nos hespanhoes. Em todo o caso, o poeta viu de repente um Roldão deante de si, e faltava-lhe o animo para ser Oliveiros. A gente nasce, não se faz.

Os seus calculos tinham sido admiraveis pela base. O vate esquecêra-se de prever a hypothese do andador das almas levantar a luva, e de acceitar o cartel.

Esta falta desconcertou os bem elaborados projectos do nosso amigo. A sua ideia, simples como todas as grandes ideias, reduzia-se a intimidar o devoto, coagindo-o a pedir a vida; mas para isso era absolutamente necessario que o senhor Thomé tivesse medo, e o milagreiro, deixando os logares communs optára pela valentia.

Em presença d'esta contingencia terrivel, uma transpiração duvidosa, que elle depois caracterizou de excesso marcial de ardor, borbulhou na magnanima fronte do filho de Apollo. Em logar de se pôr no recto, respondendo á espada com a espada, recuou dois passos; baixou a ponta do florete, e observou pelo canto do olho se a pórta da escada ficava perto.

Tomadas estas precauções, virou-se para o adversario, que tinha ainda o seu chapéu na cabeça, e entre um sorriso mavioso e um gesto assucarado, exclamou, abrindo os braços:

—*Ave, bis terque ave!* Achei um homem. O philosopho que ao meio dia o procurava á luz da lanterna, aqui apagava a candeia, porque achava dois. *Cedant arma!* como diz

Tullio Cicero. Façamos treguas, e conversemos.

—Senhor Bernardo Pires, tenho pressa; e agora não se tracta de metaphoras, tracta-se de brigar. Demais o tenho aturado. Estou cansado; vóu livrar a terra de um malsim de sonetos, capaz de endoidecer os sabios da Grecia. Vamos, defenda-se!

E brandindo ao acaso a longa espada, descarregou-a na mesa, que servia de trincheira ao vate, e cravou n'ella bons dois dedos de ferro.

Bernardo, mais branco do que os bofes da camisa, que eram russos, furtou o corpo ao golpe, apezar de estar a tres distancias do alcance, encolheu-se por traz da mesa, e lembrado das terriveis cutiladas cerebraes do senhor Thomé nos castelhanos, armou-se da bilha, que levantou como escudo, em quanto se retirava direito á porta, agitando o florete.

—Viva Marte!—gritou—Meu bellicoso donato, modere a impaciencia! *Favete linguis!* Freio na lingua e abracemo-nos. Deixe o frio Boreas tiritando, e a canicula arida abrasando...

—Senhor poeta, isto não é negocio de abraços. Briguemos!

Oh! glorioso ardor! senhor Thomé, a musa sauda-o! Como Reinaldo, dê-me a garupa do seu corcel, e paladinos inimigos vamos juntos banhar a alma na divina onda do Permesso, do rio da amizade... Ah! sacro Ariosto, quem te poderá, não digo exceder, se não imitar!

—Advirto-lhe que estou esperando; accudiu o devoto cada vez mais forte com as evolu-

ções oratorias do adversario.—O desafio não é de versos, é de espada. Mande passear o *Arioste,* senão ergo o braço, e não se queixe...

—Tem razão, falarei em lingua vulgar. Dizia-lhe que isto não é sangria desatada ser hoje, e já. Temos tempo. Depois reflectindo, creio que houve equivoco, ouvi mal talvez; o senhor Thomé de certo queria dizer que desejava assados de carocha e sambenito os inimigos do duque de Cadaval...

—Nada, não houve equivoco. Ouviu muito bem. Sustento o que disse e o que não disse Affirmo e confirmo.

—Então, meu amigo, dê-se ao mundo um grande exemplo! Quebremos o alfange da Parca. Retracte-se! Tenha a bondade de dizer o contrario do que disse, duas palavras *pro forma,* ou eu as digo, e o senhor Thomé calase; e como *retractio non est convicium,* o que significa, que a emenda não é infamia, arranjamos o negocio, e o sangue de dois campeões não rega de purpureos veios os penetraes do tumulo...

—Se tem medo, confesse-o e vá-se embora. Eu não me desdigo. Acabemos com isto.

—Medo!? Esse filho de uma lebre acaso entrou nunca no coração de Bernardo Pires? Medo, eu, poeta laureado, adorador constante de todas as bellas, e em especial fiel captivo da maga Belisa, cujo nome profano é Isabel, a estrella dos meus olhos, por doce alcunha a *Coração!* Medo! Essa palavra vai fazer derramar ondas de sangue, grosseiro sacristão. Primeiro a funda e depois a espada. Morre endurecido no erro já que despresaste a vida, Deus tenha compaixão da tua alma.

Unindo o acto á palavra, e fechando os olhos para não vêr o sangue da victima, o poeta atirou a bilha pelos ares, abriu a porta, e com a espada na mão precipitou-se pela escada abaixo, gritando: « A clemencia tem limites!»

No meio da estrepitosa sahida, um dos degraus, de fraco e podre estalou e foi abaixo. O pé do vate desceu com elle, e Bernardo Pires achou-se preso pela perna, e por cumulo de desgraça divisou por cima da cabeça a espada do andador das almas, que o perseguia denodado.

— Renda-se! — gritou o devoto açoitando os degraus a ferro frio, mas sempre a rasoavel distancia do inimigo.

Este, apezar d'isso, encolhia o pescoço e fechava os olhos cada vez que a sombra da espada innocente apparecia na parade.

— Pare! estou rendido! — clamou o poeta agitando os braços em signal de perigo. — Olhe que me faz partir uma canella!

— Pois entregue-se! Para cá o florete — dizia o heroico Thomé — Depois saberá as condições com que lhe perdôo.

— Não abuse da desgraça. Ahi tem a espada. Faça favor, ajude-me a sacar o pé aqui de dentro, e dê-me esse chapéu, que tenho frio na cabeça.

— O chapéu fica prisioneiro de guerra. Agora ouça. Conhece a *Coração*, a ciganita do pateo das Comedias? Não era d'ella que falava ha pouco?

— Se conheço! — suspirou o vate estorcendo-se — oxalá não a conhecesse! Adoro-a. E' a flor que perfuma a minha poesia, é a suave Egeria d'este Numa...

— Deixe-se de historias. Vamos ao caso. Como o tracta ella?

— Com os rigores de um tigre hyrcano. Aquelles olhos de mel para todos ferem como balas, quando se voltam para mim. Sou o seu fiel captivo, respiro só para a idolatrar, e aquella mão de alcorce nunca me tocou de leve... Ainda hontem lhe pedi um osculo, e deu-me...

— Ah! fale, diga!

— Duas tremendas bofetadas, uma de cada lado, para me endireitar a cara, disse ella!... Ah, tyranna Belisa, as settas de teus lindos olhos...

— Deixe as settas, e sentido com as navalhas! —accudiu o milagreiro, soltando a risadinha falsa do costume. — Não se metta pelo Egypto, senhor Bernardo, olhe que póde ir por seu pé, e voltar ás costas de outrem.

— Então corre-se perigo? — exclamou o vate sobresaltado.

— Cá e lá más fadas ha! E' o que lhe digo. Ora bem. Saiba que sou seu rival segundo a carne. Ando convertendo a *Coração*, porque era pena corpo tão gentil perder a alma... Graças a Deus, ella ouve-me. Não creio nos meus merecimentos, só creio no poder de Jesus Christo, nosso Redemptor. E' uma inclinação honesta, em honra da egreja; portanto ou vossa mercê jura de não tornar a desinquietar a *Coração*, ou eu deixo cahir a espada como fiz aos hespanhoes, e enterro-o debaixo d'estes degraus.

— Tire-me a vida, mas deixe-me a escura noite dos meus cuidados.

— Muito bem. Rese o acto de contrição.

— Espere! Que genio assomado! Pois ha de

degolar um poeta por causa de uma figura de rhetorica?

— Deixe a rapariga em socego, se não quer partir para a eternidade. O que decide?

— Fico. Tenho muito que fazer no mundo.

— Veja o que diz. Promette...

— Não prometto, reconsidero. Se ella vivo me esbofeteia, o que será depois de morto! Ature-a, que não leva mau castigo. Não lhe seguro os ossos a um ceitil

— Isso é por minha conta e d'ella. Olhe que se o apanho em alguma emboscada...

— Não sou melro para andar por bosques! Abjuro o traidor Cupido, detesto a lasciva amante de Marte Rufião, e protesto viver e morrer em puro celibato. Preferir-me a osga torrada d'este sacristão!...

— Visto estarmos concordes — atalhou Thomé, que não ouvira a parte ultima da jaculatoria—não quero demoral-o mais. Sou um seu venerador, senhor Bernardo Pires.

—Um momento!—gritou o vate. Solte-me os pés. Obrigado. Adeus, generoso inimigo; se quizer uma decima para o noivado, procure Bernardo Pires, poeta laureado, morador em casa do duque de Cadaval. Adeus, venturoso mortal. Diga á ingrata Belisa, que até morrer adorarei os lindos pés, que são zephyros na dansa, e as castanholas, que dão mate ao coração.

— Olhe a capa, senhor poeta. Até mais vêr.

E Thomé das Chagas, descobrindo em si uma qualidade nova, o valor, depois de viver trinta annos sem a achar, atirou de cima da escada a desbotada capa ao infeliz rival.

Este, que morria por estar a cem leguas do

theatro da sua vergonha, fez-lhe a ultima cortezia, levando a mão á altura onde devia encontrar a aba do chapéu, e sahiu. Já fóra da porta levantou os braços ao céu e exclamou:

— Vou tosquiado! Perdi um florete, um chapéu, e uma rapariga; mas levo o corpo inteiro, e é o essencial. Nada de graças! Se mato o sacristão tinha de mudar de ares, e ainda por cima ficava sem almoço, e cheio de remorsos. Quem as armou que as desarme.

Da sua parte, o andador das almas limpava o suor frio da testa, endireitava a casaca, e pegando na bandeja e no seu nicho sahiu da casa sem olhar para traz, desceu a escada a furta-passo, e já na rua, ajoelhando beato e contrito, desafogou em um suspiro, exclamando:

—Bemdito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo. Escapei de boa!

CAPITULO XVII

Mentira e verdade

Sempre era homem activo e previsto o senhor Thomé das Chagas!

O seu tempo valia dinheiro, e possuia memoria tão exacta como um chronometro.

Mal se viu desembaraçado das perseguições do poeta laureado, olhou em redor, orientou-se e partiu pelo caminho mais curto. O passo accelerado dizia que o episodio bellicoso lhe tinha roubado uma hora pelo menos; não querendo fazer esperar ninguem, multiplica-

va a comprida pessoa, mostrava-se egual á sua reputação.

Em virtude de um calculo simplicissimo o glorioso andador das almas correu direito á portaria de S. Domingos, e chegava á cella do padre frei João dos Remedios justamente quando o relogio do convento, compassado e grave, batia as nove da manhã.

Thomé louvou a Deus.

Tinha-se atrazado apenas meia hora no desempenho dos seus deveres. Sua reverendissima passeava pelo gabinete, e em gestos altivos, e com voz sonora, dictava um papel forense ao desmemoriado escrevente, cuja discreta estupidez o padre mestre abençoára em casa de Lourenço Telles. Respirou o nosso devoto, e logo foi tomando posse da situação. Depois, apurando o sentido auricular, concentrou o espirito e corpo nas immensas orelhas, ávidas e curiosas.

A eloquencia do procurador desenrolava-se, entretanto, em periodos extensos, cadentes e ameaçadores, accusando a Companhia de Jesus de rebellião premeditada contra a magestade do throno, e contra a santidade da egreja. A minuta da allegação tremia nas mãos do orador, que a ia limando entre furiosas pitadas, e estrugidos assoados, e no meio da commoção vehemente que retarda ou precipita o homem, cuja imaginação laboriosa acode com variadas expressões á traducção do pensamento.

Passados instantes, Thomé saccudiu a cabeça, e elevou os hombros á altura das infinitas orelhas. A este gesto succedeu um sorriso verde—burlesco arremedilho do fino sorriso

do padre Ventura nas occasiões escabrosas. Feitos estes estes signaes telegraphicos entre a alma e o corpo, o nosso amigo tirou do bolso um papel, e pôz-se a escutar, de lapis nos dedos, escrevendo quanto dictava o procurador de S. Domingos.

Este, em uma investida heroica, entrou pela cella dentro, de braço alto e lenço fluctuante; se o andador das almas fosse homem menos acautelado, colhia-o em flagrante delicto de mentira capital, descobrindo-lhe uma prenda nova e occulta—a arte calligraphica reduzida ao methodo mais expedito.

—Ah! estava ahi, Thomé?—disse o reverendo, assoando-se e escorvando o nariz com muita complacencia.

—A sua benção, padre mestre!—respondeu o devoto, afivelado na contrição, que lhe servia de viseira.—Peço desculpa por vir mais tarde; mas espero em Nosso Senhor, que não fizesse falta.

—Não fez. Como a noite passada estive ao bufete até ás onze, principio agora mesmo a dictar... Vossa mercê, hontem, sahiu tarde, muito tarde! Que horas seriam, Thomé das Chagas?

—Uma hora da noite, reverendissimo—accudiu o milagreiro com certa escuridão nas faces, o que n'elle equivalia a fazer-se bastante vermelho.

—Justamente. Uma hora! E' o que disse o leigo da portaria. E aonde esteve todo esse tempo, póde saber-se?

—Na capella de cima a rezar. Estive pagando uma promessa.

—Ah! Muito bem. Sabe que peguei no

somno logo, e de modo que não senti mais nada?

— Que admiração! Vossa reverendissima anda cansado...

— De espirito e de corpo, irmão Thomé; e Deus me dê forças pela sua infinita misericordia. Arranje-me a cella e não se vá embora... E outro sim — gritou elle, continuando a dictar da porta do quaro — provará na real presença a soberba monstruosa da sobredita Companhia, que nem respeita a Deus, nem teme o condigno castigo da sua *terribilidade*...

— Iniquidade — repetiu o escrevente com echo infiel.

— Espere! — E frei João, magestoso e vermelho da excitação mental, rodeou o grande contador de pau santo, e pondo os olhos no tecto firmou o periodo com uma tremenda punhada na meza, que a fez tremer e á casa.

Duas horas depois o procurador expedia o illustre senhor Thomé com uma carta a Diogo de Mendonça. Depois a passos lentos encaminhava-se, meditando, para a rua das Arcas, aonde o esperavam para jantar Lourenço Telles e seu sobrinho Philippe da Gama.

O devoto, pesquizando se alguem lhe seguia o rasto, em vez de seguir direito á Calcetaria, tomou para o lado de Santo Antão, e mesmo debaixo do alpendre viu uma sege parada, com os cordões, o cavallo transparente, e o esgalgado e faminto bolieiro, que n'aquelle tempo constituiam a trilogia de um vehiculo d'esta denominação, antes de aperfeiçoado com outro cavallo espectro, duas rodas de azenha, e uma capoeira suspensa, como hoje. Ia a pôr o pé no degrau, quando se encontrou cara a cara

com o padre Ventura, o qual o recebeu quasi nos braços, entre um sorriso mavioso, e esta jovial exclamação:

— Bem vindo nosso andador das almas! Então o que o traz a esta casa?

— Venho *confessar-me!* — replicou o milagreiro, beijando-lhe a manga, e olhando para todos os lados inquieto.

— Ah! Parecem-lhe grandes as culpas? Não póde com ellas até á noite?

— E' preciso dizel-as já. Até as puz n'este papel para me não esquecer alguma.

— Percebo! E' tudo?

— Ainda ha...

— Espere! Suba... Não! Venha commigo; como são duas palavras, a cella do porteiro basta. Diga-me: vem de S. Domingos?

— De lá sahi.

— Optimo! E a devota communidade?

— Espera amanhã estar melhor.

— Deus permitta! Estimarei.

Os dois entraram, e minutos depois chegou o padre Sebastião de Magalhães, trotando na sege do paço, e, apezar do frio, ardendo em calma.

— Aonde está o padre Ventura? — perguntou ainda de dentro da sege.

— Aqui, aos pés de vossa reverendissima — respondeu o italiano que vinha sahindo.

O confessor de el-rei, apezar da sua corpulencia, atirou-se de um pulo ao chão, e não fazendo caso de Thomé, que se lhe prostrava aos pés com monices respeitosas, pegou na mão delicada do visitador, e moeu-lh'a no apertão das suas, indicando assim a gravidade do negocio.

— De vagar, padre mestre! Percebo optimamente. Adeus, senhor Thomé. As culpas são grandes, tinha razão; mas a penitencia as expiará... Não ha de ser pequena. Ora pois! Quer mais alguma coisa?

— A sua benção, padre mestre.

— Deus o faça um santo.

E sustendo com um gesto a impacencia do confessor, não o deixou falar senão depois de ter desapparecido o honrado Thomé.

—Aquillo é um pobre fanatico que me dessassocega todos os dias com os seus escrupulos de consciencia... Agora, nós. Temos novidades por palacio? Está peior el-rei?

— Sua magestade está melhor.

— Ainda bem. E o principe?

— Sua alteza teve ordem de prisão.

— Sinto muito.

— O infante D. Francisco trabalha...

— Tambem sei.

— E logo no conselho de estado...

— Decide-se o casamento do principe. Estou avisado.

O padre Sebastião cheio de assombro olhou para o superior. Parecia-lhe quasi um prodigio que soubesse tudo e tão depressa.

— Entretanto receio que sua alteza...

— Não receie. Sua alteza diz *que não* redondamente ao conselho de estado, como o disse em particular a el-rei, seu pae.

— Deus nos accuda! Sabe vossa reverendissima que el-rei fala em o metter na torre?

— Sabe vossa paternidade, que sua magestade nem sempre faz o que diz?

— Mas é que o infante embrulha tudo! E apezar de ser um pouco vivo e leve de cabeça...

— Doido, demente, diga, e não lhe faz favor,
— Mesmo doido! Sabe vossa reverendissima que ha quem o siga, e duas ou tres pessoas de muito conceito para el-rei nosso senhor? Por isso temo...
— Não tema.
— Mas póde vir uma ordem perigosa, digo-lh'o eu, padre visitador.
— Não vem nada, affirmo-lh'o eu, padre confessor. Olhe os reis que morrem, nunca metteram medo aos reis que ficam; acredite: e, apezar das suas melhoras, o senhor D. Pedro II está muito doente, muito mal... O principe ha de casar, mas é depois. Ha de casar na casa d'Austria, mas não já. Queremol-o solteiro uns dias, mais uns dias. Falou a sua alteza?
— Da parte de seu augusto pae.
— E como o recebeu?...
— O peior possivel. Não respondeu.
— Ah!... E á carta de sua magestade?
— A' carta?... Eu não disse que levei uma carta.
— Mas digo eu. A resposta?
— Trago-a n'este papel — murmurou o confessor cada vez mais sossobrado deante da copiosa noticia do padre Ventura. — Fala-se muito da paixão do principe por certa dama...
— Ah!
— Uma D. Catharina de Athaide, noviça em Santa Clara...
— Ah!
— E vão tomar-se providencias...
— Sim?
— El-rei jurou por alma de seu pae...
— Vossa paternidade não deve deixar jurar el-rei, porque é peccado. Depois?

— Soube-se que sua alteza esteve umas tres vezes em Santa Clara...

— Com effeito?

— E de todas teve grandes colloquios com a noviça D. Catharina.

— Estão certos?

— Certissimos!

— Pois não sabem nada!

— Então o principe não esteve em Santa Clara? — exclamou o confessor absorto e recuando.

— Esteve!

— Não falou tres vezes á mesma dama?

— Falou!

— E a dama não é D. Catharina de Athaide?

— Não!

O padre Sebastião de Magalhães estacou: de olhos esgazeados e com ás palmas das mãos viradas para o seu interlocutor parecia repellir a visão de um phantasma tenebroso. A firmeza da negativa fulminava-o.

— Se não é D. Catharina, quem é então? — gritou no estouvamento causado pelo seu espanto.

— Vossa paternidade esquece-se de que só é confessor de el-rei, e que eu pergunto e não costumo ser perguntado? — atalhou o padre Ventura, manso de tom, porém severo nas expressões — Basta que lhe diga que está ás escuras. Sua alteza ama tanto D. Catharina de Athaide, como vossa paternidade crê em Mafoma. Julgo que nem a viu. Descance. A côrte não dá cuidado. Dos outros negocios como vamos?

— A questão da America parou.

— Não importa.

— Os dominicos accommodam-se.
— Engana-se: estão em armas.
— Não transpira!
— Ha mais alguma coisa?
— Temos el-rei de pedra e cal no caso dos quindenios.
— E' preciso pol-o de cêra. Os quindenios talvez se paguem.
— Pagam-se?! — clamou o confessor aterrado.
— E' mais que provavel. E o padroado?
— Está nas mãos de Diogo de Mendonça. Mas D. Thomaz de Almeida prometteu...
— Se prometteu nada faz. Fale a el-rei, e levem o negocio ao conselho de estado.
— E se Diogo de Mendonça o demorar?
— Não demora. Para a semana dá-o despachado.
— Então?...— accudiu o padre Sebastião com uma grande interjeição nos olhos.
— Confio que Deus nos ajudará— replicou o italiano com um ponto final na voz.
— Vossa reverendissima sabe tudo. Só me resta pedir as suas instrucções.
— São faceis, padre Sebastião. Ouça, veja, e fale pouco; calar a tempo é a maior sciencia. Estamos nas vesperas de grandes perigos. Quem são as pessoas de mais respeito para o infante D. Francisco, se elle respeita alguem?
— Não lhe quer mal o duque de Cadaval D. Nuno.
— Nem bem.
— Roque Monteiro Paim.
— Por força!
— Serve-o de rastos o secretario de estado D. Thomaz de Almeida.

—E' natural. Que mais?

—O conde de S. João por desgosto que teve de sua alteza.

—Voltou-se para o irmão? São todos?

—São os principaes.

—E vossa paternidade? Disseram-me que tambem era honrado com a benevolencia de sua alteza serenissima.

—A's vezes tem a bondade de me ouvir.

—Mas vossa paternidade sabe que o coração dos principes é inconstante, e sabe o perigo de se fiar d'elles? Assim o esperava. Não acredite nos medicos, padre mestre! Dizem que el-rei melhora e sua magestade está quasi na sepultura. Affirmam que sua alteza real, o principe D. João, não chega aos dezoito annos, e asseguro-lhe que ha de vêl-o sobreviver, para gloria sua e felicidade d'estes reinos, áquelles de seus irmãos que lhe contam os dias de vida, cubiçando a herança... Padre Sebastião, quem espera por sapatos de defuncto arrisca-se a andar toda a vida descalço—diz o adagio portuguez. Estes enredos do infante D. Francisco, as suas conspirações maniacas não valem um cabello; o que podem é metter na torre algum tonto, ou exterminar da côrte dois ou tres credulos; o mais, digolh'o, é fumo. Verá! Se o infante não póde comsigo, se não tem cabeça para si, como ha de ser cabeça de um reino, e chefe de tanta gente!... Em poucas horas, em um accesso de loucura, põe de rastos e converte em inimigos capitaes os que mais o ajudarem! E' uma prophecia minha. Depois, sua alteza costumado ás feras do monte, não admira que tão mal conheça os homens. Ás vezes no

rio descuida-se com uma pontaria, e cáe ferido um marujo das vergas. Quem tem a vista assim fraca, como ha de achar os degraus do throno? Não é do meu voto, padre Sebastião? Os absurdos não reinam; sobretudo os de carne e osso.

O confessor de el-rei tinha o rosto vermelho como lacre, e não levantava os olhos. Por fim disse em voz baixa:

—Vossa reverendissima ordena alguma coisa mais?

—Que tenha saude. A proposito, poderei falar ao principe ámanhã, e a sua magestade esta noite?

—A sua magestade de certo. El-rei estima os nossos padres. Agora estando o principe com ordem de prisão não sei.

—Bem. Não importa; arranjaremos isso. Adeus, padre confessor. Beije por mim a mão de el-rei.

E sorrindo metteu-se na sege e partiu com toda a rapidez. O padre Sebastião ficou dois minutos a olhar para o chão; depois, arrancando um suspiro, exclamou:

—Dez annos daria eu da minha vida para entender aquelle homem!

CAPITULO XVIII

Emquanto venta molha a vella!

D. Pedro II residia quasi sempre nos paços de Alcantara. Era alli que, sendo infante, pousára o primeiro osculo de vassallo, já tremulo das ancias do affecto, na mão da princeza D.

Maria Francisca Isabel de Saboya, que ia ser rainha, e á qual o seu coração e a fortuna deram depois o suave nome de esposa.

Mal cuidava Affonso VI, armando com pompa estes reaes aposentos, que a delicada mão de uma dama havia de pegar no sceptro com tanta força, que lh'o quebrasse sem piedade. Mal previa o herdeiro dos duques de Bragança, que, envenenadas por uma paixão ardente, as ambições do infante tanto se haviam levantar, que olhassem destemidas para a corôa, rompendo uma lucta implacavel, cujo premio seria o throno, cuja esperança era o amor.

Duas vezes viuvo, e sentindo sempre o coração carregado de lucto da primeira esposa, D. Pedro II buscava por instincto os sitios aonde a fortuna o fizera monarcha e amante ditoso. Quando silencioso e solitario pisava as salas e as galerias desertas, nas quaes em dias venturosos colhera as flores mimosas da paixão, e ouvira de uma bocca adorada palavras tão ternas, a saudade, sombra plangente d'aquella que tanto amára, seguia-o por toda a parte, aqui lembrando um sorriso, alli um gesto, enchendo tudo com a memoria da esposa mais chorada. Proximo a acompanhar no tumulo a mulher e o irmão, inclinava a cabeça ao remorso, mas o amante, se erguia os olhos ao céu, só era para exprimir a dôr pelas lagrimas...

El-rei D. Pedro habitava os quartos de sua primeira consorte. As custosas armações, que tantos sustos causaram ao illustre secretario Antonio Cavide, eram as mesmas ainda; os moveis, as guarnições, as tapeçarias, e as alcatifas, dispostas ao gosto da primeira rainha,

conservavam-se como ella as deixára, servindo de estimulo á magua do monarcha, mágua que talvez precipitou os dias da segunda esposa, D. Maria de Newburgo, inconsolavel por vêr a sombra de um sepulchro mais poderosa no coração de seu marido, do que a luz dos lindos olhos, desejosos de reinar sobre quem não queria ser escravo d'elles.

Seriam umas quatro horas da tarde do dia 4 de dezembro de 1706. O tempo não estava chuvoso, mas soprava um vento humido. A manhã fôra trabalhosa para o monarcha; o despacho com secretarios de estado; a conferencia com o ministro inglez lord John Methwen; e o exame de alguns papeis, occuparam el-rei até á uma hora, em que por costume inalteravel se assentava á meza de jantar. Sua magestade repetia muitas vezes a grande maxima de que em não se comendo muito, por força se trabalhava mal; e cumpria-a com o appetite curioso, que então dourava as qualidades de alguns principes reinantes, tornando-os sem disputa os primeiros gastronomos dos seus estados.

A escolha e a quantidade dos manjares da real ucharia de Alcantara não deixavam nada a desejar; e póde crer-se, que a faminta imagèm da diéta fugiria horrorizada, se penetrasse na casa, aonde o filho de D. João IV honrava os fastos culinarios dos Vitellios em copiosos sacrificios.

D. Pedro II conservava habitos enraizados. Dos mais firmes e elegantes cavalleiros do seu tempo, nutria pelos exercicios equestres decidido gosto, que nem a edade, nem os pesares diminuiam. Apezar do conselho dos me-

dicos, e dos incommodos, cada vez mais frequentes, que lhe minavam a saude, apenas acabava de jantar, descia ao picadeiro, e entretinha-se duas ou tres horas a cavallo no meio do applauso dos camaristas e da admiração dos picadores, porque, sem lisonja, era mestre consummado. Quem o conhecia não ignorava que a melhor occasião de alcançar qualquer mercê era á entrada da missa e á sahida do picadeiro. Talvez não houvesse exemplo de ninguem achar a munificencia do principe inferior á sua devoção, ou á sua vaidade equestre em conseguindo emboscar-se nas proximidades d'estas duas portas da fortuna.

N'este dia, o mesmo em que tivera logar a conferencia de Sebastião de Magalhães com o seu visitador, o senhor D. Pedro obrára prodigios, e recolhia-se radioso. A' porta, sua magestade achou o padre confessor. Saccudindo com a vara o pó que lhe cobria as largas e pesadas botas; conchegando a bella casaca de picador; e compondo os punhos e a tira de renda amarrotados, o monarcha sorriu-se, e deu a mão a beijar ao seu mentor espiritual. O jesuita dobrou o joelho, e em voz submissa murmurou algumas supplicas, ouvidas com benevolo accolhimento. Depois, el-rei, seguido do primeiro camarista de semana, entrou no paço, e, chamando o guarda-roupa, foi mudar de trajo.

A casa em que D. Pedro II expedia o despacho, e dava audiencia, era a antiga casa chamada do « Estrado », toda forrada de damasco escarlate com sobre portas e janellas de brocado, ornadas de guarnições de ouro. O bufete marchetado, coberto de um panno de velludo

azul com os escudos reaes nas pontas, servia de carteira, e além da immensa escrivaninha de prata, carregava com grande quantidade de livros e papeis. Um crucifixo alto de marfim levantava-se no topo da sala, defronte da cadeira do monarcha: vinte laminas grandes de bronze, em molduras pretas entalhadas, com bellos paineis de fina pintura, enfeitavam as paredes. Seguia-se para o interior a casa do « Oratorio » com sobre portas e guarnições de lhama carmesim repassada, abrindo duas sahidas para a « galeria da rainha » armada de telas amarellas. Era por esta galeria que se passava da casa do « Estrado » e do « Oratorio» para a alcova e para os quartos particulares. Segundo a etiqueta mandava, havia mais cadeiras do que a apparatosa poltrona de velludo franjado, aonde presidia o soberano, e assentos de damasco roxo sem franja, nem espaldar, para os principes assistirem ao conselho sendo chamados.

Os secretarios de estado despachavam de pé, ou de joelhos sobre coxins, collocados em volta do bufete. Os conselheiros de estado davam o seu voto em bancos, dispostos em semicirculo, de ambos os lados da cadeira real.

Antes da casa do «Estrado» havia mais tres salas exteriores: a sala dos Tudescos, aonde estava a guarda alleman; a da tocha, aonde o porteiro da canna, revestido da capa e insignias do cargo, cumpria as ordens de sua magestade, e a do docel, immensa quadra forrada de preciosas tapeçarias, representando a vida do sabio de Israel, o rei Salomão.

Estas salas davam entrada umas para as outras, e abriam as estreitas e altas janellas para

a bella varanda de pedra, que deitava sobre o Tejo, costeando esta ala do palacio, ou quinta real.

Da casa do «Estrado» uma escada particular descia ao jardim, fechado de grossos muros, e alinhado com a impertinente symetria impreterivel n'aquelle tempo.

Meia hora depois de voltar da picaria, D. Pedro II, precedido pelo marquez de Marialva, seu gentil-homem da camara, e por dois pagens em corpo, vestidos de preto, entrou na casa do «Estrado.» Os pagens correram o reposteiro, e ficaram um defronte do outro aos lados da porta, que abria para a sala do docel. O marquez de pé, e dois passos atraz da cadeira de seu amo, aguardava silencioso as suas ordens.

A alegria do rei tinha desapparecido.

Um véu de reflexiva melancholia entristecia-lhe o rosto, cuja expressão era severa e carregada. Robusto de corpo, D. Pedro II promettia a quem o contemplava as forças extraordinarias, de que a natureza o dotára. De elevada estatura e magestoso porte, os seus olhos pretos e vivos rasgavam-se assombreados pelas sobrancelhas bem arqueadas e escuras. Antes da molestia que o consumia, o seu brilho fôra muito maior e mesmo agora ainda facilmente se animavam, se alguma repentina commoção lhe inflammava o animo. Trigueiro, e de pouca côr, o beiço inferior, bastante grosso, descahia como o de seu pae; e um modo aspero de encarar as pessoas, que o desgostavam, despedia os importunos. A cabelleira descia em tres cachos de anneis até aos hombros, e lambemdo-lhe a testa dava ex-

pressão triste á physionomia, já de si pezada. Sua magestade vinha vestido com a maior simplicidade, para não dizer negligencia.

O monarcha, exhalando um suspiro, disse ao camarista:

—Conde, chame o padre confessor.

—Sua reverendissima espera as ordens de vossa magestade.

—Venha! E o conde de Pombeiro?

—Entrou na sala da tocha.

—Vá-o buscar.

Momentos depois, o padre Sebastião, sahindo da casa do «Oratorio», e o capitão das guardas, entrando pela sala do docel, inclinavam-se beijando a mão a el-rei.

D. Pedro olhava para o jesuita e parecia contrariado do seu silencio. Entretanto, disfarçando o grande interesse da pergunta, abriu a conversação:

—Esteve com sua alteza, padre?

—Saberá vossa magestade que sim.

—Communicou-lhe as ordens de seu pae?

—Obedeci a vossa magestade.

—E então?

—Sua alteza não se dignou responder.

—Ah! — exclamou o monarcha enrugando a fronte com subito brilho na vista — Sua alteza não lhe deu resposta?

—Nenhuma, absolutamente, meu senhor.

—Avisou o principe de que ordenei que assista hoje ao conselho de estado?

—Cumpri as ordens de el-rei.

—O que disse?

—Que estando preso não podia sahir sem ordem expressa de el-rei.

—Bem! Sua alteza não disse mais nada?

—Mais nada. Abaixou-me de leve a cabeça, e virou-me as costas.

—Conde de Pombeiro — accudiu D. Pedro, virando-se para o capitão das guardas — d'aqui a meia hora irá com o infante D. Francisco, em um coche da casa, aos paços da Ribeira, e debaixo de prisão conduzirá o principe á minha presença. Póde retirar-se. Padre Sebastião, fique!

—Vossa magestade permitte uma pergunta? Quem ha de receber a espada de sua alteza real? — replicou o conde de Pombeiro muito pallido.

—Ninguem. Diga ao principe que el-rei assim o ordena.

Apenas sahiu o capitão das guardas, D. Pedro II levantou-se com impeto, e olhando para o confessor, exclamou:

—E' preciso um exemplo! Sua alteza obedece-me e tenho filho, ou mando preparar na torre os quartos em que faleceu o principe D. Theodosio. Não consentirei que se levante uma criança contra a minha vontade, contrariando projectos uteis á sua gloria, e á felicidade d'estes reinos... Marquez, vê a casa de D. Luiz de Athaide; diga-lhe de ordem de el-rei, que venha amanhã sem falta ao paço, depois da missa. Se D. Luiz perguntar o motivo, responderá que é segredo de estado. Estas loucuras hão de acabar...

—Vossa magestade consente que faça uma observação?—atalhou o confessor, logo que o marquez se ausentou.

—Diga.

—Suspeito que os amores attribuidos a sua alteza são falsos.

—Ah!

—Sei de boa fonte que o principe meu senhor nem conhece D. Catharina de Athaide.

—Informaram mal o padre!...—exclamou el-rei colerico.—Sua alteza por causa d'ella é que me desobedece, e não quero quem incite resistencias ás minhas ordens. D. Catharina sahirá de Portugal, ou ha de professar dentro de tres dias... Veja se chegou Diogo de Mendonça, ou se estará no paço o vedor Fernão de Souza.

Era preciso que a irritação do monarcha fosse grande para tractar com tanto desabrimento o confessor. Este, vendo os ares revoltos, encolheu-se na roupeta, e sahiu de costas viradas para a porta, com tres profundas cortezias, muito parecidas a genuflexões. Depois, mettendo as mãos na manga tractou de procurar o vedor para lhe servir de pára-raios, visto estar imminente grande tempestade no animo de el-rei.

Sua magestade achou-se então completamente só. Ia escurecendo, e tendo mandado vir luz, olhando impaciente para a porta umas poucas de vezes, abriu um livro de capa de pergaminho, onde estavam lançadas as *contas da vedoria*, e começou a examinar os castellos de algarismos, que ennegreciam as paginas. N'estes exercicios arithmeticos o veiu ainda encontrar o vedor da casa real.

D. Pedro encarou severamente o velho fidalgo, deu-lhe a mão a beijar com frieza meneando a cabeça, e franzindo o sobr'olho. As contas que tinha deante faziam o effeito de um caustico, porque exacerbavam a sua irritação.

—Assim não admira, não ha dinheiro que chegue!—gritou batendo no livro com o punho fechado.—Fernão de Souza, fazem da minha casa um pinhal, todos me roubam, e tu deixas roubar.

—Saberá vossa magestade...

—Digo-te que sei! Brada ao céu! Lançam-me de contas, sabes quanto? Seis contos e oitocentos mil reis este anno. Mas de quê, Santo Deus, de quê? Da ucharia da rainha, que Nosso Senhor chamou para si. Depois de Deus ser servido levar a sua magestade, depois de morta, custa-me tanto ou mais do que durante a sua preciosa vida. . . Fernão de Souza, ha quantos annos falleceu a rainha minha senhora?

—Em 4 de agosto passado fez sete annos.—Respondeu placidamente o vedor.

—Para quem é então esta ucharia?...Quem me come tantos contos de reis, quem me saqueia este dinheiro?

—Ninguem, meu senhor.

—Ninguem?—exclamou o monarcha absorto.—Ninguem?

—Informe-se vossa magestade.

—Matam-se as aves?

—Sim, meu senhor.

—Compram-se os mantimentos?

—Compram, meu senhor.

—Emfim gasta-se o dinheiro, perto de sete contos de reis?

—Sim, meu senhor.

—Agora o ladrão! Quem é que me engole tanto pombo e tanto doce?

—O ladrão?—balbuciou pasmado o official

mór da casa—O ladrão é a real munificencia de vossa magestade.

—A minha munificencia?—gritou o rei levantando as mãos ao céu, cheio de assombro. —Atreves-te a dizer que eu sou o ladrão da minha casa?

—Vossa magestade não se rouba, deixa gastar.

—Deixo gastar!...—repetiu o principe, cujos braços descahiram de pasmo.

—E' a verdade. Todos os dias trabalham as cozinhas e se põem as mesas.

—Como no tempo de sua magestade a rainha?—atalhou D. Pedro ironico.

—Exactamente. Todos os dias á hora do estylo o trinchante e o copeiro levantam os pratos e mandam...

—Que os levem para onde sabem?—gritou o monarcha.—Isso esperava eu.

—Perdoe vossa magestade! Mandam-nos consumir...—Replicou o vedor com um gesto sublime.

D. Pedro II apertou as mãos na cabeça sem dizer palavra.

—E' o costume da casa real—proseguiu o official mór serenamente.—Em quanto el-rei não ordena o contrario, tudo continua...ordenados, mesa e despezas avulsas.

O vedor falava com a grandeza de alma de um criado temente a Deus e conscio de seus deveres. O monarcha duvidava se tinha deante de si um velhaco, ou simplesmente um idiota.

—E as rações?—perguntou o soberano com um sorriso contrafeito.

—Dão-se.

—E as damas?

—Recebem todas.

—Sem servir! E os criados da casa da rainha?

—Recebem.

—Fazem muito bem! Não morreu nenhum?

—Morreram tres. O dinheiro d'esses é applicado em missas pela sua alma.

—E eu pago a cera dos ruins defuntos?

—Vossa magestade paga.

—Agora quero a razão. Senhor vedor, sabe que isto não ha de sahir barato a alguem, já que me custa a mim tão caro?

—A razão é não ter subido ordem de el-rei para acabar o real estado da casa da senhora rainha.

—Mas falleceu ou não sua magestade ha sete annos?

—Menos para a sua real casa. Lá não consta.

—Aonde aprendeste, Fernão de Souza?—exclamou D. Pedro furioso.

—No collegio de Santo Antão—accudiu o vedor com muita innocencia.

—Ensinaram-te bem!

—A respeitar e amar a el-rei, sobre todas as coisas, depois de Deus.

—D'onde a tua sabedoria collige que me deves arruinar?

—Meu senhor, os sobejos dos reis são a alegria dos pobres.

—Grande maxima! E então?

—Então, como estes seis contos e oitocentos mil reis sustentam duzentas familias, entendi que vossa magestade de proposito fechava os olhos.

—Nomeei-te vedor, ou esmoler, Fernão de Souza?

—Vedor, saberá vossa magestade.

—Bem. De hoje em deante ficarás entendendo que não fecho os olhos. Quero um risco nas reaes cozinhas, e outro maior n'essas mesas e aparadores... Tens percebido?

Fernão de Souza extasiou a vista, e levou o dedo indicador á bocca em ar de suspensão mental. Era evidente que lhe parecia monstruoso e inaudito, que o soberano, por amor de sete contos de reis, fizesse tanto ruido, e désse ordens tão rigorosas.

D. Pedro, da sua parte, estava perplexo entre o riso e a ira. A longa e secca figura do seu vedor, perfilada e satisfeita de si, respondendo sobre as mais estupidas prodigalidades com o aprumo de homem seguro de ter cumprido religiosamente o seu dever, era um espectaculo tão original, tão exquisito e inesperado, que o monarcha, não se podendo conter mais, encostou-se á cadeira, e desafogou em frouxos de estrondosas gargalhadas. Este accesso de hilaridade passou por cima do semblante do official mór da casa, deixando-o como o achava. Fernão de Souza continuava firme na espasmodica e engommada gravidade, incapaz de permittir que um só dos musculos da sua physionomia se desafinasse, descompondo a solemne e teza importancia do ceremonial.

—Porque me apparecem estas contas no fim de sete annos?—perguntou el-rei.

—Todos os annos vem; mas vossa magestade só hoje se dignou examinal-as.

—Ah! E a minha approvação?

—Entende-se que vossa magestade a dá, quando não censura.

—Bem! Mas não sou informado da apresentação?...

—El-rei sabe tudo!

—Então el-rei adivinha, Fernão de Souza?

—Não, meu senhor. Mas o costume é não se dizer nada a vossa magestade antes de perguntar.

—Vamos! Quanto rendem as jugadas e direitos reaes de Cintra?

—Um conto e quatrocentos mil reis.

—E o pescado e os direitos de Aveiro?

—Setecentos e quinze mil reis, nos ultimos sete mezes.

—Agora a despeza!... O que lhe fizeram?

—Distribuiram-se em esmolas aos conventos pobres.

—E depois?—exclamou o principe enfadado.

—Depois, mais nada. Eram as ordens de sua magestade—replicou o vedor, um pouco timido.

—Eu taes ordens não dei!

—Deu-as sua magestade a rainha, de saudosa memoria, e é o mesmo como el-rei sabe. Eram rendas da sua casa.

—Bem. Em todos os negocios da vedoria de hoje em deante ouve primeiro a Diogo de Mendoça, meu secretario das mercês, entenede-te com elle. Passarei as ordens. Fernão de Souza, acho-te liberal de mais, e não quero arruinar-me por causa das ceremonias, como um dos reis catholicos suffocou ao seu brazeiro por falta de criado que lh'o tirasse.

—Vossa magestade dá licença?

—Fala!

—Posso saber se incorri no real desagrado?
—Para que?
—Para me retirar ás minhas terras.
—Não! Mas quero saber do que é meu, e tu não sabes do teu, nem do alheio; portanto o secretario das mercês te ajudará .. Ah, Diogo de Mendonça, sabes um novidade? Sua magestade a rainha não falleceu! Pergunta ao vedor Fernão de Souza?
Diogo de Mendoça entrava n'este momento. Ouvindo el-rei dirigir-lhe esta objurgatoria, sorriu-se com a metade do rosto que tinha virada para elle, dando um ar magoado á outra metade, exposta á vista do fidalgo. Para não responder logo, o astuto ministro, quebrando o corpo para o lado esquerdo, foi a passos vagarosos ajoelhar-se deante de el-rei e beijar-lhe a mão.
—Vossa magestade ordena que me retire? —perguntou o vedor muito vermelho.
—Não!... Diogo de Mendonça, como disse, sua magestade a rainha não morreu.
—Por mais que deseje, não posso ter a fortuna de entender a vossa magestade — replicou o secretario, furtando-se ao encontro.
—E' verdade. Acabo de pagar sete contos de reis da sua ucharia n'este anno pelas contas do meu vedor.
—A munificencia de vossa magestade é infinita. O que são sete contos de reis? Não é el-rei o pae de seus vassallos?
O vedor respirou. O ministro tomava o seu partido. D. Pedro sorriã-se
—Parece-me que és do voto do vedor; deixas pôr a mesa aos mortos para engordar os vivos.

—Eu, senhor?! cuidei que vossa magestade falava jocosamente. Pois ha quem roube a vossa magestade, e não esteja castigado?

— Diogo de Mendonça, ninguem me rouba. Saberás que o ladrão sou eu.

— Agora não percebo; perdoe vossa magestade! Pois el-rei, que é a sabedoria...

— Eu me explico. Não se expediu ordem para acabar o real estado da casa da rainha, que Deus tem; e Fernão de Souza, meu vedor, decidiu que a despeza devia continuar, como em vida de sua magestade.

— E decidiu bem, perdoe vossa magestade.

— Decidiu bem?

— De certo. A obediencia é louvavel. O vedor não teve ordens...

— Mas quem é então o culpado, porque sem duvida alguem teve a culpa?

— Quem lh'as não communicou; mas a benignidade de vossa magestade ha de valer-lhe

— Visto isso, Roque Monteiro deve minha casa sete contos de reis por anno?...

— Pois eu disse que era Roque Monteiro? Perdoe vossa magestade! Eu não disse.

— Que em sete annos fazem? — proseguiu el-rei figurando não ouvir.

— Quarenta e nove contos justos — concluiu o vedor com a sua inevitavel certeza de calculo, e obedecendo á interrogação da vista de sua magestade.

Diogo de Mendonça fingia-se abysmado. O seu rosto parecia a mascara da tragedia. Ajoelhando aos pés de el-rei com duas lagrimas quasi visiveis nos olhos, e a mais artistica rouquidão na voz, o secretario das mercês exclamou:

— Vossa magestade é clemente! Foi incuria, nas quem é perfeito, quem as não commette? Faz-se meu inimigo, bem sei, não importa é bom ministro. Dizem mal? Tambem de mim! Deus sabe! Não os acredite vossa magestade. Querem persuadir que elle se avença com os compradores da casa real e recebe alças dos estrangeiros?... Ponho as mãos no fogo...

— Ah! — gritou el-rei ouvindo os capitulos accusatorios pela primeira vez.

— Não lhe dê vossa magestade ouvidos — exclamou o defensor zeloso. — Ignoro a razão porque elle me quer mal: nunca lh'o desejei; mas isso que tem? A verdade deve dizer-se. Roque Monteiro é devoto e honrado. Até lhe levantam que não ouve missa...

— Mau catholico?— accudiu D. Pedro severamente.

— Não acredite, meu senhor. Elle tomou capellão... Não é herege. Ah! a inveja é feia. Não me imputaram a extorsão de um crucifixo de marfim feito na India, dizendo que desde a peanha até ao resplandor todo elle eram pedras preciosas?... pobre de mim!

— E então?

— Não era!... Salva a reverencia de tão devota imagem, era um boccado de marfim bem tosco de lavor, e roido dos vermes... Indaguei quem seria o pae da noticia...

— E descobriste? —insistiu o monarcha rindo.

—Fui tão feliz que sim! Mas sem ordem expressa não posso declarar...

—Vamos!

—Vossa magestade manda?

—Mando.

—Foi Roque Monteiro! Sem maldade... por desfastio.

—E accodes por elle? Depois?

—Convidei-o para almoçar, e mais ás tres pessoas que o tinham ouvido.

—Falaste-lhe do Santo Christo?

—Obriguei-o a dizer maravilhas d'elle! Tambem não tinha outro remedio: os outros estavam alli.

—Que mais?

—Vendi-lh'o. Não quiz que obra tão preciosa ficasse em outras mãos.

—Comprou-o? — gritou o principe, rindo muito.

—Que remedio! Elle mesmo lhe poz o preço.

—Sem vêr?

—Quem louva, estima. Custou-lhe trezentos mil reis. Salva a devoção, o objecto não valia dez: duvido que m'os dessem.

—Muito bem, Diogo de Mendonça!

—Pedirei a vossa magestade que attenda a que não disse nada em desabono d'elle.

—Pelo contrario! Fernão de Souza, as contas da vedoria serão despachadas por Diogo de Mendonça. Podes sahir.

O senhor D. Pedro II era Bragança legitimo no gosto de se informar das anecdotas curiosas da côrte, familiarizando-se para esse fim com as pessoas que podiam satisfazel-o. A historia do crucifixo alegrou-o, e esteve-a celebrando com discretos commentarios.

Ao mesmo tempo entranhava-se no seu espirito o desfavoravel conceito, que o vulpino cortezão soube insinuar a respeito da probidade do seu emulo. D'este momento em dean-

te Roque Monteiro, justificado pelo secretario das mercês *por nimia boa fé,* perdeu o credito na opinião do principe; e Diogo de Mendonça, que uma diffamação vulgar teria envilecido, arvorado em patrono officioso do seu inimigo, passou aos olhos do monarcha por uma alma generosa e um coração de pomba.

O vedor, que era amigo de Roque Monteiro, admirado da nobreza de sentimentos do secretario das mercês, sahiu da casa do «Estado» com as lagrimas nos olhos, cantando os seus louvores.

Assim que sahiu Fernão de Souza, el-rei, tomando ar serio, virou-se para o seu ministro, dizendo:

—Oxalá que fosse tudo agradavel como a tua historia, Diogo de Mendonça. O peior é esta guerra e não haver dinheiro. O ultimo correio trouxe noticias do exercito?

—Boas, parabens a vossa magestade.

—Então?

—O visconde de Barbacena, mestre de campo general do Alemtejo, acaba de dar uma lição ao marquez de Resburg, governador de Badajoz. Tomou-lhe os gados, que iam á feira de Guadalupe, e derrotou-lhe trezentos cavallos e quinhentos infantes.

—Viva o visconde! E o marquez das Minas?

—Sabe-se que entrou em quarteis com o seu exercito nas fronteiras de Murcia e de Valencia.

—E os Francezes não disputaram a passagem? O marechal de Berwick, esse heroe que nos ha de pôr sem um palmo de terra em Castella, não lhe offereceu batalha?

—O marechal é habil; mas confia em outro

general melhor: *o tempo!* Desgraçadamente parece-me que tem razão.

—Entortaram-se muito as coisas, é verdade, Diogo de Mendonça. Os Hespanhoes estão frios; passou a occasião. Ah, se o archiduque, digo, se el-rei catholico D. Carlos III segue o nosso conselho e se reune em Madrid ao marquez das Minas...

—Era partida ganha, meu senhor! Mas succedeu-nos a historia do general Pardinhas. Vossa magestade ha de sabel-a. Vieram dizer-lhe: «O inimigo está á vista.» «Que espere, em quanto acabo o meu plano.» Tornaram-lhe d'ahi a pouco: «General, já atacam as nossas linhas!» «Não importa, deixem-me resolver a equação.» — Muito tempo depois levantou-se e pediu o cavallo. «Aonde vai vossa excellencia?» disse um ajudante. «Essa é boa! vou commandar a batalha.» «A batalha está perdida. Agora tracte de fugir.» «E' pena! accudiu muito placido; se esperam meia hora mais, não me escapa nem um tambor!» El-rei catholico, que Deus guarde, fez o mesmo. Se não pára tres semanas, era hoje rei de Hespanha.

—Então, Diogo de Mendonça, jogamos sem esperança?

—Longe de mim assustar a vossa magestade. Não disse tanto. Mas a verdade é que o marquez das Minas, entrando em Madrid, levantou o bolo, e que sua magestade catholica o repoz por não andar depressa. O resto está nas mãos de Deus, e não póde estar melhor.

—E o dinheiro?

—Infelizmente! Não ha dinheiro. Pois o tabaco rendeu! Mas nada chega.

—Os subsidios dos alliados tardam...

—E' o costume. As promessas vem depressa. São tão leves!

—E então?

—Desertam-nos os soldados, queixa-se a côrte, e o reino diz que não póde com este peso...

—E' preciso que possa!

—Assim digo eu; mas respondem, que madeiro velho não deita sangue.

—Diogo de Mendonça, sabe Deus que não foram levianos ou ambiciosos os pensamentos com que ajustei a liga e declarei a guerra. Philippe, duque de Anjou, no throno, seria el-rei de França na Hespanha. E Castella com os Pyreneus de menos era muito grande: depois ninguem podia com ella.

—Certamente: Castella só não é nada boa visinha, o que faria reunindo-se a Hespanha com a França? E' corôa muito larga para uma cabeça, e muito pequena para tres. Não sou medroso, vossa magestade sabe! mas digo, que o mais provavel seria não quererem vêl-a senão em duas. Se os deixassem vinham a Lisboa. Porque não? Este rio dá tão bom porto!... Lá tem França ourives finos para ornar depois o diadema; e el-rei Luiz XIV assim mesmo talvez ainda a achasse pobre. E' verdade que seu neto póde enviar a coroa de Philippe II, feita em Thomar; essa aposto que serve!

—Diogo de Mendonça, os Francezes teem espias na côrte.

—E nós espias aos espiões.

—Então conheces quem os avisa?

—Perfeitamente! Um genovez chamado Viganego.

—E não prendes o agente?

—Deus me livre. Este conheço eu, outro que venha, não sei! Demais assim com o homem solto temos noticias de graça, e mettendo-o na cadeia havemos de pagal-as.

—Por onde mandam a correspondencia?

—Pelos recoveiros da fronteira.

—Seguraste os recoveiros?

—Estão segurissimos. Comprei-os.

—Ah!

—Sabe vossa magestade que el-rei Luiz XIV deseja a amizade de Portugal. Até expediu um pleno poder em branco a certo padre da Companhia. Toda a cautela é pouca com os jesuitas.

—Diogo de Mendonça, não quero que me entendam com os padres da Companhia.

—Deus nos livre! Sabe vossa magestade que o conde da Ericeira, D. Francisco, é bom poeta? O soneto que fez á morte do visconde de Fonte Arcada merece ser lido. Se estivesse ainda no meu tempo...

—Ah, Diogo de Mendonça, temos-te outra vez com saudades de Apollo? Voltas a escravo das musas?—disse el-rei sorrindo. Sua magestade era muito inclinado a bons versos, e geralmeute se attribuia o valimento do secretario das mercês ás poesias que lhe escapavam nas horas vagas. Se assim era, foi talvez a unica excepção da regra.

—Escravo, meu senhor? Só do Santissimo de Santa Engracia e de vossa magestade.

—Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia, e a Conceição immaculada da Virgem purissima Santa Maria!—exclamou el-rei, pondo-se de pé, e re-

citando em alta voz, segundo costumava sempre que ouvia falar no Sacramento. O ministro repetia mais baixo e não menos piedoso egual jaculatoria

—Vejamos o soneto do conde!—accudiu D. Pedro, depois de se benzer, e tornando a assentar-se.

—Vossa magestade desculpe, mas não sei senão uma quadra.

—Dize-a.

—E' esta:

> No canal o tropheu deixou seguro;
> Em Castello Rodrigo vence a Hespanha;
> E fez de Montes Claros a façanha.
> Seu nome claro, até no tempo escuro.

—Muito bem, conde da Ericeira!—gritou el-rei satisfeito.

—Sobre tudo o conceito do ultimo verso!...—accudiu o ministro—E era um nome claro o de Pedro Jacques de Magalhães, visconde de Fonte Arcada. Entrou hoje na secretaria o requerimento de seu filho, pedindo a confirmação do titulo...

—Que lhe será expedida, não esqueça. A memoria do visconde ha de ser honrada como foram illustres os seus serviços á minha coroa.

—Uma monarcha assim faz heroes até da gente fraca!—exclamou o secretario das mercês, fingindo-se arrebatado. O astuto ministro queria servir o filho do visconde, e convertia o soneto em memorial. Já se vê como conhecia bem seu augusto amo.

—Heroes sempre nós tivemos—disse o monarcha—mas dinheiro é que nunca sobejou. E os vinte mil homens que estou aprompitan-

do para a campanha seguinte, como ha de ser isto?

—Só um emprestimo.

—Os vinhos teem tido extracção depois do tractado—accudiu o principe—Os homens de negocio do Porto podiam ajudar-me.

—Os Inglezes bebem menos vinho do Douro do que Portugal lhes gasta de fazendas, depois de revogada a pragmatica. Sabe elrei que não dá uma coisa para a outra? O tractado de 1703...

—E' a lei mais sabia do meu reinado!—interrompeu D. Pedro.

—Assim o dizem todos!—accudiu o secretario, cobrindo a cova com o pé—E' verdade que fechou as fabricas, e fará Portugal todo uma vinha grande; póde ser que não haja quem beba tanto vinho; mas o tempo a justificará. Vossa magestade permitte que proponha a despacho as mercês que trago consultadas?

—Depois do conselho de estado. A proposito: como vão as tres fragatas que mandei armar?

—Estão promptas. Sáem dentro de uma semana, se houver dinheiro.

—Se houver dinheiro! Sempre o mesmo estribilho. Peçam-n'o aos negociantes da junta da companhia do commercio. Como está a casa das missões?

—Roque Monteiro informará vossa magestade. Os negocios de Roma, diz o secretario de estado, que estão cada vez mais embrulhados.

—Já sei. Se um dia chego a cansar... verão os cardeaes.

—Vossa magestade não ha de perder essa real serenidade, que tão bem lhe fica. *Patiens quia æternus!* E' o moto da Companhia de Jesus. «Persiste e vencerás!» traduzi eu... Se el-rei me faz essa mercê lhe apresentarei logo um official dos seus exercitos do Alemtejo.

—Quem?

—Jeronymo Guerreiro se chama elle. Se vossa magestade quizer contarei a sua ultima poeza de Badajoz. E' um segundo cavalleiro Bayard, *sans peur et sans reproche.*

—Pois sim.

—Sua alteza real e sua alteza serenissima!— disse o conde de Pombeiro, apparecendo á porta.

—Diogo de Mendonça, até logo... Agradeça a Deus os bons filhos que lhe deu!

CAPITULO XIX

Antes quebrar que torcer

Apenas o conde de Pombeiro annunciou os principes, escureceu-se como uma nuvem a physionomia de el-rei. Despedindo o secretario das mercês, que diagnosticou a repentina mudança com a finura de cortezão, sua magestade encostou os cotovellos aos braços da cadeira, carregou o semblante e disse em voz clara:

—Entrem suas altezas!

O principe real vinha adeante.

Trazia a cabeça alta, os olhos firmes, e

aquelle geito da bocca particular com que depois de rei, quando significava o seu desagrado, fazia tremer os mais poderosos na côrte. Sua alteza chegou ao pé da poltrona de seu pae, inclinou-se, beijou de leve a mão, que nem lhe offereciam, nem retiravam; e endireitando-se depois, com o mesmo silencio pegou na espada, e pousou-a no estrado em que o monarcha descansava os pés.

O infante D. Francisco, mais novo um anno, e mais branco do que o irmão, dando nas feições alguma ideia da belleza feminina de sua mãe, e recordando muito a de seu tio Affonso VI no olhar voluvel e quasi alienado, approximava-se do outro lado do bufete, cuja cabeceira occupava a poltrona real.

D. Pedro II, para castigar o primogenito, estendeu a mão ao infante, lançou-lhe a benção, e com um gesto meigo apartou-lhe da testa as madeixas de um castanho tão aberto, que pareciam louras.

Sua magestade observava ao mesmo tempo no semblante do principe real o effeito das caricias paternas, e entristeceu de todo, notando que sua alteza, em pé no vão de uma janella, olhava para fóra, sem fazer caso do que se passava á róda d'elle.

O pae suspirou; o rei offendeu-se! Entretanto do que estava no coração dos tres, se alguma coisa subia ao rosto, era uma sombra a tal ponto fugitiva, que facilmente illudiria o melhor observador.

El-rei continuou a affagar a cabeça do infante em quanto lhe perguntava:

— Estão contentes os teus mestres? Foste ás fragatas novas, que se estão armando?

— Sim, meu senhor. Toda a manhã andei no escaler.

— O mar é a tua paixão. Havemos de fazer de ti um almirante. E hontem aonde estiveste? Não te vi.

— A caçar todo o dia. Sabe vossa magestade que me perdi? — disse o infante desatando a rir.

— Cuidado! nada de andar só.

— O mano João é que anda só. Saiba vossa magestade que ha dois dias, se a ronda não accode, matavam-n'o á esquina da rua das Arcas, perto do recanto do painel. Fazia escuro, chovia... Elle não gosta que se diga... mas a mim que me importa?

E sua alteza, falando assim, divertia-se em beliscar as costas da mão com velocidade, dizendo muito depressa: « Joanico, Joanico, quem te deu tamanho bico? »

—Já prohibi as corridas nocturnas e os desafios á espada preta: mas vossa alteza não quer attender a que são de perigo para a sua vida, e de muito desaire para a casa real — accudiu D. Pedro severamente, obrigando o principe a tomar parte na conversação. — De aqui em deante será necessario sahir acompanhado pelo capitão das guardas; é o modo de prevenirmos maior desgosto. — Augmentando-se-lhe a irritação com o silencio do principe, accrescentou — A côrte está escandalizada; não devo permittir que o herdeiro da corôa, alta noite ande correndo as ruas como um espadachim, contra as minhas leis, entrando nas lojas, vivendo com o baixo povo, dizendo galanteios debaixo das janellas das familias honestas! Não se lembra de que estão em

Lisboa os ministros estrangeiros, e que a Europa vê tudo pelos olhos d'elles?

O principe deixou pelos cantos da bocca um ar de riso. Armando depois o seu acatamento de mais orgulho do que podia ter uma réplica vehemente, inclinou-se á admoestação paterna, e redarguiu:

— Vossa magestade dá licença?

— Fale! Sou pae, e prézo a sua gloria. Sou rei, e alegro-me sempre que acho innocentes e não culpados. Ouviu o infante? O que responde?

— Duas palavras apenas, senhor — redarguiu o principe. — Deploro ter incorrido no desagrado de el-rei, mas consola-me a esperança de que o exemplo de vossa magestade advogará a minha causa...

— O meu exemplo? Vossa alteza atreve-se?...

— Ouça-me el-rei, e julgue! A vida não está menos exposta entre duas espadas, do que na praça deante das marradas de um touro. Pela fortaleza do seu animo, e apesar do susto de todos nós, vossa magestade não se conteve e arrostou os maiores perigos. Commettendo a peito descoberto essas proezas, que nos enchiam de admiração e de temor, el-rei sabia que podia cobrir de luto seus filhos e o reino... E' o motivo porque appello para o coração de meu pae, certo de que serei desculpado na presença do soberano.

— João — atalhou D. Pedro, córando e mordendo os beiços — sabes, quando queres, ser mais velho do que a tua edade! — Tomando um tom severo, accrescentou logo: — O padre Luiz Gonçalves, seu mestre, é quem ensinou a vossa alteza a deitar em rosto a seu pae essas fraquezas?

— O padre Luiz Gonçalves ensinou-me que a fortaleza é uma das virtudes reaes. Vossa magestade sabe, que D. João II, que a historia chama o principe perfeito, não duvidava expôr-se ao encontro de um touro, e ao punhal de um traidor, e ninguem tractou de fraqueza a magnanimidade do seu coração...

— Muito bem! os tempos são outros — disse el-rei adoçado pela explicação do principe. — Demais, não quero que a vida e o sangue dos meus vassallos paguem as licções de esgrima de vossa alteza.

— Meu pae não ignora que se alguma vez correu sangue... foi das minhas veias; se me esqueci de que sou principe, tirando a espada para um vassallo, fui sempre filho de vossa magestade, porque nenhum se queixou de mim.

— Mas vossa alteza, se o matasse ou fosse morto, o que fazia? — interrompeu o infante aos pulinhos por detraz da poltrona do pae.

— Se o matasse dava uma pensão á viuva. Se fosse morto não fazia nada. Cá ficava vossa alteza; e é natural que o reino, tendo a fortuna de ser bem governado, não sentisse a minha falta. Peço-lhe, meu irmão, que se assuste menos com os meus perigos. Zele mais os seus e os alheios.

— Eu não preciso de conselhos! — gritou o infante.

— Francisco! — exclamou el-rei severo. — O principe real não tem acima de si senão seu pae. E' mais velho!...

— Um anno de mais, ou de menos não é nada — respondeu o infante, rindo-se. — Aqui está sua magestade, meu pae, que foi rei, sendo mais novo do que meu tio D. Affonso...

A allusão grosseira mortificou D. Pedro.

Deixando cahir a cabeça com melancholia, não disse nada. O principe D. João, dominando o infante de toda a altura e firmeza da sua dignidade, replicou-lhe serenamente:

— Não aconselharei ninguem a que repita a experiencia. Os tres estados levantaram regente a sua magestade, porque o senhor D. Affonso, meu tio, era um rei... que não reinava. Vossa alteza deve deixar-se de loucuras; não lhe ficam bem. Senão eu o farei arrepender!

— O mano João tem a confiança de me chamar louco? — gritou o infante.

—Não lhe quiz chamar peior. Diga-me vossa alteza; deitou ao Tejo a espingarda com que esta manhã arcabuzou nas vergas da nau um marujo, um vassallo de el-rei, que lhe estava dando os vivas? Se não me engano está a expirar. Estas caçadas hão he sahir-lhe caras, meu irmão. Não se atira aos homens como aos brutos, porque um dia póde algum defender-se, e vossa alteza dá-nos um desgosto grande...

A vista de D. Pedro II fixa e terrivel fulminou o infante e gelou-lhe a lingua. Depois sua magestade levantou-se, foi direito a elle, e sacudiu-o pelo braço, de forma que foi cahir ao lado opposto da sala; ao mesmo tempo el-rei exclamava:

— Vai! Has de ser a deshonra do meu nome! Mas eu te porei aonde a tua maldade não sirva de horror e não seja o martyrio da minha vida. Não tornes a apparecer-me!

— O marujo está melhor! — murmurava o infante recuando.

— Sáe! — replicou el-rei com um gesto absoluto.

— Deixe estar, mano João, que eu me lembrarei.

— Vossa alteza peça a Deus que eu me esqueça! — respondeu o principe virando-lhe as costas. D. Francisco sahiu mordendo os nós dos dedos com tregeitos de maniaco.

D. Pedro ficou alguns instantes convulso e abatido, com a cabeça entre as mãos e os cotovellos nos joelhos; com a vista no chão, e os olhos arrazados de agua. Suspiros de afflicção gemiam-lhe no peito; e a pallidez, entre fortes arrepios nervosos, annunciou a crise moral, a sobre-excitação do espirito provocada por esta scena.

—Filho és, e pae serás... é verdade! — murmurou em baixa voz — O throno já me custou caro n'este mundo; e no outro... o que será? Tirei a mulher a seu marido — accrescentou, levantando-se cada vez mais tremulo — fiz do amor e do ciume degraus, e subi por elles. Levei a mão á cabeça do rei e tirei-lhe a coroa. Mau irmão, levei a deshonra e a infamia ao leito de meu irmão, tornei-o a fabula dos vassallos. Deus puniu-me! O que amei não existe. O que desejava fugiu para sempre. A minha Isabel, a unica filha *d'ella*, aquelle anjo, retrato de sua mãe, consolação das mais vivas saudades, era muito boa, não devia ficar commigo; não era d'este mundo, e Deus chamou-a. Bemdito sejaes, Senhor! A primeira esposa, a alegria dos meus dias, o premio do meu delicto, penou as suas dores, gemeu os meus remorsos, e deixou-me sem herdeiro a esta coroa de espinhos do meu crime... Fui

obrigado, para ter successor, a abraçar sem paixão outra mulher, que nunca teve marido, e em um purgatorio de zelos e de máguas pedia ao céu o descanso da morte, porque já não podia com a sua cruz... E era eu a cruz, e fui eu o algoz que enchi de fel aquella vida tão curta nos dias, tão longa nas tribulações!... Ficaram-me estes filhos, filhos de dor para sua mãe, e de esperança para mim; eram o meu orgulho; a Providencia fez d'elles o açoite do meu castigo. Não bastará ainda? — proseguiu mais agitado e erguendo as mãos — Este coração, que se ainda sente alguma coisa é a morte da alma, não são sufficientes as dores que o ferem, e as saudades que o cortam? A expiação nunca estará completa? A penitencia, as mortificações, e o temor da vossa justiça não podem absolver o peccador, que põe a sua confiança no céu, e a todas as horas pede ser despenado das trevas do seu desterro?...

Uma pausa, afogada em lagrimas, succedeu a esta interrogação sombria de uma consciencia cheia de terrores, de um peito ralado de agonias. A pallidez crescia, o temor augmentava, e os olhos fundos, allumiando-se de brilho sinistro, reflectiam os delirios e o pavor em que o espirito se abysmava.

—D. Affonso — proseguiu em tom cavo e mysterioso — rei sem coroa, Deus vingou-te! Morreste viuvo, e tua esposa viva, arrancada dos teus braços, repousava sobre o seio de teu irmão! Viste-me com o teu manto real nos hombros; padeceste, choraste por causa de mim annos inteiros...e apezar de todo o teu martyrio não foi nunca nem metade do

meu, até nas minhas horas mais felizes...
Quando ella existia ainda! Ao menos tu, em cada manhan que rompia, formavas um desejo, e podias consolar-te com alguma esperança: mas os meus dias todos são noites em que tenho medo de olhar para dentro da alma! Até morrer esperaste sempre, e Deus, se te não restituiu na terra, deu-te no ceu melhor coroa do que a tua: a dos que choram por justiça, a quem a sua mão enxuga as lagrimas. Roubei-te o amor de nossa mãe, a ternura de tua esposa, o respeito dos vassallos, e vejo-te sempre, como rei, batendo-me com o sceptro no hombro, e ouço-te sempre dizer: padece, que tambem eu padeci! Quando ella, a tua mulher, adoeceu, vieste! Quando a minha Isabel foi unir-se a sua mãe, appareceste!... Não haverá socego para a tua alma, não perdoarás, vendo que do meu coração tem corrido tanto sangue, que já não ha n'elle mais para lavar a nodoa do peccado? O que desejo, ou posso querer do mundo? A morte? Temo-a! A vida?... mata-me! Bem te ouço! E' ella, a tua mulher, a minha esposa, a outra visão do meu crime, e chama-me da sepultura?... Como é surda a sua voz! Como aquelles olhos sem luz fazem frio até ao centro d'alma! Sorri-se, acena-me para que a siga. Era tua primeiro, por isso a levas. Está alli, alli! No mesmo logar em que jurámos o amor incestuoso, unidos pelos homens, separados por Deus! Senhor, este pêso é muito forte para o coração de um homem! Senhor, este sello de fogo arde muito, e a coroa não chega para lhe esconder a nodoa. Porque me persegue até aqui a tua voz, clamando: — Caim, aonde está Abel?

O suor corria-lhe pela testa; as faces encovadas tinham a cor terrea do cadaver; a quatro e quatro as lagrimas cahiam pelas faces. O frio do horror, aquelle gelado e doloroso frio, que faz a mão da morte sobre o coração, tremia-lhe com todo o corpo. Os olhos espantados e incertos sumiam-se e não viam nada em roda de si, porque estavam fitos no mundo invisivel, seguindo os phantasmas da consciencia. Uma tosse crua e aspera afogou-lhe as ultimas palavras na bocca, e tingiu-lhe a côr esbranquiçada dos beiços de sangue vivo e espumante. Com ambas as mãos sobre o peito, curvado ás dores physicas, como ha pouco se inclinava á dôr moral, o monarcha foi sentar-se na sua cadeira com um gemido, e encostando a cabeça ao espaldar, fechou os olhos.

O principe tinha presenciado, primeiro com assombro, depois com summo cuidado, este accesso, que presagiava ataque mais fatal.

Vendo seu pae desfallecer, lembrou-se de chamar os medicos, mas receou que tornando a si elle repetisse as exclamações, que seria imprudente confiar de estranhos. De joelhos, com as mãos de el-rei entre as suas, cobrindo-as de beijos affectuosos, pedia a Deus que abbreviasse os momentos de uma crise, que ameaçava encher de lucto a monarchia.

Por fim D. Pedro abriu os olhos e affirmou-se de vagar. D'ahi respirando mais desafogado, disse, revestindo-se de espirito:

—Entrou alguem?

—Ninguem, meu senhor. Estivemos sós.

—Ouviste muitas coisas desacertadas que disse?

—Como el-rei falava só, retirei-me para não o perturbar.

—Fizeste bem. João, pódes pôr a tua espada; só te prohibo que a tires sem minha ordem. De hoje em deante procura merecer a amizade de teu pae, e a confiança de el-rei... Ainda não chegou o conselho de estado?

—Vossa magestade padeceu tanto?! — acudiu o principe.

—Estou melhor; Deus permittirá que fique bom de todo.

O sorriso do monarcha fazia das suas palavras o epilogo da triste scena, que acabava de passar.

—João — proseguiu D. Pedro — duas coisas se pagam n'este mundo: a desobediencia aos paes, e o sacrilegio aos reis. Medita! Has de ser pae, e brevemente serás rei... Respeita-me, para que te respeitem; obedece-me, se queres que te obedeçam.

—Vossa magestade sabe—respondeu o principe — que só Deus póde mudar o coração do homem. Sou o primeiro vassallo da coroa, sou o primogenito da famillia real. Diga el-rei uma palavra, desherde-me com ella, e obedeço sem me queixar... Ponho aos seus pés o que mais inveja faz. Peçam-me todos os sacrificios...

D. Pedro abraçou o filho com ternura, exclamando:

—O teu maior amigo, João, não será teu pae?

—Peçam-me tudo, menos... — proseguiu o principe com firmeza.

—Menos? — accudiu el-rei suspenso.

—Menos a honra; essa não a dou.

—Alguem pediu-a a vossa alteza? — observou D. Pedro seccamente.

—Ninguem. Tinha sido engano meu.

Houve um momento em que o filho, nos braços do pae, desviava a vista, e fugia de seus olhos temendo desmaiar da primeira resolução. E' que achára ternura, e esperava encontrar rigor.

—E teu pae era capaz de querer que expozesses a tua honra? Não é ella tambem sua?— disse el-rei carinhosamente.

—Longe de mim suppol-o. Os seus desejos são justos sempre: mas vossa magestade sabe que ha tres dias, esta é a primeira vez em que me achei nos seus braços como pae, ouvindome como amigo. Quanto ás ordens de el-rei, eram taes, que deante do amor de meu pae não quero lembrar-me d'ellas.

—Essas ordens eram...? — accudiu D. Pedro, soltando o filho do abraço em que o apertava.

—Impossiveis, para não dizer crueis! — replicou este com um olhar cheio de decisão.

—Bem! — accrescentou friamente o monarcha — Dir-me-ha vossa alteza aonde está o impossivel?

—Julgar-me capaz de prometter, e de não cumprir.

—E porque?

—Porque sendo principe, sou o primeiro fidalgo portuguez; e um cavalheiro não engana os homens, e muito menos uma senhora.

—Então vossa alteza confessa que deu promessa de principe a uma dama?

—Perdoe vossa magestade! Prometti como cavalheiro.

—Vossa alteza não podia prometter! Tinha auctoridade minha?

—Tinha mais! O amor para jurar, a honra para cumprir, e Deus por testemunha.

—Ah! — gritou el-rei empallidecendo de ira — Então reincide?

—Sinto magoar a vossa magestade; mas já não sou senhor da mão que el-rei me pede. A honra de um principe é a sua palavra, e essa não me pertence, está dada.

—Eu desligarei a vossa alteza!

—Só uma pessoa póde desligar-me; e não é el-rei, nem eu.

—El-rei póde tudo, principe D. João.

—N'este caso el-rei póde tanto como o ultimo vassallo.

—Veremos! D. Catharina de Athaide, cuja ambição é causa...

—D. Catharina?—exclamou o principe espantado!

—Não se admire vossa alteza! Estou informado. Sei até as vezes que foi a Santa Clara. Em tres dias, ou D. Catharina faz a sua profissão de religiosa, ou casa e sáe de Portugal por alguns annos.

—Vossa magestade foi illudido!

—A honra de vossa alteza tambem lhe consente enganar seu pae?

—A verdade manda-me falar, quando el-rei fere injustamente os innocentes. Mas desde que vossa magestade duvida da minha honra, é meu pae, é meu rei... o que posso é inclinar-me deplorando o seu engano.

—Então vossa alteza nega?

—Desculpe vossa magestade!—disse D. João, pondo os olhos com altivez nos olhos

de seu pae, e dando ao rosto um ar de nobre orgulho.—Seria indigno que duas vezes no mesmo dia o principe real dissesse a verdade, e não fosse acreditado. Deante da persuasão de el-rei calo-me; porque não posso mais!

—Entre, duque! gritou D. Pedro ao duque de Cadaval, que apparecia á porta, e que elle chamou satisfeito de cortar assim as explicações violentas. O principe recuou alguns passos e ficou silencioso.—São horas do conselho?—continuou o monarcha.—Hoje pouco nos demoramos. Sabe D. Nuno? vou-me fazendo velho.

—O que direi eu, senhor?—respondeu o duque, sorrindo-se.

—Diga o que quizer, que não é capaz de dizer senão a verdade. Estou muito velho; e é preciso tractarmos do meu successor. Vamos casar a João. O conde de Villar-Maior está ahi?

—Acabo de o deixar na sala da tocha.

—Viu a carta para o imperador?

—Sim, meu senhor.

—Ordenei ao secretario de estado que lh'a mostrasse.

—E sua alteza está satisfeito, como todos desejamos?—perguntou o velho fidalgo, olhando para o principe, que não dizia nada.

—Sua alteza, duque—respondeu logo el-rei carregando sobre cada palavra, e fitando em seu filho os olhos cheios de poder e magestade—sabe que os principes não teem outra paixão senão o bem do estado. N'estas coisas, quem decide é a cabeça, e não o coração... são os espinhos da corôa! Como seria perigoso desviar da regra, esteja certo de que o prin-

cipe, meu filho, ha de conformar-se com a vontade de seu pae, e com as ordens de el-rei. Que entre o conselho de estado!

As portas fecharam-se sobre o ultimo conselheiro e até a casa do docel se despovoou, ficando n'ella apenas o infante D. Francisco, e os condes de S. João e de Villar-Maior, os quaes conversavam baixo, mas animados, ao vão de uma janella.

Na sala da tocha davam sete horas no relogio do palacio, quando entrava o padre Ventura. Cinco minutos depois em uniforme rico, chegou o capitão Jeronymo Guerreiro, que, não reparando no jesuita, foi dar o seu nome ao porteiro da canna, declarando, segundo o estylo, que o seu introductor á presença de el-rei havia de ser Diogo de Mendonça Côrte-Real.

O porteiro, alargando as opulentas faces em cinco roscas semi-circulares, sorriu-se benignamente, e informou-o de que o secretario das mercês estava no paço, esperando que acabasse o conselho de estado; mas que naturalmente despachava em algum dos gabinetes reservados, por isso não apparecia nas salas. O mancebo fez-lhe uma cortezia e foi encostar-se modestamente á parede na outra extremidade da vasta quadra, aonde já se achava o visitador da Companhia de Jesus.

Quando o capitão Jeronymo levantou a vista, já achou os olhos do padre Ventura a examinal-o. O jesuita tinha a ruga frontal mais cavada, e o sorriso um pouco vago, como succede quando a memoria, perdendo de vista uma coisa, chama em seu auxilio todas as recordações que a podem suscitar. Esta

physionomia, cujo cunho era particular, cuja grandeza e sagacidade eram indeleveis, tambem despertou mil lembranças ao noivo de Thereza, mas não sabia dizer de repente aonde a vira, posto estivesse certo de que pelo menos uma vez na sua vida, e em occasião solemne, já lhe tinha apparecido este homem, esta figura placida e impenetravel: não lhe occorria, porém, nem como, nem aonde.

Por isso sentia palpitar o coração com força e baixou a vista deante do Padre Ventura, cujos olhos, descendo do rosto ao coração, parecia que iam queimando por onde passavam.

—Não se lhe figura que nos encontrámos já? Longe d'aqui, em outros logares desertos, talvez em dias de perigo e de sacrificio?— perguntou o jesuita com certa melancolia, e uma longa interrogação na vista.

—Julgo que vossa paternidade se não engana. Estou-o conhecendo, mas não sei dizer d'onde. Creio que alguma vez falamos; estou certo: a sua voz não me é estranha...

—Ora veja! Eu achei já, e passaram por mim mais annos. Talvez que o ultimo dia em que nos encontrassemos fosse o dia em que nos despedissemos para sempre. Acredite em milagres! Sem elles não estava aqui nenhum de nós; e não fuja de um resuscitado, porque o vem achar com muitos cabellos brancos e bastantes trabalhos de mais... Ainda não se recorda?

— Eu já vi vossa paternidade! — exclamou o mancebo com vehemencia. — Já estivemos ambos...

— Com a morte deante dos olhos, e Jesus na bocca, diga!

— E por signal?...
— Dei-lhe um annel, e disse tres palavras.
— E' verdade! Foi...
— Na America. Ora, o annel conserva-o ainda, d'aqui o vejo. As tres palavras e o seu voto não sei... Esqueceram-lhe? E' natural.
— Espere! Eram?...
— Muito para quem sabe o que ellas valem... Então não se lembra ainda do meu nome?
— Ah! O dia de S. Bartholomeu! Vossa paternidade é...
— Não diga mais... Esse nome e o homem que o tinha morreram na America, em Roma, aonde quer que ficou o missionario que nòs conhecemos ambos... Hoje vê apenas aqui o padre *Julio Ventura,* que veiu beijar a mão de el-rei, e dá infinitas graças a Deus encontrando vivo e feliz — vejo que é feliz! — um companheiro dos seus trabalhos... Esqueça o primeiro nome, e apesar do segundo acredite que o homem não mudou, que é o mesmo sempre.
— Vossa paternidade salvo! Vi-o atado ao brazeiro, ouvi os descantes barbaros dos selvagens...
— E torna a ver-me sem mais lesão do que algumas cicatrizes, prova de que tambem ha valor em prégar a fé entre os idolatras! Não se admire! Estivemos ambos em perigo, eu primeiro é verdade; mas ponha os olhos em si, e diga-me; quem o salvou?
— Foi Deus que trouxe de repente...
— Os fieis que me desataram da arvore, e me livravam dos tractos? Então, bem vê... mas deixemos essa historia. Aqui me tem, sem mais cuidados do que saber se posso abra-

çar um irmão, ou se estou falando a um estranho... Não diz nada?

— Digo que Deus é grande, e infinito o seu poder.

— E que devemos trabalhar *para maior gloria sua*, não diz?

— *Ad majorem Dei...*

— *Gloriam!* é a divisa da Companhia. Attenda-me, filho. Esteve depois com os nossos, repetiu o voto que lhe tomei na vespera do martyrio?... Fale sem receio; aqui não ha perigo. Aquelle é *terceiro,* não ouve...

E olhando para o porteiro da canna, traçou com o dedo indicador um signal sobre o peito, a que este correspondeu inclinando-se quasi até ao chão.

— Estamos *sós,* observa! — proseguiu o padre. — Repetiu o seu voto? — Vejo que sim! Tambem serviu a Companhia em espirito e vontade? Espero que servisse! E se eu lhe perguntasse, irmão, se padeceria pela causa de Deus e da egreja?...

— Respondia que ella é paciente porque é eterna.

— Muito bem. *Patiens quia æterna!* E' o symbolo. Dê-me um abraço. Raras vezes me engano. Quando o vi deliberado deante da morte, que ambos esperavamos, percebi que se o coração da criança já não vacillava, o que faria o homem depois de feito? Irmão Jeronymo, a Companhia precisa de todos os seus filhos. Ha de chamal-o; e respondo que virá.

— Jurei obediencia, padre *Ventura.*

— Mas hoje custa-lhe? um laço carnal prende-o? Diga, confesse... Não se envergonhe...

E' moço e não fez voto de castidade. Se ama, é porque é amado. Filho, a Companhia não exige impossiveis. Sómente acautele-se; ouça o meu conselho. O seu coração é grande e forte... cuidado! São os que mais depressa cáem. Não deixe que a imagem de uma mulher o leve todo atraz de si... Olhe que não ha morte peor.

— Meu padre, a esposa que escolhi...

— E' virtuosa e bella, ia dizer-me? Não importa, ame-a, mas depois de Deus. Ora pois! Alegremo-nos em Jesus Christo. Conto com a sua firmeza. Aonde mora?

— Na rua das Arcas em casa do meu tutor.

— Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas?

— Quem disse a vossa paternidade?...

— Sempre me dizem tudo.

— Mas isto?...

— E a sua noiva é filha de um capitão de navios, negociante rico, cuja irmã esteve de secular em Santa Clara?

— Estou pasmado!...

— Admira-se? Diga-me: no tempo em que era maritimo se lhe dessem um navio atava o leme e deixava-se correr em arvore secca? Não! deixava navegar sem derrota em risco de perder a embarcação e afogar as tripulações? Tambem não. Ora supponha que eu sou piloto, e que faço diligencia por salvar algum baixel do naufragio. Olhe que o temporal é maior do que se cuida, e vem tão perto, que o estou sentindo. Affirmo-lhe que se perdem muitos que julgam salvar-se! Mas, vamos ao que importa. Quero que vá a S. Roque

ámanhã; não, é melhor depois; ás nove horas em ponto. Posso esperal-o?

—Irei tomar a benção de vossa paternidade.

—E falaremos do nosso tempo. Creia que *posso e quero* ajudal-o, Depois que nos perdemos de vista o senhor Jeronyno está capitão, segundo vejo: melhorou; eu, com a minha roupeta velha, se não valho mais do que então, não valho menos tambem. Os annos dão auctoridade; finalmente, não peorei. Não se esqueça de que o espero em S. Roque ás nove horas. Acabou o conselho de estado.

Effectivamente tinha acabado. El-rei falando alto da porta da casa do « Estrado » para a sala do docel, tão alto, que se ouviu tudo na casa da tocha, disse para fóra:

—Conde de Villar-Maior, prepare-se! Em quinze dias parte para Vienna meu embaixador a pedir a mão da archiduqueza D. Marianna d'Austria para sua alteza o principe D. João.

—Sua alteza casa?—perguntou o capitão ao padre.

—El-rei diz que *sim*, o principe diz que *não*... replicou este sorrindo-se.

—E vossa paternidade?

—Eu?... digo: *veremos!* Separe-se de mim, Essa gente que sae não é bom que nos veja falando. N'este mundo, filho, a habilidade, a grande habilidade, consiste em mostrar por fóra o contrario do que vai por dentro. E' o que el-rei agora fez.

CAPITULO XX

Sua alteza o infante D. Francisco!

D. Pedro, depois de entrar na sala de docel, e de dizer em alta voz ao conde de Villar-Maior, Fernão Telles da Silva, o que ouvimos no capitulo antecedente, voltou á casa do «Estrado», aonde o ficaram esperando o principe real, o duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, e Diogo de Mendonça, o qual, simples secretario das mercês, não tinha entrada no conselho de estado. Apresentou-se, porém, apenas viu que acabára. Sua magestade foi direito á poltrona, deu algumas ordens ao camarista de semana, e lançando a sua alteza real um olhar prescrutador, enterrou-se com certa complacencia na sua cadeira, e dando a mão a beijar ao filho, disse com auctoridade:

—Pódes recolher-te; mas fica certo, João. O dito, dito!

—Deus melhore a preciosa saude de vossa magestade! — respondeu sua alteza com um sorriso, que era mais do que uma repulsa, porque chegava a ser um desafio.

Apenas sahiu o principe, el-rei, virando-se para o duque de Cadaval, exclamou com agrado:

—Duque; os rapazes d'agora são peiores que os do nosso tempo! Tem sido uma campanha para obrigar João a ter juizo. Veja se o duque D. Jaime nos ajuda. Meu filho ouve-o.

—Faz-me essa honra, meu senhor... mas

vossa magestade permitte? Sua alteza é muito parecido a sua augusta avó, a senhora D. Luiza de Gusmão, se ouve a todos, não se guia senão por si.

—Bem sei. João é teimoso, e causa-me desgosto com isso. Aonde está o infante?

—Haverá minutos vi sua alteza conversando na sala do docel com o padre confessor e o conde de S. João.

—Ah! Diga-me, duque: ha algum segredo para achar dinheiro? Diogo de Mendonça, que nos corre com o armamento de guerra, sustenta que navios e soldados temos nós, agora com que os armar!...

—E' a difficuldade? — acudiu o duque sorrindo-se.

—No tempo d'el-rei D. João IV de saudosa memoria, não se estava melhor, e chegou a rainha D. Luiza, minha senhora, a empenhar as suas joias...

—Mas as decimas, duque! Deus me perdoe, mas suspeito que as decimas são comidas no caminho. Vejo os contadores muito gordos, e tudo quanto é meu tão magro!

Diogo de Mendonça riu-se com a metade do rosto, que olhava para o duque, e fez uma contorsão lacrimosa com a outra, exposta ao regio exame. O duque tomava liberdades de velho, e tinha um genio forte. Por isso apanhou a luva no ar e respondeu logo:

—Quer vossa magestade que explique por que a decima rende pouco, e o reino emmagrece, quando os cobradores engordam?

—Diga!

—Saberá el-rei que isto não é meu; é de um homen que está no real desagrado, mas

que não deixa de ser de conselho, muito sabio, e bom portuguez.

—Quem?

—Luiz de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor, e secretario da puridade, que foi do senhor D. Affonso.

—Ah!... clamou el-rei, dando um pulo na cadeira como se o mordesse uma vibora, e conglobando na sua interjeição o odio e as luctas de muitos annos.

—Posso continuar?—perguntou o duque, affrontando com dignidade a repentina alteração que apparecia no semblante de Pedro II

—Continue!

—Luiz de Vasconcellos, que nos governou com sabedoria, e que eu me não consolarei de ter ajudado a derribar, perdoe vossa magestade, é o que sinto! já estava no conselho de estado, quando sua magestade a rainha mãe se queixou um dia do mesmo que el-rei acaba de dizer. O conde tem um modo de sorrir, que é só d'elle; do seu modo de falar e conversar só observarei, que até os proprios inimigos gostam.

—O duque, por exemplo? — interrompeu D. Pedro com ironia.

—E' verdade! Não torna cá tão cedo ministro como elle: os seus successores é que o fizeram bom. Nem vejo capaz de o supprir senão este, e havia de ser menos faceiro e mais aberto.

Diogo de Mendonça, para quem era o sobrescripto, fez uma cortezia muito séria ao duque; el-rei desatou a rir.

—Vamos ás decimas, duque! — exclamou o monarcha — Estamos a cem leguas d'ellas...

—Já vou, senhor! Desculpe vossa magestade; são achaques da edade. Os velhos tem estas impertinencias, e no capitulo das historias do seu tempo ainda mais... Como disse, a rainha mãe queixou-se, e Luiz de Vasconcellos sorriu-se. Ora sua magestade, hespanhola e muito viva, como el-rei sabe, não gostou, e levou o caso a mal. O Castello Melhor era ainda rapaz, e ninguem lhe fazia a experiencia, que ao, depois mostrou; era natural que a rainha se enganasse com elle. Para o confundir sua magestade exclamou:

—Ri-se, conde? Melhor seria que nos dissesse o modo de accudirmos a tamanho erro.

—Se vossa magestade ordena! — respondeu elle muito sereno.

—Diga!

—Vossa magestade consente-me um apologo?

—O que quizer!

—Luiz de Vasconcellos tirou de cima do bufete o areeiro e vasou a areia nas mãos. «Aqui está, disse elle, isto é o que o reino paga!» Fez correr depois a areia de mão para mão: quando chegou ás da rainha vinha na terça parte. «E aqui está o que vossa magestade recebe!» concluiu por fim.

«—Explique-se!—observou a senhora D. Luiza meia suspensa.

«—E' facil, minha senhora! A areia foi-se pegando ás mãos; e como passou por muitas, não se admire vossa magestade se a maior parte ficou pelo caminho. O mesmo succede ás decimas; a prata e o oiro ainda se pegam mais, e por isso resta apenas o que vossa magestade vê! São tantos a contar e tantos a ar-

recadar, que ainda é milagre o dinheiro que nos deixam!

«A rainha ficou pensativa; e desde esse dia attendeu mais o Castello Melhor, apezar de não engraçar com elle. Eu digo hoje a el-rei o mesmo; e accrescento de minha casa:— appliquemos a fabula, senhor! e ver-se-ha que ella é boa, e a moralidade certa.»

—A resposta foi engenhosa. Mas não me disseram que o conde estava cego? — observou el-rei.

—Ainda não. Vê bastante para servir el-rei até no conselho de estado, se o chamarem...

—Bem!... Appareça mais vezes, duque, Faz sempre muito boa companhia. Então...?

—Beijo a mão da vossa magestade e tomo as suas ordens.

—O duque tem graça e discreção!—reflectiu el-rei assim que o velho fidalgo se ausentou; demais gosto da sua franqueza... Diogo de Mendonça, tu, que foste poeta, e desconfio que inda o sejas ás escondidas, a que o comparavas?

—A um mealheiro antigo, aberto no fim de muitos seculos.

—A razão?

—Porque tem moedas raras, ouro fino, mas infelizmente com ellas ninguem póde acertar as contas... Não parece o mesmo a vossa magestade?

—Achas então que não corria?

—Os cunhos são antigos de mais, senhor!

—E apezar d'isso tem juizo, e é de bom conselho. Que despropositadas gargalhadas são aquellas?

—E' sua alteza serenissma com o padre con-

fessor e o conde de S. João—respondeu o secretario das mercês, que fôra á porta, e voltava encolhendo os hombros.

—Porque ri tão alto sua alteza?

—Ignoro, mas é facil saber. O senhor infante tem a fala tão forte, que prestando attenção, vossa magestade ouve.

—Os cabreiros—dizia o infante—estavam no chão á roda; a fogueira a arder; e a malga cheia de assorda no meio. Rabeando com fome, cheguei-me, e os villãos julgam que se levantaram? Pedi-lhes agasalho, e por muito favor disseram:—Assente-se e coma do que houver.—Mas não ha colhér?—cortaram logo um canto de broa, vasou-se por dentro á ponta de navalha, e deram-m'o, espetado em um caniço berrando:—Não se esqueça de a roer depois!—Riram-se da graça; e eu de rastos pelo chão fui obrigado a tirar da gamella atraz do maioral, nem mais nem menos do que se fosse um mendigo, ou um guardador de porcos.

—Coitada da pobre gente, accudiu o confessor—se elles soubessem que era vossa alteza!... Assim mesmo deram o que tinham...

—Espere! Mas olhe que os ensinei. Acabada a ceia appareceu o meu veador e os creados do monte; viram-me e nomearam-me. Então é que, sabendo que era o infante, os cabreiros se pozeram de joelhos e mãos postas... a boas horas!

—E' vossa alteza mandou-lhes signaes da sua grandeza?—interrompeu o conde de S. João.

—Pois não! virei-me para elles muito risonho, e disse-lhes: meus amigos, foi o ajuste

comer cada um a sua colhér. Eu vou roer a minha, hão de roer as suas. Ora as colhéres d'elles eram... não adivinham!...—gritou o infante rindo como um perdido.

—De pão?—disseram o jesuita e o conde.

—De chifre!—concluiu sua alteza com estrondosas risadas.

—E elles?—perguntaram os dois.

—Roeram-n'as! E se o veador não pedisse, ainda em cima mandava-os para a cadeia.

O confessor e o conde olharam um para o outro. Esta graça do infante esfriou muito o zelo de ambos pelo seu serviço.

—Ah, Diogo de Mendonça—dizia el-rei ao mesmo tempo, córando muito—haverá castigo egual ao que Deus me deu com este filho? Informa-te ámanhã, e manda recompensar essa pobre gente...

—Perdoe vossa alteza!—disse o confessor, apenas o riso do infante lhe permittiu falar. —El-rei D. João IV, seu avô, uma vez andando á caça perdeu-se tambem, e foi dar a um rancho, que repartiu com elle da sua pobreza. Sómente no fim é que se deu a reconhecer pelas provas da real munificencia; e rogam-se mil bens ainda hoje a sua magestade pela esmola que deixou. Parece-me que este exemplo...

—Padre confessor, sabe que me disseram hontem uma coisa a seu respeito?—interrompeu o infante, dando piparotes nas orelhas, e pondo-as côr de cereja.

—O quê, meu senhor?—perguntou innocentemente o religioso.

—Que vossa reverendissima era de Braga, e devia andar de Braga ao pé.

—Senhor infante! — clamou o padre.

—Ainda mais, espere! — proseguiu sua alteza, piscando os olhos ao conde de S. João. —Disseram-me que duas raparigas como duas estrellas...

—São sobrinhas! — gritou sua reverendissima.

—Deus o sabe! — respondeu o serenissimo algoz, fazendo tregeitos acompanhados de risadas que valiam por um libello famoso.

—O que a vossa alteza vale!... disse o jesuita convulso e cor de beterraba.

—Não se arrenegue, padre mestre. Sei muita coisa ainda! Por signal as dotou em vinte mil cruzados cada uma, do dinheiro que os inglezes lhe deram para enganar meu pae.

O confessor passou de repente de rubro a cor de cré, e foi-lhe preciso segurar-se á janella para não cahir redondamente. Afflicto e vexado, o conde de S. João amparava o religioso, que sentia chiar os miolos na cabeça, como elle depois disse. Uma apoplexia pairava sobre a rotunda personagem: o conde, indignado, entendeu que por honra sua devia interpor-se, e acabar com esta scena.

—Repare vossa alteza! sua reverendissima é confessor de el-rei, e não é de suppor que sua magestade leve a bem graças tão pesasadas...

O infante disparou na cara do fidalgo a gargalhada mais insolente, e recorrendo ao ordinario estribilho, principiou a beliscar as costas da mão, dizendo alto:

—Joanico, Joanico, quem te deu tamanho bico?

Em um momento fez-se de mil côres o con-

de. Violento e colerico mordeu os beiços com tanta raiva, que lhe espirrou o sangue d'elles. Ao mesmo tempo medindo o principe de alto a baixo, dizia-lhe em voz presa de furor...

—Agradeça vossa alteza a Deus a minha paciencia! Se não fosse quem é, e eu respeitasse menos el-rei...

—Matava-me o *José das botas!* — gritou o senhor D. Francisco, fazendo tourinha do velho militar, e contrafazendo-lhe os gestos em ridiculas momices.

A allusão resumia para o conde todas as injurias. Na campanha de 1704, sendo general, accusaram-n'o de não saber aproveitar a occasião, perdendo-se por sua culpa Alcantara e Badajoz, que nos podiam cahir na mão. Em um pasquim, affixado na sua barraca, escrevêra um diffamador, que a causa da inacção foram as botas de sete leguas do illustre general.

Effectivamente sua senhoria era achacado de gota, e as enormes botas pareciam duas torres.

O primeiro movimento, vendo-se maltractado, foi deitar-se a perder, lithographando a cabeça do insolente no tacão das botas alludidas; o segundo, mais prudente, reduziu-se a entrincheirar-se na dignidade do homem calumniado:

—Vossa alteza decora bem os pasquins dos meus inimigos! — disse com amargura. — Veremos se é do agrado de el-rei que os criados da sua casa estejam expostos a ouvir coisas, que fóra do paço e em outra bocca teriam exemplar castigo. Conte vossa alteza que hei de informar a sua magestade.

—Olhe, conde, e não se esqueça: diga-lhe mais que já limpou a bofetada da cara do almirante de Castella. Parece que ainda a tem inchada.

O fidalgo soltou um rugido, e tirou meia espada. Esta segunda affronta era peior; e alludia á voz de traidor que o almirante lhe dera em Extremoz, e á correcção instantanea applicada pelo conde á face do castelhano, d'onde resultou cahir este immediatamente com uma apoplexia, de que expirou horas depois. O punhal entrou até ás guardas.

—Não me tente vossa alteza! — gritou

—Conde de S. João — disse el-rei, apparecendo de repente com semblante severo — conduza sua alteza serenissima, debaixo de prisão, á Corte Real. O conde responde-me por elle até segunda ordem. Infante D. Francisco, peça perdão ao padre confessor e ao conde de S. João do seu atrevimento...

—Não quero pedir perdão... — gritou o infante em altos gritos.

—Has de pedir, que mando eu; e agora de joelhos... — exclamou el-rei, pondo-lhe as mãos nos hombros com tanta força que o fez cahir de bruços. — Fala, ou pelo sangue de Jesus Christo esqueço-me de quem sou! O conde acompanha-te. Toma sentido! Se te escapar a menor palavra, ou a menor acção de offensa, hoje mesmo vaes dormir á Torre. Sou eu que t'o prometto. Sáe!...

El-rei, muito pallido, recolheu-se depois; e o infante, rasgando o lenço entre os dentes, partiu a correr adeante do conde de S. João, que a custo o podia seguir de longe.

D. Pedro virou-se com um grande suspiro

para o seu confessor, e para o secretario das mercês, exclamando com a eloquencia da tristeza, mais nos olhos e no rosto, do que nas palavras:

— Estes filhos!...

Os dois sinceramente commovidos inclinaram-se com sespeito deante da dor do pae e da confusão do rei.

D. Pedro calou-se. O seu coração já não podia com as ancias. Tambem os conselheiros não diziam nada; porque, um silencio assim não ousa ninguem rompel-o senão para reanimar a esperança, e alli não era possivel. Passados alguns minutos, D. Pedro levantou lentamente as palpebras, que tinha baixas, para esconder talvez as lagrimas, e pondo os olhos no crucifixo exclamou com as mãos erguidas, e grande paixão no gesto:

— Acceitai esta coroa de espinhos, senhor: e possa ella resgatar-me perante a vossa justiça!

— Amen! — respondeu o padre confessor. Sua reverendissima ia espairecendo á medida que a real consciencia escurecia. Medico da alma, sabia que esta precisava d'elle para adormecer, como as vigilias do opio para socegarem. O seu predominio nunca estava tão seguro, como nas horas do deliquio, em que o espirito do principe, quebrantado e timorato, vinha abraçar-se á cruz do Salvador, pedindo-lhe paz e esquecimento. N'estas occasiões, o padre Sebastião, abrindo com as promessas divinas as portas do céu, tinha a certeza de obter do penitente quantas concessões desejava extorquir-lhe.

D. Pedro, que uma hora antes o tractára

quasi com desagrado, olhava para elle agora com profunda anciedade. Tinha-se tornado um automato, e obedecia machinalmente. Este poder visivel do padre explicava a sua influencia.

Diogo de Mendonça, religioso, mas não fanatico, devoto, mas não supersticioso, persignava-se mentalmente, e em silencio ia repousando a dignidade da coroa e os interesses do estado, offerecidos em holocausto pelos remorsos do principe ao jesuita, cuja roupeta negra era n'este momento um panno funebre lançado sobre o throno viuvo de rei, e sobre a monarchia privada de cabeça!

Quem visse a scena que descrevemos não poderia negar que D. Pedro II era como se não existisse, e que, durante o interregno, a sociedade de Santo Ignacio, pegando na mão passiva do rei, confirmava com ella o seu poder; porque o rei já não tinha de homem senão os terrores, e a companhia unia o arrojo á intelligencia, subindo os ultimos degraus do throno, e encostando-se com orgulho ao sceptro da monarchia!

D. Pedro, com voz fraca e olhar indeciso, voltou-se para o confessor e perguntou:

— Padre Sebastião, disseram-se por minha intenção as trinta missas do costume?

— Sim, meu senhor.

— Deu-se esmola aos treze pobres que disse?

— Tambem se deu.

— A confraria de Santa Engracia já recebeu o frontal novo?

—Hontem, meu senhor. E mais o sacrario de prata para S. Julião.

—Bemdito e louvado seja o Santissimo Sa-

cramento do altar!... — exclamou el-rei, pondo-se de pé.

—E a immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora nossa! — accrescentou o jesuita, cruzando os braços devotamente.

—Está certo; eu rezei as minhas Horas? faltaria a alguma devoção?

—Vossa magestade é bom catholico; cumpriu todos os seus deveres.

—Mas estes desgostos não são naturaes... Que dia é hoje?

—Sexta-feira, dia de morte e paixão de Jesus Christo, Senhor Nosso.

—Sexta-feira!... — disse D. Pedro, fazendo-se branco. — Sexta-feira, e vossa reverendissima não me avisa! Estou perdido! Aquellas perdizes! Aquelles perdizes!... Comi carne á sexta-feira, padre Sebastião! Quebrei o jejum, e dormi descançado! Esta gente não me diz nada de proposito. Se Nosso Senhor me chama de repente morria em peccado mortal. Que sacrilegio! Perdiz á sexta-feira!...

—Observo a vossa magestade — atalhou o jesuita, interiormente cheio de jubilo, mas no exterior figurando-se perpelexo — que é caso grave, mas...

—Esse *mas* ser-me ha relevado? Quantos annos de purgatorio, meu Deus me não custará! — clamou D. Pedro, passeando agitado. E por sua culpa, padre Sebastião, por culpa sua, Deus o sabe!

—E' grave — tornou o confessor serenamente — mas temos remedio.

—Comi perdiz! Agora me recordo; não me pozeram na mesa uma escama de peixe. São diabruras dos medicos, dos hereges dos medi-

cos... Quem manda fiar-me n'elles sem perguntar? Pequei, pequei! devia levantar-me logo. Antes comesse pão secco. Tinha a consciencia tranquilla.

—Não exagere vossa magestade! O coração está puro, se peccou foi por ignorancia. Entretanto, para dizer a verdade o caso parece-me intrincado. Talvez sessenta missas e uma boa esmola ás missões da propagação da fé... Emfim, aqui está o senhor Diogo de Mendonça, excellente canonista, elle explicará a vossa magestade...

—Pobre de mim! Eu que não valho nada!... Aonde fala vossa reverendissima citar direito quem é tão esquecido, modestia á parte... Ha de perdoar, mas não falo.

El-rei olhou para o secretario das mercês, como o leproso do Evangelho para o medico divino. O manhoso cortezão, apezar do seu tacto e conhecimento dos homens, apezar de saber de cór o caracter e as fraquezas do monarcha, estava absorto com a scena, e não fazia senão dizer comsigo: — triste rei, a que estado te reduziram.

Quando o jesuita citou a sua auctoridade, em Canones, apezar de costumado a cohibir-se, assim mesmo custou-lhe muito a conter-se. Comtudo, feita a profissão de humildade academica, e ferida a lancetada nos theologicos talentos do confessor, o ministro, lendo no semblante de el-rei uma ordem formal, resignou-se e subiu ao palco. Como habil comediante obrigou logo o rosto a moldar-se ás circumstancias, e os olhos a pasmarem a vista, de modo que exprimissem uma longa e casuistica interrogação mental.

Depois da perplexidade, o secretario das mercês enrouqueceu a voz, apontou os oculos entre o indice e o pollegar, e meneando a cabeça no tremulo mais artistico, principiou a representar, o que fazia sempre, mesmo até dormindo, accrescentavam os seus inimigos.

—Que posso dizer, em caso tão grave, escolho dos maiores doutores, gloria da egreja?— exclamou lançando as palavras seccas e vibradas. — Temos aqui um sabio, um theologo, um amigo espiritual de vossa magestade. E quer-se que fale eu, o menos capaz de acertar! Valha-me o céu! Em que escrupulos sou mettido! Obedeço, Deus sabe se é com dor do meu coração! Direi a verdade. Vossa reverendissima ri-se? Pois é assim. Nunca me fez mal senão a nimia boa fé, a minha nimia boa fé!... Affirmo, e vossa reverendissima sabe-o melhor do que eu, que ha grande differença entre dogma e disciplina. Concordam todos n'isto, até o padre *Molina*, aquelle grande oraculo da consciencia! O jejum sendo preceito da egreja não é dogma; peccou vossa magestade? De certo! Sou justo, córto direito. E até peccou bastante; entendo, porém, que o caso não pede tantos temores; e sua reverendissima o disse. Sustento que não; ha quem me possa contestar? Quanto á penitencia...não sei, não me pertence; tomára achal-a condigna dos meus grandes peccados, mais numerosos desgraçadamente do que os cabellos da cabeça, (e tenho bem poucos já!) por enfermidade de espirito e simplicidade de animo. Depois, como os medicos prohibiram a vossa magestade...

—Não me falem dos medicos! — gritou

el-rei irado — Hão de metter-me no inferno. Quero despedir os medicos!

—Socegue vossa magestade, accudiu o confessor — Jesus Christo deixou na sua egreja remedio para todo o genero de peccado. Quiz ouvir a opinião do senhor Diogo de Mendonça, que em canones é o nosso mestre, e estou conforme.

—Muito obrigado a vossa reverendissima!

—El-rei — continuou o padre — manda dizer sessenta missas, e para sua mortificação jejua ámanhan, sabbado de Nossa Senhora. Oito dias consecutivos não come perdiz, ou outra ave de appetite. Parece-me — accrescentou olhando para Diogo de Mendonça — que assim fica tudo sanado?

—Pois não? E ainda temos de sobrecellente as indulgencias!? acudiu este com uma seriedade irresistivel. — O caso, attenda-me vossa magestade, é não comer perdiz esta semana, segundo nota sua reverendissim: e depois as missas; as missas por causa do purgatorio... Isso, e uma esmola...

—A's missões e aos captivos? — interrompeu o confessor.

—Pois a quem? Santa applicação!—concluiu o ministro sem desengatilhar um dos musculos da face—Sabe vossa magestade que ha trovoada em Roma? Querem lá os quindenios atrazados dos bens da companhia de Jesus. E elles não são todos; a esmola é menos má. Sua santidade ameaça o geral com as censuras...

Depois do desastre das perdizes, el-rei estava de cêra. Olhando para o confessor perguntou-lhe, tossindo:

—O que lhe parece, padre mestre?

—Sou de voto que se espere!—replicou este um pouco atalhado—Sua santidade insiste, e não é bom. Vossa magestade verá se os prelados da companhia devem expor-se ás censuras do papa, ou obedecer ao seu rei legitimo...

O secretario das mercês e o jesuita trocaram um lance de olhos que valia por duas estocadas. Diogo de Mendonça conseguira o seu fim: tinha obrigado os padres a desembuçarem-se; e com a usual finura logo percebeu que o dinheiro dos quindenios sahia caro a Portugal, não se pagando senão em proveito da companhia.

O confessor, obrigando a descobrir-se, meditava no modo de castigar a cilada. El-rei, olhando ora para um ora para outro, não dizia nada, esperando que o esclarecessem. Por fim impaciente perguntou:

—Então o que havemos de responder ao nuncio apostolico?

—Se vossa magestade manda e sua reverendissima deseja, esperemos! Em quanto esperamos, descançamos!—disse o secretario das mercês, ladeando a posição para a tomar melhor.—Se querem a minha fraca opinião, eu que em materia de escrupulos um cabello me parece um varão de ferro, estou de pedra e cal n'este negocio. A curia não tem direito; e a honra da corôa ficará compromettida... Perdoe vossa magestade se falo a verdade, mas é o meu defeito; e d'este não me curo. Sua reverendissima dirá qual seja de mais utilidade para a companhia; está de dentro, e sabe muito mais. Até não ha necessidade de lh'o perguntarmos. Quem viu aquelles papeis de tan-

ta sabedoria, todos escriptos do seu punho, só tem que admirar a firmeza de suas paternidades e contar com elles.

—Ora aqui está o grande amigo que nos arranjou o padre Ventura!—Rosnava Sebastião de Magalhães, vermelho como lacre e seriamente atormentado.—Que vibora! Saberá vossa magestade—disse alto—que a companhia não ha de querer senão a gloria de el-rei e o esplendor da monarchia...

—Eu não dizia?—exclamou logo Diogo de Mendonça com falso enthusiasmo—Sua reverendissima, o nosso doutor subtil, o nosso Scotto, era incapaz de emittir voto menos auctorizado. Asseguro a vossa magestade, que não tem maior amigo da sua coroa. Não se pagam os quindenios! Como canonista protesto que o direito nos assiste; portuguez e vassallo fiel, ainda que morra, hei de sustentar que o contrario nos deshonraria. Vossa magestade ordena; respondemos ao nuncio n'esta conformidade? D. Thomaz de Almeida encarregou-me de receber as ordens a este respeito.

—Acho bem. Responda que não.

—Ah, padre Ventura, padre Ventura!—bramiu o confessor apopletico—olha as boas obras do homemzarrão! Ficamos bonitos.

Sua reverendissima metteu a barba no peito e pousou os olhos confusos no empinado ventre; sem isto é provavel que a sua cólera se exacerbasse mais, colhendo de relance o olhar ironico e victorioso com que o ministro celebrou a sua derrota.

CAPITULO XXI

Duas potencias!

A nuvem passára; o caso de consciencia das perdizes estava esquecido.

Apoiando o corpo sobre o pé direito, el-rei convertia em balanço familiar a sua poltrona, indicio evidente da regia alacridade. O confessor crescia com indignação, e o ministro fazia-se pequeno, prova de se achar grande. D. Pedro, virando-se para Diogo de Mendonça, cujo valimento augmentára desde a dissertação canonica sobre o jejum, exclamou:

—Vamos á historia do teu protegido.

—Qual historia, meu senhor?

—A do teu capitão *Bayardo*. Não foi Bayardo que disseste? Sabes que mais, Diogo de Mendonça, ainda te acho muito poeta. Em fim, vamos a ver.

— Perdoe vossa magestade! Pois eu chamei *Bayardo* ao homem? E' verdade que não ha melhor soldado; mas *Bayardo* foi de mais... por signal, que elle espera alli fóra a graça de beijar a mão a el-rei.

— Primeiro a historia. Tem alguma coisa, padre Sebatião?

— Não, meu senhor. Ousarei lembrar novamente a vossa magestade a audiencia do padre Ventura?

— Virá o padre tambem... Diogo de Mendonça, estou ouvindo.

O jesuita furioso interiormente, por causa da preterição, foi bastante fino para tentar o

supremo esforço de um sorriso, que lhe sahiu a mais forçada e azeda das suas visagens. O secretario das mercês não o perdia de vista rindo-se por dentro do seu desgosto, e por fóra affectando uma innocencia primitiva.

Esta historia era um favor de el-rei, que se propunha grangear em proveito do capitão e do seu amigo Lourenço Telles; porque, apezar dos calumniadores, Diogo de Mendonça, accusado de ser o mais espirituoso comico da côrte e de fingir no seu coração vasio e desamoravel todos os sentimentos, estimava pouca gente e poucas vezes, mas quando era amigo, sabia sêl-o.

— O visconde de Barbacena, saberá vossa magestade — principiou o ministro — diz do capitão Jeronymo Guerreiro, que é a mais fina espada de cavallaria, e a melhor cabeça de conselho em ardis de guerra...

— O exorodio promette—accudiu o monarcha. — Queira Deus que não te cances antes de chegar ao fim ..

— Não ha corpo sem cabeça, meu senhor — respondeu o secretario das mercês com summa gravidade.

— Se o exordio parece forte a vossa magestade, a narração me salvará... Tractava-se este anno da occupação de Alcantara, ou de Badajoz, que se perdeu na outra campanha pelas demoras do conde de S. João, coitado!... A primeira difficuldade consistia em achar um lingua entre os castelhanos; era loucura ir metter com os olhos tapados o nosso exercito na bocca dos canhões...

— De certo — observou el-rei, accelerando o vai-vem da poltrona.

— Mas quem seria o rato capaz de pôr o guizo ao gato? porque vossa magestade percebe que os francezes, apanhando o espia, roubavam-n'o para os não alliciar, e arcabuzavam-n'o depois para não falar. Como pouca gente gosta de servir de mira aos mosquetes de uma companhia de soldados...

— E aqui entre nós, Diogo de Mendonça, ha de ser muito desagradavel—tornou a observar el-rei, balançando-se.

— E' verdade. No caso presente até se podia apostar noventa contra dois em como as probabilidades eram ficar no meio da jornada com doze balas na cabeça, chumbo de mais para alvo tão pequeno.

— Diabolico — accudiu D. Pedro, esfregando as mãos.

— Não admira, pois, que os officiaes se fossem escusando de modo que o visconde, muito colerico, segundo é publico, fez-se branco como a tira da camisa, e chegou a dizer que iria elle se ninguem fosse, pois tanto valia morrer de um tiro em batalha, como levar dez balas no coração atraz de um fosso.

— Argumento forte, Diogo de Mendonça — notou el-rei.

— Infelizmente ninguem se convenceu! — proseguiu o secretario sorrindo. N'esta occasião entrava Jeronymo Guerreiro, e o general batendo-lhe no hombro, gritou muito animado: « Aqui está quem vai ganhar um posto, ou levar um peitilho de balas a Badajoz! Por este respondo eu! » Jeronymo Guerreiro informou-se, ouviu as instrucções, e muito serio, muito sereno, fez uma cortezia ao visconde, e sem dizer mais nada...

— O que fez?

— Partiu, meu senhor!

— Partiu!?... exclamou o principe, levantando-se.

— Immediatamente! E como suppõe vossa magestade que entrou por Hespanha? Em trajos castelhanos, a pé sobre duas muletas, fingindo-se coxo e tartamudo. Em vez de um, pregou dois logros aos francezes.

— Bello estratagema! E fingiu-se bem?

— Tão bem, que foi até Madrid sempre mettido pelas portarias dos conventos e pelos pateos dos fidalgos, vendo e ouvindo tudo; e como parecia ter a lingua ainda mais tolhida do que as pernas, e a sua mala era o alforge de pedinte, ninguem lhe perguntou d'onde era, nem para aonde ia. Parvos!

— No mundo tudo são apparencias! — interrompeu o padre Sebastião, olhando para o historiador com visivel intenção.

— Santa verdade! — exclamou este, quebrando os oculos, como em certos dramas o protagonista estala a espada no joelho. — E então? Não quebrei os oculos?... São tudo apparencias, vossa reverendissima o disse! Tudo é comedia...

— Menos a morte, Diogo de Mendonça — accudiu el-rei entristecendo.

— Essa é tragedia! Para que falamos nós de morte? Vossa magestade, graças a Deus, e todos esperamos viver largos e felizes annos... Longe vão os cuidados!

— E o nosso capitão? — perguntou el-rei.

— Quando se achou informado voltou coxeando para Elvas com os alforges cheios de esmolas e de noticias. O que suppõe el-rei

que lhe havia de occorrer? Pagar-se da jornada por suas mãos! Fazer dos castelhanos banqueiros de vossa magestade! Isto de rapazes!...

— Como?

— Eu digo a vossa magestade: Jeronymo é muito calado, e quando forma um plano, rumina-o comsigo; ora em elle achando a ideia, alguem por força acha de menos alguma coisa; falo dos inimigos. Quando se recolhia, notou que os gados levados á feira de Guadalupe iam formosissimos, e pareceu-lhe mal não serem d'elle e serem de seus donos. Vossa magestade sabe: cortar os viveres em campanha é tão meritorio para o soldado, como dar de comer a quem tem fome na paz de Deus.

—As obras de misericordia ás avessas?— disse D. Pedro, rindo.

—A's direitas, meu senhor. A caridade bem ordenada começa por nós. Assim, aquelle menino... (desculpe vossa magestade; é mau costume meu; chamo até meninos aos velhos; a sua reverendissima talvez, podia ser se não fosse o respeito). O caso é que o nosso capitão, sabendo que os gados ficavam dois dias em um logar da raia para descançar, deixou-se ficar com elles; e teve artes de fazer que lhe offerecessem comida e dinheiro pelos guardar de noite, com promessa do dobro se quizesse acompanhal-os...

—E acceitou?

—Foi tão feliz que o obrigaram a acceitar.

—Mas elle fingia-se tartamudo?

—E' o melhor da historia. Como não podia gritar deram-lhe um tambor, e disseram que tocasse em sentindo tropel. Feito o ajuste,

os guardadores dormiram a somno solto; e, como a quem dorme dormem-lhe os cuidados, elles ficaram, e os gados foram-se.

—Ah!—gritou el-rei com alvoroço.—Como foi? como foi?

—Com a maior simplicidade. Dormiam ao pé d'elle tres soldados de cavallaria, com ordem de não largar os rebanhos. Beberam e deitaram-se. Na segunda noite, Jeronymo quando os viu pegados no somno, amarrou-os, poz-lhe mordaças na bocca, e rompeu depois o tambor. Montado na melhor egua, com um pampilho na mão, entrou em Portugal, e chegou a Elvas, seria meio dia. Os guardas, que ficavam no logar a meio quarto de legua, não sentiram nada; e acordando ao nascer do sol, tractaram de ajuntar os bois... Não havia bois. Acharam as muletas do coxo, os tres soldados prezos, e souberam então que ella tinha duas pernas famosas, e falava como um doutor. Quizeram tocar a rebate no tambor, estava roto! Quizeram correr atraz do inimigo, não tinham cavallos... Pelo seguro Jeronymo levou os pés de mais aos Philisteus! Assim, quando sahiram ao campo, e deram aviso ao conde de Resbourg em Badajoz, andavam já os nossos batedores á pressa recolhendo os toiros desgarrados. O peior foi que em vez do seu gado, o conde de Resbourg encontrou o visconde de Barbacena, que lhe assenton ainda em cima a mais completa derrota!... Aqui tem vossa magestade como este anno a feira passou de Guadalupe para Elvas, louvado seja Deus!

—E' uma grande façanha, Diogo de Mendonça. E os Hespanhoes?

—*Con su pan se lo comeron!* Disseram que *el zorro fue tentacion del demonio*... Tolos!

—Diogo de Mendonça, é preciso premiar o capitão.

—Vossa magestade obrará como grande rei. Um habitosinho de Christo e uma tença...

—Elle é casado?

—Está em perigo de o ser.

—E não lhe succedeu mais nada? Os Castelhanos hão de ter-lhe odio.

—De morte. Mas elle com os gados ficou melhor.

—De certo. Que entre.

Minutos depois, Jeronymo inclinava a cabeça e dobrava o joelho deante de el-rei; e sua magestade, dando-lhe a mão a beijar com affabilidade, admirava o ar brioso do capitão do seu exercito do Alemtejo.

—Jeronymo Guerreiro — disse o monarcha — estou contente com o teu serviço. Continua, e lembra-te de que el-rei deseja ter occasiões de premiar... O bastão de mestre de campo costuma achar-se nas trincheiras de uma praça de guerra, ou apanha-se no meio dos terços do inimigo... Diogo de Mendonça já recebeu as minhas ordens a teu respeito. Pódes retirar-te.

O mancebo, cheio de jubilo por esta recepção distincta, tornou a beijar a mão do monarcha, e inclinando-se disse apenas:

—A minha vida é curta para agradecer a munificencia de vossa magestade.

Depois fez as cortezias do costume, e retirou-se.

—Diogo de Mendonça — exclamou D. Pedro — gostei do teu protegido; fala com mui-

to acerto. Pódes dizer-lhe que lhe faço mercê do habito e mais da tença.

—E' de justiça, meu senhor. Quando vossa magestade o poz aos peitos de um preto, seria admiração não o conferir a um official brioso.

—De um preto?—gritou el-rei assombrado.

—Sim, meu senhor. Domingos Pires é negro como um azeviche, e de mais a mais barbeiro de profissão. Sinto na verdade, mas parece notavel que assente bem o vermelho sobre o preto, e que a navalha dê o habito.

—Padre Sebastião, isto o que quer dizer?—bradou o monarcha fazendo-se purpureo.

—Senhor!—accudiu tremendo o confessor—não fui eu....

—Tem razão...foi o infante. Ah, Francisco, Francisco! O habito de Christo a um preto, a um barbeiro! Que vergonha! Diogo de Mendonça, como se ha de valer agora a isto?

—Só com o painel da misericordia! O habito está enforcado no preto. Tire-se o negro para sumir o habito. Não vejo outro remedio.

—Então?

—Mandemos o pae Domingos tomar ares patrios. Despacha-se para Guiné...

—Para o fim do mundo!—gritou el-rei—Um barbeiro preto com o habito!?...Ah, Francisco! Diogo de Mendonça, despache o negro, e salve o habito...

— Occorre-me uma coisa...

— Diga.

— Ha de haver por força algum branco d'este nome. Procuramol-o, e dá-se-lhe o habito. Dizemos depois ao negro que foi engano.

Tanto mais, quanto de noite até os gatos brancos são pardos.

— Excellente! — disse el-rei a rir. — Mas Diogo de Mendonça, porque expediste essa mercê?...

— Eu, senhor? Não sabia. Vossa magestade é justo, é sabio, mandou-me as suas ordens, obedeci. Não tenho a rol os pretos forros que andam a caiar Lisboa, ou a escanhoar as barbas aos matelotes. Ia a sahir hoje, e apparece-me na escada um negro... bom negro! Vale cem mil reis no Brazil. Cuidei que o moleque pedia esmola... desgraçadamente agradecia-me o seu despacho. « Pois foi despachado? »

«Tive o habito de Christo.

«E vocemecê quem é?

«Sou barbeiro dos creados do senhor infante.

«E tem o habito, está certo?» «Vem n'este papel.» E vinha... por Deus! Disse ao preto que voltasse; mas pelo seguro esqueci-me, e metti o diploma no bolso. Aqui o tenho.

— Pois vá, Diogo de Mendonça, e veja se desencardimos a ordem de Christo de tal borrão. Padre Magalhães, acabemos a noite. O seu recommendado pòde vir. Ai que filhos me deu Deus!

O secretario das mercês sahiu, e instantes depois entrou o jesuita com os olhos baixos e humildes. A' porta, quando se inclinou poz a vista em el-rei com a força de intuição que era o dom precioso do seu genio; e leu-lhe na anciedade, em que a dor contrahia as feições, na pallidez da face e na tristeza mortal da physionomia, os progressos e a crise de uma enfermidade rapida, que os medicos não ti-

nham sabido adivinhar. O padre Ventura entendeu logo que el-rei D. Pedro era como se estivesse já em S. Vicente de Fóra, ao lado de seus paes.

El-rei, tambem com a firmeza de tacto, que dá a practica de tractar e conhecer os homens, achou o jesuita superior á sua humildade, e muito maior do que a obscura posição que figurava. Examinando-o silenciosamente, extendeu-lhe a mão, sem saber porque chamou a si toda a penetração, como se um instincto secreto o avisasse de que tinha deante de si, em vez de um religioso vulgar, uma potencia senhora do coração dos outros, porque dominava o seu, exclusiva e absoluta, porque na mão o poder era unico, porque a vontade e a intelligencia eram absolutas.

O padre tinha-se curvado: nem tanto que o respeito apparecesse como servidão, nem tão pouco que tomasse a côr de orgulho. Pousados na mão, o monarcha sentiu que elle tinha os beiços ainda mais frios do que o sorriso.

— Sebastião de Magalhães — observou D. Pedro, pezando as palavras e pondo os olhos como duas sentinellas no descórado semblante do jesuita — o meu confessor pediu-me uma audiencia da parte de vossa paternidade. Deve saber que D. Pedro II muitas vezes se tem levantado da meza para deferir aos mais obscuros vassallos. Não precisava de empenhos, padre, para chegar á presenca de el-rei. Um soberano tem obrigação de ouvir a todos, como espera que Deus o ouça a elle.

O jesuita sorriu-se, mas não abriu a physionomia. A vista do principe escorregou por

ella sem poder entrar no coração. Aquelle rosto impenetravel era como o aço de Milão nos guerreiros antigos, flexivel como seda, resistente como ferro.

—As virtudes d'el-rei são a felicidade dos seus vassallos e a admiração dos estrangeiros — respondeu sua paternidade, tornando a inclinar-se. Se eu viesse por negocio meu, diria ao soberano: aggravaram-me, senhor, e peço justiça! Estou certo, o ouvido de el-rei, que é o ouvido de Deus, ha de escutar-me. Venho falar á consciencia; por isso espero a occasião, dando a Deus infinitas graças, porque me attendem e me não despedem.

—Então o padre acha que a minha consciencia está em perigo?—accudiu D. Pedro sobresaltado.

—Sim, meu senhor, mas creio tambem na grandeza de vossa magestade, e na graça de Deus.

—E o que o traz?

—E' o meu dever, mais o serviço de el-rei.

—O meu serviço?

—E o de Deus!

—Explique-se!

—El-rei sabe que as lagrimas do innocente são de sangue, e que Deus as conta contra os perseguidores, porque Jesus Christo, que nunca chorou por si, muitas vezes chorou por nós. A mão de el-rei, levantada n'este momento, faz correr lagrimas de deshonra e de vergonha, que se não forem enxutas, hão de cahir de fogo sobre a cabeça do peccador. A coroa, senhor, fica na terra mais o corpo; e deante do juiz a alma do rei peza menos ás

vezes que a do escravo, porque peza segundo os seus merecimentos.

— Padre Ventura, fale! Se peccamos faremos penitencia; se alguem se queixa de nós ha de ter justiça. A quem aggravou sem causa a mão de el-rei? — disse o principe muito agitado.

— Uma innocente foi calumniada; e el-rei sem a ouvir, acreditou a calumnia. E' mal feito, senhor, Deus perdôa muito aos homens, mas pouco aos reis.

— De quem fala vossa paternidade? — exclamou D. Pedro II, cheio de terrores espirituaes, e curvando-se involuntariamente.

— De D. Catharina de Athaide, noviça em Santa Clara.

— Ah! — gritou el-rei, pondo-se de pé com olhos fitos e meio accesos de ira.

—Está innocente, está pura, foi calumniada! — proseguiu o jesuita, deixando cahir cada phrase, pezada como ferro, sobre o espirito do principe.

—Mas eu sei o contrario — disse o monarcha, recuando deante da voz do padre, e dos seus olhos irresistiveis.

—Vossa magestade não sabe, disseram-lh'o —respondeu friamente o jesuita.

—Ah! Então vossa paternidade é que sabe, e é o rei?

—Eu sei, vossa magestade o disse: e sei porque não sou o rei.

—Mas el-rei tambem é pae!

—Razão de mais. Os ultimos a saber a verdade n'estas coisas são sempre os paes.

—Então protesta-me que D. Catharina está

innocente? Que o principe real não foi a Santa Clara?

—Não affirmo senão que sua alteza nunca viu, nem falou a D. Catharina. Não sei nem digo mais.

—E as provas, padre?

—Tenho-as todas! — replicou o visitador elevando a voz.

—Quem deu o direito a vossa paternidade de falar alto deante de mim?—exclamou o, principe, refugiando-se atraz da coroa, porque se sentia fraco de coração para resistir.

—Quem tem na sua mão vassallos e reis. Quem disse a Lazaro, ergue-te! ao cego, vê! Foi Deus. E Deus tambem, que fez os reis á sua imagem, foi quem lhes confiou um sceptro, vara de justiça, e não açoute de tyrannos.

Falando assim, o padre Ventura assumia aquella auctoridade, aquelle poder de vontade e de eloquencia, que o tornava inspirado nas occasiões supremas. El-rei vacillante e quasi vencido, se não convencido, sumia-se na cadeira, e baixava os olhos para não sentir sobre o coração a vista profunda e cortante do jesuita, que lhe causava uma dôr moral, aonde quer que se fitava.

—O padre engana-se. Quem lhe disse que D. Catharina era innocente?—exclamou insistindo.

—Disse-o ella, e sei-o eu!

—Grande prova!—gritou el-rei com impeto.—Disse-o ella. E depois?

—Depois ainda accrescentei mais:—e sei-o eu.

—Ah, então?...

—E' claro. D. Catharina não recebeu a sua alteza, e não o podia amar.

—Não podia amal-o!? Porque?—accudiu o pae d'esta vez mais offendido no orgulho, do que o rei na vontade absoluta.

—Porque os ambiciosos é que amam por calculo: uma paixão verdadeira crê em Deus, e não espera, nem deseja mais do que ser feliz.

—Ah!—tornou el-rei a exclamar, ferido por esta allusão.—Continue!

—E o coração da mulher pura, das mulheres como Catharina, é muito grande para se fazer pequeno e muito nobre para se envilecer.

—Continue!—accudiu o principe, cerrando os dentes e empallidecendo.

— Acabei, senhor: D. Catharina ama o conde de Aveiras, e por isso el-rei já vê que não póde ter outra paixão.

— O padre esquece-se de que o amor do principe real... lisonjeia o orgulho, e que as damas se levam pela vaidade? — atalhou D. Pedro com um sorriso frio.

— Orgulho e vaidade são duas coisas, e não uma. O orgulho sem soberba eleva o espirito, não o declina. O principe real, perdoe vossa magestade, para D. Catharina é muito, e muito pouco. Muito pelo grande respeito que lhe deve. Muito pouco, porque ella quer subir até seu esposo, e não descer até á infamia.

— Não creio! — murmurou o principe abalado, mas insistindo ainda — As minhas informações...

— São falsas!... como o coração que as envenenou.

— Sabe de quem fala, padre Ventura? —

gritou el-rei ameaçando-o com a voz, com o gesto e com a vista.

— Não me pertencem os segredos de el-rei! — replicou este encontrando o seu olhar firme com a vista irritada do monarcha — Mas repito: quem quer que foi mentiu a vossa magestade, disse uma calumnia, e commetteu um crime. Isto affirmo eu de coração tão sereno, e sangue tão quieto como na America glorifiquei a Christo, sabendo que arriscava o corpo, mas exaltava a alma. Sou velho; estou cançado; e depois de muitos trabalhos sei, por experiencia, que um dia de mais ou de menos nada é; que uma cella pobre e estreita como a minha, ou um calabouço sem luz, é quasi a mesma coisa. De toda a parte se vê a Deus.

Este valor frio, esta abnegação pessoal, este desafio manso e apostolico do religioso inerme á colera do rei, envergonhou D. Pedro. Os braços cahiram-lhe sem alento; e a vista esmorecida perdeu o fogo. Atando o dialogo, o principe disse com bondade um pouco forçada:

— Ora vamos, padre Ventura! Sejamos razoaveis. O interesse que toma por D. Catharina não me parece natural. Não lhe é nada, creio.

— Vossa magestade engana-se. Sou seu confessor, seu pae espiritual, aquelle a quem Deus disse: — ama a minha filha, e esforça-te por a salvar.

— Mas se for culpada? — observou el-rei preoccupado.

— E se for innocente? — replicou o jesuita, dando á voz uma expressão particular.

— Meu Deus, illuminae-me! — gritou D.

Pedro, perdendo a cabeça, e sentindo recrudescer as dôres physicas com a intensidade de esta agitação.—Padre Ventura, isto não são coisas para decidir de leve.

—Por isso digo eu: antes de castigar, elrei devia ouvir.

—Mas eu: não puni ainda...

—El-rei fez mais. Não só puniu a quem julga criminoso, mas a quem sabia que era innocente.

—O padre mente!...—gritou D. Pedro exasperado.

Alguma côr veiu rosar de leve as faces pallidas do jesuita. Os olhos accenderam-se; as feições mortas animaram-se; a cabeça pousou-se erecta e altiva; a vista devorou entre chammas a palavra affrontosa, e o gesto, cheio de força, repelliu-a com magestade... Foi tudo instantaneo porém; o poder da vontade domou a ira em um momento, e fez cahir outra vez a mascara sobre o rosto. Quando respondeu, a sua voz tinha mais doçura, se é possivel, do que antes de receber a maior injuria.

—Senhor!...—exclamou—Agradeço a vossa magestade. Jesu-Christo, meu mestre, tambem recebeu na face um affronta, e respondeu com a paciencia. A verdade mata, senhor! Quando aqui vim já sabia que ou o meu corpo ou a minha alma haviam de sahir martyrizados. Vossa magestade preferiu a alma... é mais glorioso. Entrego-lh'a; póde satisfazer-se.

D. Pedro percebeu que estava prostrado moralmente aos pés d'este poderoso adversario. Depois da injuria não lhe restavam senão

dois caminhos—sahir como rei, ou como tyranno. Escolheu o mais nobre.

Olhando em redor, descobriu o padre Sebastião de Magalhães sumido com a parede, e desejando que ella se abrisse e o escondesse. O confessor tinha a cabeça quasi cosida ao peito; as roscas das barbas pendiam-lhe. A pallidez, a immobilidade, e o suor frio em que nadava e que a miudo embebia no lenço, faziam d'elle o retrato do pavor, colhido em flagrante.

El-rei teve dó do padre Sebastião, e admirou o padre Ventura. Por isso, virando-se para o ultimo, disse-lhe com nobreza:

—Desculpe, creio que me excedi sem querer!... Asseguro-lhe que el-rei não disse nada; e espero que não lh'o faça saber, porque havia de magoar-se, quasi tanto, como se morresse um de seus filhos.

—Vossa magestade acreditará que só me lembro... de que el-rei era digno de uma coroa, se a não tivesse—respondeu o jesuita, inclinando-se commovido.

—Sebastião de Magalhães—proseguiu o monarcha—agradeço-lhe o ter-me feito conhecer o padre Ventura. Os reis ganham sempre em tractar com homens como elle. Vamos! Eu dizia que D. Catharina me parecia culpada.

—E eu, que está innocente!—replicou o italiano, percebendo a delicadeza do principe que fôra atar a conversação justamente no ponto em que o rei se esquecêra de si.

—E sendo assim o que conclue?

—Que el-rei feriu mortalmente tres innocentes!

—Como?

—A honra vale mais do que a vida, e a honra de uma dama, cujo sangue é tão illustre, cuja familia se ennobrece de uma pobreza gloriosa, porque está sem mácula, é um thesouro sem preço...

—Ainda não percebo, padre Ventura...—atalhou el-rei carregando o rosto.

—Um momento e el-rei verá!... D. Catharina accusada de uma fragilidade, por vossa magestade, pelo primeiro cavalheiro da monarchia... fica deshonrada para sempre se el-rei a não salvar.

—Mas não a accusei: sómente...

—Ahi está: *sómente!?*... El-rei não póde ignorar, que duvidando *sómente* da honra de uma senhora, e el-rei duvida, porque o disse!... fere a d'ella, a de seu pae e a de seu esposo aos olhos do mundo.

—Padre Ventura, acredite que este segredo...

—Não é segredo. Sei-o como vossa magestade. A côrte, vendo sua alteza real no desagrado de seu pae, indagou a causa; e o senhor infante, entrando no paço pegou na honra de uma dama, e atirou-a sem piedade ás boccas da calumnia.

—Está certo?

—Como de estar aos pés de vossa magestade! D. Luiz de Athaide é fidalgo antigo. Ha de pedir justiça a el-rei da sua honra maculada; e como el-rei acredita que sua filha é culpada... D. Luiz de Athaide póde achar mais suave um suicidio, do que a infamia.

—Não. Não!

—O conde de Aveiras adora D. Catharina,

e já tem licença de seu pae para a pedir. Sabendo da nódoa que imprimiu no credito da sua noiva a mão de el-rei, mão que não pòde obrigar a apagal-a, o conde crê na infamia d'ella, e padece pela sua honra; ou não acredita, e a desgraça é maior ainda, porque não está em seu poder vingar a innocencia se o mundo pela bocca de el-rei a condemnasse... Em ambos os casos, vossa magestade puniu o conde, aviltou o pae e deshonrou a filha! E isto, senhor, aos olhos de Deus é de tremenda responsabilidade.

D. Pedro sentia-se profundamente agitado.

—Mas sabe de certo o padre, que ella está innocente? Sabe que fui mal informado?

—Juro deante de Deus, que sua alteza real era incapaz da traição que lhe imputam. D. Catharina é noiva do seu vedor, e o principe sabe dos seus amores, até se interessa por elles... Demais, ámanhã mesmo devia ella sahir de Santa Clara, e refugiar-se no deposito de uma familia honrada para se receber de lá com o conde de Aveiras, no caso de seu pae negar o consentimento. Aqui tem vossa magestade a prova.

E deu-lhe duas cartas. Uma do conde, outra da noviça, em que se marcava o dia e hora da evasão, e respirava em cada linha aquelle entranhavel amor, que el-rei conhecia por experiencia.

—Estou convencido!—exclamou o monarcha—Agora diga-me, padre; como ha de remediar-se o mal?

—Como os reis o sabem fazer, senhor!—respondeu o jesuita inclinando-se.—Uma ordem régia ao secretario das mercês, passada a re-

querimento do conde de Aveiras e D. Catharina, póde sanar metade. Mande el-rei que eu a tire do convento e a deposite em casa de Lourenço Telles, commendador de S. Miguel das Minas...

—Em casa de homem só?

—Não, meu senhor. Vive com elle uma sobrinha casada, e duas meninas; uma d'ellas foi educanda secular em Santa Clara...

—Bem! Traz o requerimento?

—Sim, meu senhor.

—Dê cá!

E o monarcha escreveu a ordem.

—Procure ámanhã o secretario Diogo de Mendonça, e vão ambos a Santa Clara. Que mais é preciso?

—Para ser reparação perfeita falta ainda metade d'ella.

—Diga!

—Conviria mandar chamar D. Luiz de Athaide ámanhã, antes que saiba...

—A'manhã depois da missa estará aqui.

—E ordenar-lhe que dê o seu consentimento para a alliança de sua filha com a casa de Aveiras. Naturalmente vossa magestade diz-lhe que tudo isto se faz por supplicas de sua alteza real...

—Dir-lh'o-hei; e far-se-ha constar na côrte. O dote da condessa é o meu presente de noivado.

—Feito isto, vossa magestade salvou tres innocentes, e deante de Deus ficará como um rei justo. As graças do soberano lavam tudo; e el-rei, constituindo-se protector de D. Catharina, prova que a estima e a põe acima das calumnias... Obrigado, senhor! Beijo as mãos

de vossa magestade quasi como beijaria os pés a Christo. Se o coração do pae foi severo, a alma do rei foi grande e generosa... Expiou nobremente o erro!

—Acha?—accudiu D. Pedro sorrindo-se.

—Acho, meu senhor, sem lisonja. Este acto se fosse o ultimo vossa magestade—accrescentou o jesuita com tristeza—seria sufficiente para se dizer a Portugal: perdeu-se um rei!

—Diga-me, padre Ventura, julga que a reparação é bastante aos olhos de Jesus Christo para elle interceder por mim deante de seu Eterno Pae?

—Senhor, os peccados do homem expiam-se pela penitencia, e com o arrependimento. Os erros dos principes quer Deus que sejam remidos por acções de rei. Vossa magestade foi como Deus n'este caso, restituiu a vida a tres pessoas. O mais, o passado deve lembrar como lição e aviso, mas sem terror... Jesus Christo não morreu pelos anjos, padeceu pelos homens. Se não houvesse senão justos... o reino do céu era menos glorioso de alcançar.

—Adeus, padre Ventura, venha ver-me. Parece-me que a noite acabou melhor do que julgavamos.

—Graças á grandeza de el-rei!—observou o jesuita inclinando-se para beijar a mão do monarcha.

—Não! Graças á dedicação do Padre. Tirou ao pae um grande pezo de cima do coração; e salvou o rei de uma injustiça flagrante... Não se esqueça: procure Diogo de Mendonça. Farei o resto.

—Quando passava pelo confessor, o jesuita

deixou-lhe cahir no ouvido estas palavras, que encerravam muitos volumes de politica e de moral:

—Viu? Os reis é preciso que elles queiram; e sabendo-se o caminho do seu coração, quasi sempre querem. Padre Sebastião, olhe! Os Portuguezes vão perder um monarcha de que se fazia um bom rei: e o peior é que depois de o matar, deixa-nos morrer tambem o homem. O padre não entendeu a alma nem o coração d'este principe! Podiamos fazel-o grande a elle, e sermos grandes com elle... Vossa paternidade não quiz! Seja feita a vontade de Deus.

Tres minutos depois, D. Pedro, levantando a cabeça d'entre as mãos e formando com os olhos uma longa interrogação, perguntou ao confessor:

—Este padre Ventura, está certo de que é só o que parece?

—Certissimo, meu senhor—accudiu o jesuita ainda convulso da jaculatoria do visitador, e estremecendo com a pergunta do real penitente.

—E' pena! Se não fosse estrangeiro, era um homem que ámanhan fazia secretario de estado, e a companhia de Jesus devia tel-o feito seu Geral ha muito tempo. Venha ajudar-me a rezar as minhas Horas.

Sebastião de Magalhães não disse nada, mas tremeu involuntariamente, ouvindo as penultimas palavras do monarcha.

—Geral?—murmurou seguindo a D. Pedro até ao oratorio—Ainda não! Mas ámanhan, mas um dia cedo? Em todo o caso tinha razão o padre Ventura: perdeu-se um bom rei, e

por minha culpa. Paciencia! Se me enganei com D. Pedro II, D. João V me vingará.

Mal previa o padre que fazia uma prophecia.

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE